

Ana Maria Ramos dos Santos



**VIOLÊNCIA NOS RELACIONAMENTOS ÍNTIMOS ENTRE
INDIVÍDUOS DO MESMO SEXO:
PREVALÊNCIA, CONTEXTOS E SIGNIFICAÇÕES**

Universidade Fernando Pessoa

Faculdade de Ciências Humanas e Sociais

Porto, 2015

Ana Maria Ramos dos Santos



**VIOLÊNCIA NOS RELACIONAMENTOS ÍNTIMOS ENTRE
INDIVÍDUOS DO MESMO SEXO:
PREVALÊNCIA, CONTEXTOS E SIGNIFICAÇÕES**

Universidade Fernando Pessoa

Faculdade de Ciências Humanas e Sociais

Porto, 2015

Ana Maria Ramos dos Santos

Assinatura: _____

VIOLÊNCIA NOS RELACIONAMENTOS ÍNTIMOS ENTRE INDIVÍDUOS DO MESMO
SEXO:

PREVALÊNCIA, CONTEXTOS E SIGNIFICAÇÕES

Dissertação apresentada à Faculdade de Ciências
Humanas e Sociais da Universidade Fernando
Pessoa, como parte integrante dos requisitos para a
obtenção do grau de Mestre em Psicologia Jurídica,
sob orientação da Professora Doutora Sónia
Caridade

Resumo

A violência nos relacionamentos íntimos é um fenómeno que pode afetar qualquer indivíduo, independentemente do género, religião, raça, étnia e nível sócio-económico, não sendo por isso, apenas uma forma de violência de género e, conseqüentemente, uma característica exclusiva aos relacionamentos heterossexuais. A necessidade urgente de aprofundar o conhecimento teórico ainda escasso sobre esta problemática e a dupla invisibilidade do mesmo, constitui, só por si, uma forte motivação para o estudo deste fenómeno entre pessoas do mesmo sexo.

Na revisão estruturada da literatura, levada a cabo no primeiro artigo, foram reunidas e analisadas 38 publicações que examinam a prevalência da violência nas relações de intimidade entre indivíduos do mesmo sexo. Estas publicações apontam para uma grande dispersão de índices de prevalência, os quais se situaram entre 7.6% e 89.9%. Foram identificadas diferentes formas de violência relatadas pelos/as participantes das diferentes publicações. A agressão psicológica destaca-se ao surgir na maioria dos estudos e por apresentar taxas de prevalência mais elevadas. Concluiu-se que este é um fenómeno disperso geograficamente e com problemas metodológicos associados que poderão estar na base da dispersão das taxas apuradas.

Partindo deste enquadramento conceptual, foram desenvolvidos dois estudos com vista a analisar os índices de prevalência desta problemática e compreender as suas dinâmicas, significados e sentimentos no contexto português. Deste modo, no segundo artigo, desenvolveu-se um estudo empírico de carácter quantitativo que teve como finalidade estudar a prevalência da violência nos relacionamentos íntimos entre parceiros/as do mesmo sexo, através da análise das Escalas de Táticas de Conflito Revisadas (CTS-2). Para tal, recorreu-se a uma amostra por conveniência de 168 indivíduos, com idades entre os 18 e os 35 anos ($M=22.50$; $DP=3.79$). Os resultados demonstraram elevados índices globais de abuso, na

forma perpetrada (92.3%) e vitimada (91.7%). A agressão psicológica foi a forma de violência mais relatada pelos/as participantes. Por sua vez, no terceiro artigo, desenvolveu-se um estudo de índole qualitativa, através da realização de 8 entrevistas, procurando conhecer a forma como os indivíduos experienciam e interpretam o fenómeno estudado. Verificou-se, através da análise de conteúdo, semelhanças e especificidades nas dinâmicas inerentes a este fenómeno comparativamente ao que ocorre em relacionamentos heterossexuais.

Os resultados da presente dissertação permitem reconhecer e reforçar a evidência crescente sobre a problemática estudada. A violência nos relacionamentos íntimos entre pessoas do mesmo sexo constitui, assim, um domínio importante de interesse para os/as profissionais, sobretudo, no sentido de serem desenvolvidas ações de prevenção, sensibilização e adequação da intervenção para este fenómeno em particular e respetivos atores.

Abstract

Intimate partner violence is a phenomenon that can affect any individual, regardless of gender, religion, race, ethnicity and socio-economic level, it is therefore not only a form of gender-based violence and, consequently, a unique feature to heterosexual relationships. The urgent need to deepen the still scarce theoretical knowledge on this issue and the double invisibility of it, constitute, by itself, a strong motivation for the study of this phenomenon among people of the same sex.

In structured literature review, carried out in the first article, there were pooled and analyzed 38 publications that examine the prevalence of violence in relationships of intimacy between same sex. These publications show a wide spread prevalence rates, which ranged between 7.6% and 89.9%. They have been identified different forms of violence reported by the participants of the different publications. The psychological aggression stands out to arise in most studies and have higher prevalence rates. It was concluded that this is a phenomenon dispersed geographically and associated methodological problems that could underpin the dispersion of the calculated rates.

Based on this conceptual framework, two studies have been developed to analyze the prevalence rates of this problem and understand its dynamics, meanings and feelings in the Portuguese context. In the second article, we developed an empirical quantitative study that aimed to analyze the prevalence of intimate partner violence in same-sex relationships, through the analysis of Tactics Scales Revised Conflict (CTS-2). To do this, we used a convenience sample of 168 individuals, aged between 18 and 35 years ($M= 22:50$; $SD= 3.79$). The results showed high overall rates of abuse, perpetrated in shape (92.3%) and victimized (91.7%). The psychological abuse was the most reported form of violence by the participants. In turn, the third article, we developed a qualitative study, by conducting eight interviews, seeking to know how individuals experience and interpret the phenomenon studied. It was

found through content analysis, similarities and specificities in the dynamics inherent to this phenomenon compared to what occurs in heterosexual relationships.

The results of this thesis allow us to recognize and reinforce the growing evidence on the problem studied. Intimate partner violence among same sex couples constitutes, therefore, an important area of interest to professionals, especially in order to developed prevention, awareness and effective intervention for this phenomenon in specific and respective actors.

À minha irmã, a bússola nos meus sete mares

Agradecimentos

A conclusão da presente dissertação assume-se, inevitavelmente, como um momento importante na minha vida e nas mais diversas áreas da mesma. É o culminar de muitos e muitos anos, dias e horas investidos numa procura incessante de ser mais e melhor, tanto pessoalmente como profissionalmente, o que me leva a ser invadida por um sentimento de realização que há muito anseava. À medida que revejo este meu percurso, numa retrospectiva saudosista, consciencializo-me do quão importante foi para o meu crescimento pessoal, sendo-me impossível não estar profundamente grata às muitas pessoas que tornaram possível o cumprimento deste objetivo.

Em primeiro lugar, agradeço à Professora Sónia Caridade pelo inegável contributo e preocupação, pelo imensurável apoio, compreensão, pela motivação e reforços positivos que me levaram a não desistir e, acima de tudo, a confiança depositada em mim. Sem o seu compromisso, atenção e constante disponibilidade, não seria possível chegar a bom porto.

Às associações e pessoas anónimas que colaboraram connosco, na divulgação do estudo, as quais se mostraram desde logo interessadas e motivadas para contribuírem de alguma forma para uma sociedade mais sã.

A todos os/as inquiridos/as que disponibilizaram parte do seu tempo para contribuírem de forma imensurável para esta dissertação. Para todos/as os/as entrevistado/as, o meu profundo agradecimento pela gentileza na partilha de experiências tão pessoais quanto as que foram partilhadas.

À Capela pela incessante preocupação e contributo constante na divulgação do estudo.

À Bruna por me mostrar o quão importante era desenvolver esta dissertação e que, independentemente das dificuldades que nos são colocadas, vale a pena desenvolver todos os esforços para conhecermos a realidade que nos envolve de forma a compreendê-la e intervir sobre a mesma. Não posso deixar de te agradecer pelo esforço constante para que o estudo

chegasse ao maior número de pessoas, pelas constantes ideias criativas e por me lembrares, mesmo quando pensava em desistir, que há propósitos maiores que nós próprios.

À Marisa por estar sempre presente e disponível para ouvir os meus devaneios, pelas correções sugeridas e por me apoiar em tudo o que eu preciso, nem que isso implique colmatar as minhas fragilidades informáticas.

À Isa, a minha parceira de mestrado. Obrigada por teres tornado este mestrado muito mais interessante. Obrigada pelas correções meticolosas, pelos preciosismos e, essencialmente, por abrires sempre os meus horizontes e enriqueceres-me enquanto pessoa e, quem sabe, futura profissional.

À Inês...a minha pessoa... obrigada pelas palavras. Obrigada principalmente pelos silêncios! Tornaste o meu percurso académico bem mais colorido, mais luminoso e a minha vida tão mais rica. Obrigada por me acompanhares nas diversas vertentes da minha vida, mesmo nos tempos de tempestade. A tua lealdade é imensurável! Efetivamente, nós somos do tamanho do que vemos e tu minha querida, és do tamanho do mundo!

À Filipa, por me mostrar que os bons e maus dos contos de fada existem. Pelos lanches e pela constante simpatia.

À Reitoria da Universidade Fernando Pessoa, aos seus funcionários e corpo docente por me incentivarem constantemente a crescer e me proporcionarem alguns dos melhores momentos da minha vida e que ficarão comigo para sempre. Obrigada pela excelência que aqui se cultiva e nos é exigida. Obrigada pelas relações que são fomentadas. Obrigada por mostrarem que o ensino não é melhor sendo eu um número, mas sim sendo a Ana. Obrigada pelo apoio, exigência e proximidade que faz a qualidade do ensino nesta instituição! De facto o que aqui nos é transmitido, não só pelos docentes como pelos estudantes, é o melhor dos presentes que uma universidade pode dar aos seus estudantes e à sua sociedade. Eu amo esta casa que nos acolhe e a que nos representa! E estarei sempre profundamente grata a ambas! É

por certo esta a herança mais rica e autêntica que levo: os momentos passados com as pessoas e o trabalho desenvolvido por todos!

Não posso deixar de evocar o NúcleoPsi-AEUFPP e o associativismo que me permitiu conhecer outras realidades, novas pessoas e encontrar novos rumos, mas mais do que isso...por me mostrar que o associativismo é um ato contínuo de profunda humildade e que, apesar das forças colegiais que se vêem por aí fora, existe também muita integridade humana.

Por fim, e não menos relevante, ao meu núcleo familiar. À minha irmã, minha inspiração diária e ao meu cunhado, o irmão que me foi dado pela minha irmã (talvez dos melhores feitos por ela alcançados), um profundo obrigada por aquela noite de 30 de maio de 2004, nunca vos poderei compensar pela vossa amabilidade e bondade. À minha mãe por, mesmo sem se aperceber, me mostrar que é na diferença que reside a força motriz da vida... Obrigada por me lembrarem e viverem comigo os momentos de maior felicidade e, principalmente, os de maior instabilidade. Ficar-vos-ei para sempre e eternamente grata!

A todas as pessoas que pela minha vida passaram e algo deixaram...obrigada.

A todos eu deixo o meu imenso obrigada!

Índice

Índice de Tabelas

Lista de acrónimos

Introdução Geral.....	1
Artigo 1.....	5
Prevalência da violência em relacionamentos íntimos entre pessoas do mesmo sexo: uma revisão da literatura.....	5
Artigo 2.....	45
Violência em relacionamentos íntimos em indivíduos do mesmo sexo: estudo quantitativo	45
Artigo 3.....	76
A experiência abusiva em relacionamentos íntimos do mesmo sexo: uma abordagem qualitativa	76
Conclusão Geral	98
Referências Bibliográficas	103
Anexos	105
Anexo A.....	106
Anexo B	107
Anexo C	108
Anexo D.....	109

Índice de Tabelas

Tabela 1 <i>Relação de estudos da prevalência da violência nos relacionamentos íntimos entre pessoas do mesmo sexo</i>	9
Tabela 2 <i>Caracterização sócio-demográfica dos participantes</i>	54
Tabela 3 <i>Caracterização do último relacionamento íntimo com parceiros do mesmo sexo</i>	55
Tabela 4 <i>Vitimação e perpetração nos relacionamentos de intimidade no último ano</i>	60
Tabela 5 <i>Comparação, por gênero, das prevalências de comportamentos abusivos</i>	61
Tabela 6 <i>Comparação, por tipo de relacionamento íntimo, das prevalências de comportamentos abusivos</i>	62
Tabela 7 <i>Relação entre a duração do relacionamento íntimo e as prevalências de comportamentos abusivos</i>	63
Tabela 8 <i>Caracterização sócio-demográfica dos participantes</i>	82

Índice de Anexos

Anexo A

- Escalas de Táticas de Conflito Revisadas (CTS-2)

Anexo B

- Protocolo de Investigação

Anexo C

- Correlações entre tipos de abusos perpetrados e vitimados

Anexo D

- Guião de Entrevista

Anexo E

- Critérios temáticos de categorização

Lista de Acrónimos

APAV – Associação Portuguesa de Apoio à Vítima

E.U.A. – Estados Unidos da América

LGB – Lésbicas, Gays e Bissexuais

LGBT – Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgéneros

SPSS – Statistical Package for the Social Sciences

Introdução Geral

A violência nos relacionamentos íntimos entre pessoas do mesmo sexo é ainda um fenómeno cuja investigação escasseia. Apesar da problemática da violência nas relações de intimidade ter estado sobre o foco da atenção social desde a segunda metade do século passado, muito por impulso do movimento feminista (Jasinski & Williams, 1998, citados por Costa, Machado, & Antunes, 2011), tem-se constatado, nos dias de hoje, áreas por explorar, nomeadamente, no que diz respeito à violência nas relações de intimidade entre parceiros/as do mesmo sexo (Santos, 2012).

Um dos primeiros estudos publicados sobre a violência nas relações de intimidade entre pessoas do mesmo sexo em concreto foi desenvolvido por Brand e Kidd (1986, citados por Antunes & Machado, 2005), no qual se verificou, através dos relatos de vitimação, que homens em relações heterossexuais adotam mais comportamentos agressivos quando comparados a mulheres lésbicas. Neste âmbito, Bologna, Waterman e Dawson (1987, citados por Antunes & Machado, 2005) constataram que, numa amostra de 174 mulheres, 26.4% das mulheres lésbicas admitiram a vitimação de, pelo menos, um comportamento sexual abusivo, 59.8% de violência física e 81% de abuso psicológico. Por sua vez, num dos últimos estudos publicados sobre esta temática, verificou-se que 25% da amostra (n=209 mulheres) havia relatado a adoção de comportamentos violentos em relação à sua companheira (Milletich, Gumienny, Kelley, & D’Lima, 2014).

Já no contexto português, o primeiro estudo publicado reporta ao ano de 2005, por Antunes e Machado, no qual se verificou que, numa amostra de 63 participantes homossexuais, 20.6% da mesma assumiu ser vítima de violência na relação atual e 15.9% reconheceu a adoção de atos abusivos com os/as seus/suas companheiros/as. Ainda relativamente a este estudo, verificou-se que 61.9% dos/as participantes experienciou

comportamentos violentos por parte do/a parceiro/a e 46% admitiu a adoção destes contra o/a companheiro/a (Antunes & Machado, 2005). O último estudo publicado em Portugal que se refere a esta temática revelou que 35.1%, de uma amostra de 151 participantes, relatou ter sido vítima de violência emocional, 24.5% admitiu ter sido alvo de violência física pelo/a companheiro/a e 3.3% revelou ter sofrido de violência sexual pelo/a parceiro/a. Em termos de perpetração, 30.5% da amostra revelou a adoção de pelo menos um ato de violência sobre o/a seu/sua companheiro/a, 24.5% relatou ter sido fisicamente violento em relação ao seu companheiro/a e 0.7% admitiu ter cometido pelo menos um ato abusivo de caráter sexual contra o/a parceiro/a (Costa et al., 2011). Importa destacar que, no que se refere ao estudo da prevalência do fenómeno da violência nos relacionamentos íntimos em indivíduos que mantenham relações com pessoas do mesmo sexo, os dois estudos supramencionados foram os únicos desenvolvidos e publicados em território nacional. Contudo, em 2010, Topa desenvolveu um estudo qualitativo com duas mulheres lésbicas que haviam experimentado violência nos seus relacionamentos íntimos, no qual, a partir dos seus relatos, se verificou a presença de violência psicológica e física e perceções de discriminação e estigmatização da sociedade face a estes relacionamentos.

A escassez de estudos sobre a violência nos relacionamentos íntimos entre parceiros/as do mesmo sexo tem sido justificada pela associação deste fenómeno à população heterossexual, na qual a mulher, desde sempre, é tendencialmente posicionada no domínio da vitimação e o homem no da perpetração (Murray, Mobley, Buford, & Seaman-DeJohn, 2006/2007). Por outro lado, Santos (2012) considera que fatores como a homofobia e o heterossexismo existentes na sociedade são potenciadores de discriminação e estigmatização social e, neste sentido, promovem a invisibilidade do fenómeno da violência em relacionamentos deste teor. Esta é uma das razões subjacentes à dificuldade de acesso aos/às envolvidos/as pelo silêncio que promove às vítimas desta forma de abuso. Além da dificuldade em desenvolver estudos

com elementos que tenham experiência em relacionamentos íntimos com pessoas do mesmo sexo verifica-se que, mesmo quando é alvo de investigação, esta não se encontra facilmente disponível ao público em geral (Rohrbaugh, 2006).

Não obstante, e tendo como base o enquadramento legal português, verifica-se que, desde a revisão realizada no ano de 2007, ao artigo 152, n.º1, alínea b), o código penal consagra a existência de crime de violência doméstica abrangendo indivíduos de outro ou do mesmo sexo, prevendo deste modo, relacionamentos de caráter homossexual. Deste modo, no relatório anual de monitorização sobre a violência doméstica mais recente, o qual se refere ao ano civil de 2013, disponibilizado pelo Ministério da Administração Interna (2014), verifica-se que, nas relações de namoro, 3 a 4% das situações denunciadas são referentes a relacionamentos entre pessoas do mesmo sexo.

Tendo como base os pressupostos referidos, esta dissertação de mestrado tem como objetivo dar um contributo útil na investigação deste fenómeno ao estudar a prevalência da violência nos relacionamentos íntimos entre parceiros/as do mesmo sexo e compreender as dinâmicas, os significados e sentimentos vivenciados associados a esta problemática, com vista a potenciar e servir de apoio a ações de prevenção e intervenção neste domínio. Desta forma, importa destacar que a presente dissertação não teve como objetivo conhecer a orientação sexual dos/as seus/suas participantes, tendo sempre como vetor norteador o estudo da violência nos relacionamentos íntimos entre indivíduos do mesmo sexo *per si*, quer estes se auto-identifiquem como heterossexuais, bissexuais, homossexuais ou outros.

A presente dissertação apresenta uma estrutura diferente da tradicional, sendo assim constituída por uma introdução seguida de três artigos científicos, os quais se pretendem submeter para publicação em revistas da especialidade, tendo como intuito o aprofundamento do conhecimento deste fenómeno no contexto português, e, por fim, uma conclusão geral. O primeiro artigo, de índole profundamente teórica, caracteriza o panorama nacional e

internacional sobre a investigação desenvolvida nesta área, em termos de prevalência. O segundo artigo é um estudo empírico que pretendeu conhecer a prevalência da violência nos relacionamentos íntimos entre parceiros/as do mesmo sexo, com recurso a uma metodologia quantitativa. O terceiro artigo, também de carácter empírico, pese embora recorrendo a uma abordagem metodológica qualitativa, procurou compreender a experiência subjacente à violência nos relacionamentos íntimos entre indivíduos do mesmo sexo, através das suas dinâmicas, significados e sentimentos. Por último, foram mencionadas algumas limitações e potencialidades inerentes aos estudos empíricos desenvolvidos, tendo-se procurado extrair pistas para investigações futuras e contributos para a prática, nomeadamente, ao nível das políticas de prevenção e intervenção sobre este fenómeno e seus atores.

Artigo 1

**Prevalência da violência em relacionamentos íntimos entre pessoas do mesmo
sexo: uma revisão da literatura**

**Prevalência da violência em relacionamentos íntimos entre pessoas do mesmo sexo:
uma revisão da literatura**

Ana M. R. Santos, 21309@ufp.edu.pt

Universidade Fernando Pessoa

Resumo

Este artigo apresenta uma revisão estruturada da literatura de 38 estudos que examinam a prevalência da violência nas relações de intimidade entre indivíduos do mesmo sexo, com vista à caracterização do panorama internacional e nacional em matéria de investigação nesta área. Neste sentido, procedeu-se a uma análise e reflexão do cenário atual desta temática, atendendo-se a aspetos como: a localização geográfica dos estudos, as características da amostra, os instrumentos utilizados, as taxas de prevalência e as formas de violência registadas. Para compilar esta lista de publicações, procedeu-se a uma pesquisa relativamente organizada, nas línguas inglês, espanhol e português, nas bases de dados eletrónicas *PubMed/National Library of Medicine, SciELO e B-ON*, entre 30 de setembro de 2014 a 30 de agosto de 2015. Para tal, recorreu-se ao cruzamento das palavras-chave: *dating violence, domestic violence, intimate partner violence, sexual violence*, com *LGBT (lesbian, gay, bisexual e transgender), homosexuality, same-sex relationships*. Todos os estudos foram publicados entre 1999 e 2014. Estes revelaram uma grande dispersão de taxas de prevalência apuradas que, genericamente, se situaram entre 7.6% e 89.9%, afetando, de uma forma transversal, homens e mulheres. O abuso psicológico foi a forma de violência mais comumente referida com índices de prevalência mais elevados. Alerta ainda para alguns problemas metodológicos associados à investigação deste fenómeno e suas implicações. Através do presente estudo, verificou-se a escassez de investigações deste fenómeno entre indivíduos do mesmo sexo, sendo este um objeto de estudo algo emergente quando

comparado às relações ditas tradicionais, verificando-se deste modo, a existência de domínios por explorar.

Palavras-chave: Violência; Pessoas do mesmo sexo; Relacionamentos íntimos; Estudos de prevalência.

Abstract

This article presents a structured literature review of 38 studies that examine the prevalence of intimate partner violence in same-sex relationships in order to characterize the international and national scene for research in this area. To do this, was necessary an analysis and reflection of the current view of this issue, aspects such as the geographic location of the studies, sample characteristics, the instruments used, prevalence rates and forms of violence. To compile this list of publications, it was necessary to proceed a organized research, in English, Spanish and Portuguese, at the electronic databases PubMed / National Library of Medicine, SciELO and B-ON, between September 30, 2014 to 30 August, 2015. We used the crossing of keywords: dating violence, domestic violence, intimate partner violence, sexual violence, with LGBT (lesbian, gay, bisexual and transgender), homosexuality, same-sex relationships. All studies were published between 1999 and 2014. These showed a wide spread prevalence rates that ranged between 7.6% and 89.9%, affecting, in a similar way, males and females. Psychological abuse was the form of violence most commonly reported with higher prevalence rates. It also referred some methodological problems associated with the investigation of this intimate partner violence and its implications. This article shows the shortage of investigations that examine intimate partner violence in same-sex relationships, which is an emerging object of study when compared to so-called traditional close relationships, verifying thus the existence of areas to explore.

Key-words: Violence; Same-sex; Intimate partner relationships; Prevalence studies

Introdução

O estudo da violência nos relacionamentos de intimidade começou a ser foco de atenção social principalmente na década de 70, tendo-se iniciado um vasto movimento de investigação acerca deste fenómeno, primeiramente voltado para as relações de conjugalidade e, mais tarde, alargaram-se às relações de namoro (Jasinski & Williams, 1998, citados por Costa, Machado, & Antunes, 2011). Contudo, a maioria da investigação desenvolvida tende a centrar-se nos relacionamentos heterossexuais, na qual o homem é tendencialmente associado ao papel de ofensor e a mulher ao de vítima (Richards, Noret, & Rivers, 2003), já que as relações homossexuais são percebidas como sendo igualitárias e, conseqüentemente, isentas de violência íntima (Antunes & Machado, 2005). Não obstante a esta representação da violência entre parceiros/as íntimos/as como sendo tipicamente heterossexual, verificou-se que é uma problemática presente também em relacionamentos homossexuais (Banks & Fedewa, 2012; National Coalition of Anti-Violence Programs Programs ([NCAVP], 2013), não sendo por isso uma “característica” exclusiva das relações heterossexuais (Matte & Lafontaine, 2011; Murray, Mobley, Buford, & Seaman-DeJohn, 2006/2007). Desta forma, o estudo da violência entre pessoas do mesmo sexo teve início no final dos anos 80, a partir de relatos de experiências de vitimização íntimas partilhadas por alguns sujeitos homossexuais (Gelles, 1997 citado por Turell, 2000), verificando-se, deste modo, semelhanças no tipo de maus tratos exercidos em relações homossexuais e heterossexuais, e as quais tendem a envolver abusos físicos, emocionais, sexuais, isolamento social e injúrias (Gelles, 1997 citado por (Antunes & Machado, 2005; Turell, 2000).

O propósito desta revisão estruturada da literatura foi caracterizar o panorama internacional e nacional em matéria de investigação da prevalência da violência nos relacionamentos íntimos entre pessoas do mesmo sexo, apresentando assim, os diferentes estudos disponíveis sobre esta temática. Neste sentido, sucedeu-se a uma análise e reflexão

do cenário atual desta temática, atendendo-se a diferentes aspetos como: a localização geográfica dos estudos, as características da amostra, os instrumentos utilizados, as taxas de prevalência e as formas de violência registadas. Para compilar esta lista de publicações, procedeu-se a uma pesquisa relativamente organizada, nas línguas inglês, espanhol e português, de artigos em revistas que contivessem estimativas de prevalência de violência nas relações íntimas de indivíduos do mesmo sexo, tendo assim recorrido ao cruzamento das palavras-chave: *dating violence, domestic violence, intimate partner violence, sexual violence*, com *LGBT (lesbian, gay, bisexual e transgender), homosexuality, same-sex relationships*. Foram ainda utilizadas as bases de dados eletrónicas *PubMed/National Library of Medicine, SciELO e B-ON*.

1. A prevalência da violência nos relacionamentos íntimos entre pessoas do mesmo sexo

Tabela 1

Relação de estudos da prevalência da violência nos relacionamentos íntimos entre pessoas do mesmo sexo

Estudo	Continente/ País	Método			Resultados/ Conclusões
		Objeto	Amostra	Instrumentos	
	<u>América do Norte</u>				
Scherzer (1998).	E.U.A.	Analisar a prevalência do abuso físico e emocional nas relações amorosas de lésbicas.	200 participantes do sexo feminino que se auto-identificaram como sendo lésbicas, com idades	QAR ^a	<ul style="list-style-type: none"> ▪ 17% das participantes relatou ter experimentado abuso físico em algum momento durante a sua relação atual ou mais recente; ▪ 31% da amostra relatou ter sofrido abuso emocional durante a sua relação atual ou mais recente; ▪ 6.5% das inquiridas indicou que, apesar dos

			compreendidas entre os 21 e os 50		seus atuais relacionamentos não serem abusivos, os anteriores foram.
Toro-Alfonso (1999).	Porto Rico	Analisar a ocorrência de violência doméstica em casais homossexuais e a relação entre a violência doméstica ocorrida com homens gays e a transmissão de HIV	151 participantes homossexuais (58% do sexo masculino e 41% do sexo feminino)	QA ^b	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Entre 7 a 13% dos/as participantes relatou, pelo menos, um tipo de abuso físico no seu relacionamento, no qual eram vítimas. ▪ Cerca de 50% da amostra relatou casos frequentes de abuso emocional e psicológico. ▪ 10% dos participantes do sexo masculino admitiu que o seu parceiro já havia usado da força física para manter relações sexuais contra a sua vontade. ▪ 15% dos participantes do sexo masculino relatou a existência de pressão para a ocorrência de penetração anal sem o uso de preservativo.
Turell (2000).	E.U.A.	Analisar a prevalência da violência nos relacionamentos homossexuais (lésbicas, bissexuais e indivíduos que mudaram de sexo).	499 participantes (46% de homens, 53% de mulheres e 1% de indivíduos que se identificaram como do sexo masculino para transexual feminino), com idades compreendidas entre 16-74 anos.	QAR	<ul style="list-style-type: none"> ▪ 9% da amostra revelou ter experienciado abuso físico nos seus relacionamentos atuais e 32% fez esta referência a relacionamentos anteriores. ▪ O abuso emocional foi relatado por 83% dos/as participantes. ▪ 12% dos/as participantes indicou que tinha experienciado pelo menos um comportamento sexual abusivo por parte do seu parceiro. ▪ 1% dos/as participantes afirmou ter sido forçado/a a ter relações sexuais nos seus relacionamentos atuais e 9% fez esta referência a relacionamentos passados. ▪ As mulheres relataram frequências mais altas do que os homens para o abuso físico (55% vs. 44%), coerção (59% vs. 42%),

					humilhação (77% vs. 62%), ameaças (57% vs. 45%) e uso de crianças como ferramentas de controlo (12% vs. 5%). <ul style="list-style-type: none"> ▪ 53% dos/as participantes refere ter experienciado abusos em pelo menos dois relacionamentos. ▪ 55% dos relacionamentos abusivos teve uma duração mínima de 2 anos e 25% refere-se a durações mínimas de 5 anos.
Greenwood, Relf, Huang, Pollack, Canchola, & Catania (2002).	E.U.A.	Analisar a prevalência da violência (física, sexual e psicológica) em relacionamentos de homens (hétero, homo e bissexuais) que têm sexo com homens, procurando identificar as características destes.	2881 Indivíduos do sexo masculino com idades compreendidas entre os 18 e os 60 anos e que mantinham relações sexuais com elementos do mesmo sexo nos últimos 5 anos.	CTS ^c	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Verificou-se que 39.2% da amostra experienciou algum tipo de violência em relacionamentos íntimos. ▪ 34% dos participantes referiu a existência de violência psicológica. ▪ 22% dos relatos correspondiam a violência física e 5% a violência sexual. ▪ 18.2% da amostra relatou a existência de mais do que um tipo de violência no(s) seu(s) relacionamento(s).
Freedner, Freed, Yang, & Austin (2002).	E.U.A.	Caracterizar a prevalência da violência no namoro experienciado por gays, lésbicas e bissexuais (GLB), e adolescentes heterossexuais.	521 adolescentes (32.8% do sexo masculino e 67.2% do sexo feminino) com idades compreendidas entre os 13-22	Lifetime Experiences of Dating Violence ^d	<ul style="list-style-type: none"> ▪ 40% da amostra relatou pelo menos um incidente de violência, através de abuso emocional, físico ou sexual por um/a parceiro/a do mesmo sexo. ▪ 41.5% dos relatos referiam-se a elementos do sexo masculino que se identificavam como gays e 37.1% a mulheres identificadas como lésbicas.

			anos, provenientes de grupos de jovens LGB.		
McClenn en, Summers , & Daley (2002).	E.U.A.	Avaliar o desequilíbrio de poder entre casais de lésbicas que resultam em violência.	78 participantes do sexo feminino.	LE-PAS-R ^e	<ul style="list-style-type: none"> ▪ 57.7% das participantes relatou experiências abusivas em relacionamentos íntimos. ▪ 3% das participantes ainda se encontrava em relacionamentos violentos. ▪ 91.5% da amostra relatou experiências de abuso emocional, 63.8% de abuso físico, 46.8% de abuso financeiro e 14.9% de outras formas de violência. ▪ 48.9% da amostra afirmou ter sido vítima de violência frequentemente e 37.8% numa base diária.
Telesco (2003).	E.U.A.	Descrever a prevalência da violência por parceira íntima e identificação de preditores do comportamento abusivo.	105 participantes homossexuais do sexo feminino.	QAR BSRI ^f	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Os resultados revelaram níveis altos de abusos em 34% da amostra. ▪ 25% da amostra revelou ter experienciado violência física e psicológica. ▪ 75% da amostra assumiu ter tido comportamentos violentos em relação à sua parceira atual.
Halpern, Young, Waller, Martin, & Kupper (2004).	E.U.A.	Determinar a prevalência da violência psicológica e física entre adolescentes envolvidos em relações amorosas do mesmo sexo.	117 adolescentes com idades entre 12-21 anos (52 indivíduos do sexo masculino e 65 do sexo feminino).	<i>Wave II Add Health Questionnaire</i>	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Quase 1/4 dos adolescentes (24.3%), que tinham relações amorosas com pessoas do mesmo sexo, relatou algum tipo de vitimação. ▪ 1 em cada 10 participantes da amostra admitiu a existência de vitimação física. ▪ As raparigas referiram mais a presença de violência psicológica (26.3%) do que os rapazes (14.6%) nas suas relações. ▪ A violência física foi a mais referida pelos

					elementos do sexo feminino (28.6%) do que pelos elementos do sexo masculino (18.3%).
Owen & Burke (2004).	E.U.A.	Determinar a prevalência da violência doméstica em relacionamentos do mesmo sexo.	66 indivíduos auto-identificados como homossexuais, com idades compreendidas entre os 25 e os 75 anos (33 do sexo feminino e 33 do sexo masculino).	QAR	<ul style="list-style-type: none"> ▪ 56.1% da amostra revelou ter experienciado pelo menos uma forma de violência nos seus relacionamentos. ▪ Os comportamentos abusivos mais referidos pela amostra (1/4) foram: humilhação ou insultos, agressão física e destruição de propriedade.
Toro-Alfonso & Rodríguez-Madera (2004a).	Porto Rico	Compreender a ocorrência de violência doméstica entre casais do mesmo sexo.	199 participantes do sexo masculino que se identificam como homossexuais, com uma média de idades de 29 anos.	QA	<ul style="list-style-type: none"> ▪ A violência emocional foi relatada por 48% dos participantes. ▪ 25% dos participantes admitiu ter sido vítima de violência sexual. ▪ 26% dos participantes relatou ter experienciado algum tipo de abuso físico nos seus relacionamentos. ▪ 24% dos participantes indicou ter a percepção que se encontra em relacionamentos abusivos.
Toro-Alfonso & Rodríguez-Madera (2004b).	Porto Rico	Analisar as experiências de homossexuais com violência doméstica e a coerção sexual no contexto da epidemia de VIH.	302 participantes do sexo masculino (81% auto-identificaram-se como gay e 19% como bissexuais)	<i>Cuestionario sobre violencia doméstica en parejas de hombres gay puertorriqueños</i> ^s	<ul style="list-style-type: none"> ▪ 48% dos participantes relatou experiências de violência psicológica nos seus relacionamentos. ▪ 26% da amostra relatou ter experienciado violência física. ▪ 27% partilhou pelo menos um incidente de coerção sexual ou sexo não consensual com os seus parceiros.

			diagnosticados com HIV, com uma média de idades de 31 anos.		
Balsam & Szymanski (2005).	E.U.A.	Analisar a prevalência de abuso nos relacionamentos íntimos entre mulheres lésbicas.	272 participantes do sexo feminino, com idades compreendidas entre 18 e 66 anos.	CTS-2 ^h OI ⁱ LIHS ^j DAS ^k	<ul style="list-style-type: none"> ▪ 40% dos participantes relatou que tinha sido física ou sexualmente violenta numa relação íntima; 44% afirmou ter sido vítima de violência física ou sexual por parte de uma parceira. ▪ 31% das participantes relatou que a violência era bilateral; 10% da amostra afirmou apenas vitimação, enquanto que 7% relatou apenas perpetração.
Craft & Serovich (2005).	E.U.A.	Determinar a prevalência de violência por parceiro íntimo em homens homossexuais seropositivos.	51 homens seropositivos com idades compreendidas entre os 25 e os 63 anos.	CTS-2 FOVS ^l	<ul style="list-style-type: none"> ▪ 78.4% dos participantes admitiu a perpetração de agressão psicológica e 39.2% de violência física. ▪ 72.5% da amostra indicou que tinha sido vítima de abuso psicológico e 45.1% de violência física. ▪ A coação sexual foi perpetrada por 27.5% da amostra. ▪ 33.3% da amostra revelou ter sido coagida sexualmente pelos seus parceiros. ▪ 1/4 dos participantes revelou ter causado danos físicos aos seus parceiros, enquanto 23.5% admitiu ter sofrido ferimentos físicos infligidos pelos seus companheiros.
Madera & Toro-Alfonso (2005).	Porto Rico	Determinar a prevalência de violência doméstica em homens	302 participantes do sexo masculino que se	QA	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Cerca de metade dos participantes revelou ter experienciado algum tipo de violência nos seus relacionamentos. ▪ 27% dos participantes considera-se vítima

		homossexuais.	identificavam como homossexuais, com uma média de idades de 31 anos.		de violência doméstica. <ul style="list-style-type: none"> ▪ 14% dos participantes que se identificaram como vítimas, afirmaram ter procurado ajuda por esse motivo. ▪ 29% dos participantes admitiu pensar que os seus parceiros já haviam sido vítimas de abuso em relacionamentos anteriores.
Mena, Rodríguez & Malavé (2005).	Porto Rico	Compreender as manifestações da violência doméstica em casais homossexuais.	197 participantes de ambos os sexos que se encontravam em relacionamentos íntimos homossexuais e com idades compreendidas entre os 21 e 62 anos.	<i>Cuestionario sobre la violencia doméstica en parejas de hombres gay puertorriqueños^m</i>	<ul style="list-style-type: none"> ▪ 41.6% da amostra revelou pelo menos um incidente de violência em alguma das suas relações. Destes, 20.3% são homens e 19.3% mulheres. <p>Contudo, e em contraste com os dados acima descritos, as mulheres lésbicas identificaram com maior frequência comportamentos abusivos do tipo psicológico e físico que os homens, sendo que, relativamente ao abuso sexual, os papéis invertem-se.</p>
Turell & Cornell-Swanson (2005).	E.U.A.	Analisar a prevalência das relações de intimidade abusivas na comunidade LGBT.	760 participantes LGBT, dos quais 40% eram do sexo masculino, 59% do sexo feminino e 1% transsexual, com idades entre 16-78 anos.	QAR	<ul style="list-style-type: none"> ▪ 89% dos/as participantes admitiu ter sofrido, em algum dos seus relacionamentos íntimos, alguma forma de violência.
McKenr	E.U.A.	Compreender a	77 indivíduos	CTS-2	<ul style="list-style-type: none"> ▪ 39% dos participantes do sexo masculino e

y, Serovich, Mason, & Mosack (2006)		violência em relacionamentos íntimos homossexuais.	homossexuais, dos quais 40 são do sexo masculino e 37 do sexo feminino, com médias de idade por gênero de 34.30 e 29.70 anos, respectivamente.	PAQ ⁿ RSQ ^o BSI ^p <i>Self-esteem Scale</i> ^q OI Entrevista	35% das lésbicas afirmam ter sido violentos fisicamente para com os/as seus/suas companheiros/as. A violência era levada a cabo, maioritariamente, apenas por um dos elementos do relacionamento.
Stanley, Bartholomew, Taylor, Oram, & Landolt (2006).	Canadá	Compreender o fenómeno da violência íntima em casais de homens homossexuais.	195 sujeitos do sexo masculino que se identificavam como homossexuais ou bissexuais. Destes, 69 foram selecionados para colaborarem na entrevista em profundidade, cujas idades variaram entre 25 e 63 anos.	HAI ^r	<ul style="list-style-type: none"> ▪ 39% dos participantes inquiridos inicialmente (N=300) relatou pelo menos uma experiência de violência em algum relacionamento romântico homossexual; ▪ Em 75% dos abusos referidos pelos participantes (N=69) houve uma frequência menor ou igual a 4 episódios e em 44% da amostra foi relatada apenas a existência de um episódio violento. ▪ 44% da violência relatada foi considerada bilateral. Na violência caracterizada como sendo unilateral, 29% da amostra indicou ser apenas o recetor da mesma enquanto que 27% dos participantes admitiu ser apenas perpetrador dos comportamentos abusivos.
Houston & McKirnan (2007).	E.U.A.	Caracterizar a prevalência da violência em relacionamentos	817 participantes homossexuais do sexo	QAR	<ul style="list-style-type: none"> ▪ 32.4% da amostra afirmou ter experienciado violência em relacionamentos íntimos. ▪ 21% dos participantes relatou ter sofrido abuso verbal, 19.2% violência física e 18.5%

		homossexuais e relacionar os fatores psicossociais associados a este abuso com vários problemas de saúde.	masculino que mantiveram relacionamentos íntimos nos últimos 6 meses, com uma média de idades de 33 anos.		violência de carácter sexual. <ul style="list-style-type: none"> ▪ 54% dos participantes que se identificou como vítima relatou a presença de mais de uma forma de abuso, das quais, 30.8% referiu dois tipos de abuso e 23.3% relatou todas as três formas.
Eaton, Kaufman, Fuhrel, Cain, Cherry, Pope, & Kalichman (2008).	E.U.A.	Análise da prevalência da violência interpessoal e da dinâmica de poder inerentes às relações lésbicas.	226 participantes do sexo feminino, com uma média de idades de 33 anos, que tiveram em algum relacionamento homossexual nos últimos 5 anos.	QAR SRPS ^s DAST 10 ^t AUDIT ^u	<ul style="list-style-type: none"> ▪ 44% da amostra afirmou ter experienciado violência interpessoal nos seus relacionamentos íntimos. <p>Das diferentes formas de violência referidas:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ 50% indicou a verbal como a mais frequente, ▪ 39% referiu a violência física, 33% fez referência às ameaças de violência física e 17.2% revelou a existência de coação sexual. ▪ 71% da amostra revelou ter sofrido, pelo menos, dois tipos de violência por parte do seu companheiro, enquanto que, 41% afirmou ter sido vítima de pelo menos 4 formas de violência.
Chan & Cavacuiti (2008).	E.U.A.	Avaliar a prevalência da violência em relacionamentos homossexuais.	32 pacientes do sexo masculino em relações homossexuais e 8 médicos de família.	GASP ^v	<ul style="list-style-type: none"> ▪ 31.3% num total de 32 participantes revelou ter sido vítima de alguma forma de violência no seu relacionamento.
Blosnich & Bossarte (2009).	E.U.A.	Determinar a prevalência da violência em relacionamentos de	7998 participantes, dos quais 6223 eram do sexo	QAR	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Na sub-amostra composta por indivíduos homossexuais, verificou-se que 81.2% dos homens referiu ter sido vítima de violência verbal, 89.9% de violência física e 31.4% de

		indivíduos do mesmo sexo em comparação a relacionamentos heterossexuais.	feminino (85 homossexuais e 6139 heterossexuais) e 1774 são do sexo masculino (88 homossexuais e 1686 heterossexuais).		violência sexual. <ul style="list-style-type: none"> ▪ 86.5% das mulheres lésbicas referiu ter sido vítima de violência verbal, 89.1% de violência física e 51.6% de violência sexual.
Ramachandran, Yonas, Silvestre, & Burke (2010).	E.U.A.	Explorar a violência nas relações íntimas das pessoas seropositivas heterossexuais e homossexuais.	56 indivíduos com diagnóstico positivo de HIV, dos quais 68% eram do sexo masculino e 32% do sexo feminino, com idades compreendidas entre os 40 e os 49 anos. Destes, 55% são heterossexuais, 34% homossexuais e 11% bissexuais.	AAS ^w	<ul style="list-style-type: none"> ▪ 49% dos/as heterossexuais, 34% dos/as homossexuais e 15% dos/as bissexuais relatou ter sido vítima de violência nas relações íntimas. ▪ 27% dos homens homossexuais relatou ter experienciado violência verbal, 31% violência física e 33% violência sexual nos seus relacionamentos. ▪ 37% das mulheres lésbicas afirmou ter experienciado violência verbal, 37% violência física e 44% violência sexual.
Stephenson, Khosropour, & Sullivan	E.U.A.	Determinar a prevalência de violência em relacionamentos íntimos entre	402 participantes do sexo masculino com idades compreendidas	QAR	<ul style="list-style-type: none"> ▪ 11.8% dos homens relatou ter experienciado violência física por parte do atual companheiro e cerca de 4% relatou ter sido forçado manter relações sexuais. ▪ 7% da amostra admitiu perpetrar violência

(2010).		indivíduos do mesmo sexo.	entre os 18 e os 24 anos.		física e violência sexual (1%).
Carvalho, Lewis, Derlega, Winstead, & Viggiano (2011).	E.U.A.	Análise da relação entre homofobia internalizada, a consciência do estigma e a violência nos relacionamentos íntimos.	581 participantes de ambos os sexos, com idades superiores a 18 anos, que se identificaram como homossexuais.	QAR OI IHP ^x SCQ ^y	<ul style="list-style-type: none"> ▪ 1/4 dos/as participantes afirmou ter sido vítima de violência. ▪ 1/10 da amostra relatou perpetrar violência em algum dos seus relacionamentos íntimos. Destes, cerca de 8% revelou ser também vítima de violência por parte do/a seu/sua parceiro/a. ▪ No que diz respeito ao sexo, não se verificaram diferenças percentuais na proporção de sujeitos que relataram comportamentos de perpetração (9.3% - mulheres e 8.3% - homens) ou de vitimação (25% - mulheres e 23% - homens).
Matte & Lafontaine (2011).	Canadá	Validação da escala de agressão psicológica do CTS-2.	218 indivíduos homossexuais, dos quais 143 eram do sexo feminino (média de idades de 32 anos) e 75 do sexo masculino (média de idades de 36 anos).	CTS-2 ECR ^z	<ul style="list-style-type: none"> ▪ 76.2% das mulheres relatou ter perpetrado, pelo menos uma vez, violência psicológica e 14.7% violência física. ▪ 70.7% dos homens admitiu a perpetração de abuso psicológico e 12% de abuso físico. ▪ No que diz respeito à vitimação, 70.2% das mulheres relatou episódios de violência psicológica e 16.1% de violência física. No caso dos homens, 78.4% e 12% revelou ter sido vítima de violência psicológica e física no passado, respetivamente.
Pantalone, Schneider, Valentin, &	E.U.A.	Descrever a prevalência da violência por parceiro íntimo.	168 participantes do sexo masculino, com uma média de idades de 44 anos, que	Entrevista	<ul style="list-style-type: none"> ▪ 54.2% da amostra revelou ter experienciado algum tipo de violência nos seus relacionamentos íntimos no ano passado e 65.5% nos últimos 5 anos. ▪ A violência psicológica foi relatada em 51% da amostra, sendo que 50.6% dos episódios

Simoni (2012).			mantinham relações com homens diagnosticados com HIV- positivo e sob cuidados médicos.		ocorreu no ano passado. <ul style="list-style-type: none"> ▪ O abuso físico foi o segundo mais prevalente, tendo em 19% das situações ocorrido no ano passado e em 38.1% desde sempre. O abuso sexual foi relatado, no último ano, por 17.3% dos participantes.
Edwards & Sylaska (2013).	E.U.A.	Analisar a violência nos relacionamentos íntimos em jovens universitários homossexuais.	391 participantes de ambos os sexos com idades compreendidas entre os 18 e 25 anos e que se encontravam envolvidos num relacionamento íntimo homossexual há cerca de 1 ano.	CTS-2 LGBIS ^{aa} OI SS ^{bb}	<ul style="list-style-type: none"> ▪ A violência física foi a mais comumente identificada nos relacionamentos íntimos em 19.9 % da amostra. ▪ A violência psicológica foi revelada por 12,5% da amostra e a sexual por 10.5%. ▪ 1/3 dos/as participantes afirmou ter comportamentos violentos para com o/a seu/sua parceiro/a. ▪ 13.3% da amostra relatou apenas ter experienciado episódios de vitimação. ▪ 7.3% dos/as participantes afirmou perpetrar comportamentos abusivos na sua relação, não admitindo qualquer forma de vitimação. ▪ 22.3% da amostra afirmou que a violência presente nos seus relacionamentos é bilateral.
Finneran & Stephenson (2013).	E.U.A.	Estudo da prevalência da violência em relacionamentos íntimos homossexuais e sua percepção na comunidade <i>gay</i> quando comparada a	989 participantes do sexo masculino (89,5% identificavam- se como homossexuais e 10,5% como bissexuais),	GIS ^{cc} CTS QAR	<ul style="list-style-type: none"> ▪ 7.6% da amostra admite a existência de alguma forma de violência nos seus relacionamentos íntimos; ▪ 24.5% da violência mais reportada é de carácter emocional, seguindo-se a violência física em 17.6% da amostra; ▪ A violência sexual foi relatada por 4.5% da amostra; ▪ 54.9% dos/as participantes considerou a

		mulheres heterossexuais e a percepção da hipotética resposta da polícia na intervenção em casos de violência em relacionamentos íntimos.	com idades superiores a 18 anos, que mantiveram relacionamentos íntimos homossexuais nos últimos 6 meses.		violência íntima em casais homossexuais um fenómeno comum e problemático (63.8%).
Milletich , Gumienn y, Kelley, & D’Lima, (2014).	E.U.A.	Conhecer os preditores que podem aumentar o risco de presença de comportamentos abusivos em relacionamentos íntimos homossexuais.	Os participantes foram 209 mulheres que indicaram ter tido, pelo menos, um relacionamento amoroso com outra mulher no ano passado.	CTS2 CTS2-CA ^{dd} EASE-PI ^{ee} LIHS DAS ^{ff} MMEA ^{gg} MDS ^{hh}	<ul style="list-style-type: none"> ▪ 1/4 da amostra relatou ter sido violenta com a sua parceira, pelo menos uma vez, no último ano.
<u>Ásia</u>					
Distefano (2009).	Japão	Compreender as percepções e experiências de violência entre LGBT levada a cabo por parceiros íntimos.	84 participantes com idades compreendidas entre os 20 e 59 anos, dos quais 58 são do sexo masculino e 26 do sexo feminino.	Entrevistas Observação participante	<ul style="list-style-type: none"> ▪ 23 % dos/as participantes relatou ter experienciado algum tipo de violência nos seus relacionamentos. ▪ 51% da amostra descreveu incidentes de violência em relacionamentos íntimos dentro do seu círculo mais próximo (família, amigos, colegas de trabalho, clientes e conhecidos) enquanto que 46% relatou ter conhecimento de casos específicos deste fenómeno fora desse mesmo círculo;

Yu, Xiao, & Liu (2013).	China	Determinar a prevalência da violência em relacionamentos íntimos em homens homossexuais.	748 participantes do sexo masculino (418 homossexuais e 330 heterossexuais), com idades compreendidas entre os 16 e os 44 anos.	QAR	<ul style="list-style-type: none"> ▪ 32.8% dos participantes homossexuais revelou que tinha experienciado, pelo menos, um dos cinco tipos de abuso. ▪ Em 7.9% dos casos verificou-se a presença de violência física. ▪ Em 19.6% dos casos foi relatada a tentativa dos seus parceiros em controlar as suas atividades diárias (e.g. locais frequentados, pessoas com quem interagem). ▪ 11.2% dos participantes homossexuais referiu que havia sido insultado e humilhado na presença de outras pessoas. ▪ 12.7% admitiu que temia pela sua segurança face a ameaças dirigidas pelos seus companheiros. ▪ 9.6% dos participantes que se identificaram como homossexuais referiu a presença de violência sexual, quer pela coação como pela violação. ▪ Em 12.4% dos casos verificou-se a presença de ameaças quanto ao “outing”.
<u>Europa</u>					
Henders on (2003).	Reino Unido	Determinar a prevalência de violência doméstica em relacionamentos do mesmo sexo.	Amostra composta por 1911 mulheres, com idades compreendidas entre os 15 e os 79 anos (M=30) e 1391 homens, cujas idades se	QAR	<ul style="list-style-type: none"> ▪ 22% das mulheres afirmou ter sido vítima de abusos físicos, sexuais, psicológicos ou outros comportamentos violentos, dos quais 3% referiu a ocorrência apenas uma vez e 19% revelou ser vítima de abusos recorrentes. ▪ 29% dos homens referiu já ter sido alvo de algum tipo de violência por parte do seu companheiro, sendo que em 5% aconteceu apenas uma vez e 24% era vítima de abusos

			encontravam entre 14-78 anos (M=34).		recorrentes.
Antunes & Machado (2005).	Portugal	Determinar a prevalência de diferentes formas de vitimação nos relacionamentos homossexuais.	63 sujeitos auto-identificados como homossexuais, com idades compreendidas entre os 20 e os 60 anos (M=37 anos), dos quais 76.2% são do sexo feminino e 23,8% do sexo masculino.	IVC ⁱⁱ	<ul style="list-style-type: none"> ▪ 20.6% dos/as participantes que estão envolvidos em alguma relação afirma ter sido vítima de pelo menos um ato abusivo durante o último ano. Destes/as, 4.8% relata a ocorrência de um ato abusivo uma única vez, 1.6% um comportamento violento mais do que uma vez e 14.3% a existência de mais do que um comportamento violento. ▪ 15.9% da amostra revelou ter perpetrado algum tipo de comportamento abusivo para com os seus companheiros, dos quais, 3.2% refere ter adotado um comportamento abusivo uma única vez e 12.7% mais do que um comportamento violento. ▪ A violência psicológica foi referida em 12.7% da amostra, enquanto a violência física e psicológica são igualmente referidas por 9.5% dos/as participantes.
Donovan , Hester, Holmes, & Mccarry, (2006).	Reino Unido	Determinar a prevalência da violência doméstica em elementos do mesmo sexo e caracterizar as dinâmicas inerentes a este fenómeno.	692 participantes de ambos os sexos.	QAR	<ul style="list-style-type: none"> ▪ 38.4% dos/as participantes revelou ter experienciado violência pelo menos uma vez na sua relação, não existindo diferenças significativas entre homens e mulheres (35.2% vs. 40.1%). ▪ O abuso emocional foi referido por 77.8% da amostra. ▪ 40.1% dos/as participantes referiu a ocorrência de abuso físico. ▪ 40.5% dos/as participantes revelou ter experienciado violência sexual pelo menos

Costa, Machado, & Antunes (2011).	Portugal	Estudar a prevalência da violência nos relacionamentos homossexuais.	151 participantes, com idades compreendidas entre os 15 e os 60 anos (M=29), 64.2% mulheres e 35.8% homens.	IVC-3 ^{jj}	<p>uma vez na sua relação.</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ 39.1% dos/as inquiridos admitiu ter adotado algum tipo de comportamento violento em relação aos/às seus/suas parceiros/as íntimos/as, enquanto que 37.7% afirmou ter sido vítima de pelo menos um ato abusivo por parte do/a companheiro/a, no último ano. ▪ 35.1% dos/as participantes revelou ter sido vítima, de pelo menos um ato, de violência emocional, no último ano. ▪ 24.5% relatou ter sido fisicamente agredido/a pelo parceiro pelo menos uma vez e 3.3% admitiu ter sofrido de violência sexual pelo/a companheiro/a, em pelo menos uma ocasião. ▪ 30.5% da amostra admitiu ter perpetrado pelo menos um ato de violência emocional sobre o/a seu/sua companheiro/a, 24.5% relatou a autoria de pelo menos de um ato de violência física e 0.7% de pelo menos um ato de violência sexual para com o/a parceiro/a.
<u>Oceânia</u>					
Frankland & Brown (2014).	Austrália	Explorar padrões de violência e/ ou controlo e analisar a utilidade de tipologias na violência doméstica em indivíduos do mesmo sexo .	184 participantes (105 do sexo feminino e 79 do sexo masculino), com idades superiores a 18 anos.	CTS-2 CBS ^{kk}	<ul style="list-style-type: none"> ▪ 13% dos/as participantes e 14.7% dos/as seus/suas parceiros/as demonstrou ter comportamentos abusivos nos seus relacionamentos. ▪ 12.5% dos/as participantes revelou a existência de comportamentos abusivos bilaterais. ▪ Presença de violência física em 32.6% dos/as participantes e 36.4% dos/as seus/suas

					<p>parceiros/as.</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Níveis altos de comportamentos de controle sobre o outro assumem-se como uma característica central da violência íntima em 23.9% dos/as participantes e 24.5% dos/as seus/suas parceiros/as.
<u>Intercontinental</u>					
Burke, Jordan, & Owen (2002).	Estudo que envolve u dois países: E.U.A. e Venezu ela.	Analisar a prevalência de violência doméstica em casais do mesmo sexo e percepções do sistema jurídico e criminal.	74 participantes (35 dos E.U.A. e 39 da Venezuela), com idades compreendidas entre os 18 e os 59 anos. 56 sujeitos eram do sexo masculino, 13 do sexo feminino e 4 auto-identificaram-se como sendo outro.	QAR	<ul style="list-style-type: none"> ▪ 40.3% dos/as participantes afirmou que as formas mais comuns de violência doméstica eram o assédio verbal e a proibição de contatos sociais. ▪ 68.5% da amostra revelou já ter experienciado algum tipo de violência doméstica. Embora não haja diferenças significativas, verificou-se que este número era ligeiramente superior nos participantes venezuelanos (72.97%) que nos provenientes dos E.U.A. (62.86%). ▪ 27% dos/as participantes venezuelanos/as afirmou ter sido alvo, pelo menos uma vez, de violência física em contraposição com 6% dos/as inquiridos/as estadunidenses.

Legenda: ^a Questionário de auto-relato sem especificação; ^b Questionário auto-administrado (Toro-Alfonso & Nieves-Rosa, 1999); ^c *Conflict Tactic Scale* (Straus, 1979); ^d (Freedner, Freed, Yang, & Austin, 2002); ^e *The Lesbian Partner Abuse Scale-Revised* (McClennen, Summers, & Daley, 2002); ^f *Bem Sex Role Inventory Scale* (Bem, 1974); ^g (Toro-Alfonso & Nieves-Rosa, 1997); ^h *Revised Conflict Tactic Scale* (Straus, Hamby, Boney-McCoy, & Sugarman, 1996); ⁱ *Outness Inventory* (Mohr & Fassinger, 2000); ^j *Lesbian Internalized Homophobia Scale* (Szymanski & Chung, 2001); ^k *Dyadic Adjustment Scale* (Spanier, 1976); ^l *The Family of Origin Violence Scale* (Marshall & Rose, 1988); ^m Toro-Alfonso & Rodríguez-Madera, 2000); ⁿ *Personal Attribute Questionnaire* (Spence, Helmreich, & Holahan, 1979); ^o *Relationship Style Questionnaire* (Griffin & Bartholomew, 1994); ^p *Brief Symptom Inventory* (Derogatis & Melisaratos, 1983); ^q (Rosenberg, 1965); ^r *History of Attachments Interview* (Henderson, 1998); ^s *Sexual Relationships Power Scale* (Pulerwitz, Gortmaker, & DeJong, 2000); ^t *Drug Abuse Screening Test* (Skinner, 1982); ^u *Alcohol Use Disorders Identification Test* (Saunders et al., 1993); ^v *Gay Abuse Screening Protocol* (Chan & Cavacuiti, 2008); ^w *Abuse Assessment Screen* (McFarlane, Parker, Soeken, & Bullock, 1992); ^x *Internalized Homophobia Scale* (Herek et al., 1998); ^y *Stigma-Consciousness Questionnaire* (Pinel, 1999); ^z *The Experiences in Close Relationships questionnaire* (Brennan, Clark, & Shaver, 1998); ^{aa} *Lesbian, Gay, and Bisexual Identity Scale* (Mohr & Fassinger, 2000); ^{bb} *Stigma Scale* (Martin & Dean, 1987); ^{cc} *Gay Identity Scale* (Brady & Busse, 1994); ^{dd} *Adult-Recall Version of the Revised Conflict Tactics Scale* (Straus, 2000); ^{ee} *Exposure to Abusive and Supporting Environments Parenting Inventory* (Nicholas & Bieber, 1997); ^{ff} *Exposure to Abusive and Supporting Environments Parenting Inventory* (Nicholas & Bieber, 1997); ^{gg} *Dominance/Accommodation Scale* (Hoskins, 1986/1990); ^{hh} *Multidimensional Measure of Emotional Abuse* (Murphy & Hoover, 1999); ⁱⁱ *Merger Disengagement Scale* (Colwell, 1988); ^{jj} Inventário de Violência Conjugal (Matos, Machado, & Gonçalves, 2000); ^{kk} Inventário de Violência Conjugal adaptado para as relações homossexuais (Costa & Machado, 2007); ^{ll} *Controlling Behavior Scale* (Frankland & Brown, 2014).

1.1. Localização geográfica dos estudos

Nesta revisão bibliográfica, foi possível ter acesso a trinta e seis artigos internacionais (destes, 35 são de âmbito nacional e 1 multicultural) e dois artigos nacionais, de alguma forma, se debruçaram sobre a violência nos relacionamentos íntimos entre indivíduos do mesmo sexo.

Tal como seria de esperar, e considerando o volume de investigação sobre a violência nas relações de intimidade desenvolvida nos E.U.A., é na América do Norte que se verifica uma parte substancial de estudos sobre esta matéria (30 estudos – 78.9%). Ainda neste contexto geográfico verificou-se uma supremacia de investigação nos E.U.A. (60.5% – 23 estudos), seguindo-se Porto Rico (5 estudos) e Canadá (2 estudos).

Nesta análise geográfica, foi possível constatar-se a realização de estudos no continente Asiático (5.2% – 2 estudos) e na Austrália (2.6% – 1 estudo), país situado na Oceânia.

Relativamente ao continente Europeu, registou-se a existência de quatro investigações (10.5%) que têm como objeto de estudo a violência íntima em relações entre indivíduos do mesmo sexo, sendo possível encontrar dois estudos tanto em Inglaterra como em Portugal. Desta forma, constata-se que também a nível nacional, a investigação nesta matéria é escassa.

Apesar de se verificar que a maioria dos estudos supracitados restrinja o seu objeto de estudo a amostras de um único contexto geográfico ou país, nesta revisão da literatura foi possível registar-se um estudo multicultural, utilizando, para tal, amostras de indivíduos que mantinham relações de intimidade entre pessoas do mesmo sexo de dois países: E.U.A. e Venezuela. Este estudo assume bastante relevo dado que, de alguma forma, comprova que a violência na intimidade em relações homossexuais é um problema transnacional (Burke, Jordan, & Owen, 2002), ainda que sejam notórias variações nos índices de prevalência entre os vários estudos e, conseqüentemente, entre os diferentes países.

1.2. Caracterização das amostras

Como é possível constatar-se pela análise da tabela 1, a maioria dos estudos desenvolvidos na área da violência nas relações íntimas integram ambas as populações, *gays* e *lésbicas* (12 estudos) e/ou toda a comunidade LGBT (4 estudos), e outros que focam apenas uma secção desta, *gays* (8 estudos) ou *lésbicas* (5 estudos), e em alguns casos *gays*, *bissexuais* e *homens* que tenham relações sexuais com *homens* (4 estudos), *lésbicas* e *bissexuais* (1 estudo). Considerando que o grupo preponderante da investigação desenvolvida até à data sobre a violência na intimidade focaliza-se sobre a população heterossexual e, com vista a suprimir a escassez existente sobre estudos desta temática em relacionamentos entre pessoas do mesmo sexo, verificam-se algumas linhas de investigação que tendem a incorporar, simultaneamente, nas suas amostras indivíduos LGBT e heterossexuais (4 estudos), permitindo assim, uma visão geral, macroscópica e comparativa do fenómeno (Finneran & Stephenson, 2013).

No que concerne à dimensão da amostra, os estudos integram, sobretudo, amostras de dimensão local, não se verificando a existência de estudos que se destaquem pela sua representatividade nacional.

Relativamente às características etárias dos/as participantes, apurou-se um número significativo de estudos que utilizam amostras de adultos (86.8%) e de adolescentes e adultos (7.8%). Ainda que em número significativamente menor, é possível verificar-se a existência de dois estudos suportados em amostras compostas por adolescentes. De referir que, conquanto a maioria destes estudos considere intervalos etários alargados (e.g., Balsam & Szymanski, 2005), três destas publicações integraram amostras com idades compreendidas entre os 18-24, 18-25, 40-49 (Stephenson, Khosropour, & Sullivan, 2010; Edwards & Sylaska, 2013; Ramachandran, Yonas, Silvestre, & Burke, 2010).

Por fim, e no que diz respeito ao género dos/as participantes, constata-se uma tendência para a consideração de ambos os géneros na amostra. Assim, é possível observar em vinte estudos uma distribuição relativamente equilibrada em função do mesmo. Apenas doze estudos privilegiaram o género masculino no estudo do fenómeno (7 estudos levados a cabo nos E.U.A., 3 em Porto Rico, 1 no Canadá e outro na China) e seis, o género feminino (todos conduzidos nos E.U.A.) (cf. tabela 1).

1.3. Formas de violência

O abuso nas relações de intimidade pode manifestar-se através de várias formas de violência, desde a violência psicológica ou física a atos de violência sexual (e.g., coerção) (Little & Terrance, 2010). Neste sentido, e no que concerne às diferentes formas de violência, a análise destes estudos permitiu constatar uma dispersão das investigações quanto aos diferentes tipos de abuso estudados. Desta forma, metade dos estudos (19) procurou avaliar as diferentes formas de violência na intimidade (violência física, psicológica e sexual), sendo que a grande maioria destes se localizam na América do Norte, mais concretamente, doze nos

E.U.A. e três em Porto Rico. Constatou-se ainda um estudo na Ásia (China) e quatro no continente Europeu (dois no Reino Unido e dois em Portugal).

Em menor número, quatro estudos privilegiaram o abuso físico e psicológico, todos eles realizados nos E.U.A., sendo que um deles foi realizado numa perspectiva multicultural a par da Venezuela. Três estudos incidiram sobre a violência física, estando os mesmos distribuídos pelos E.U.A., Austrália e Canadá. Apenas um estudo realizado nos E.U.A. se restringiu à violência física e sexual.

Todavia, nos restantes estudos (11) foi possível verificar que referiam estudar meramente a violência nas relações íntimas entre indivíduos do mesmo sexo, não discriminando assim o tipo de violência avaliada. A grande maioria destes estudos foi desenvolvida na América do Norte (7 nos E.U.A., 3 em Porto Rico e 1 no Canadá) e um na Ásia (Japão).

1.4. Medida de avaliação para determinação da prevalência da violência entre parceiros/as íntimos/as

No que respeita à mensuração da violência, seja esta de índole física, psicológica e/ ou sexual, todos os estudos analisados têm como base o autorrelato dos/as inquiridos/as.

Do conjunto dos 38 estudos analisados, dezoito recorreram a questionários de autorrelato sem especificação e a entrevistas (3 estudos) elaborados especificamente para medir a violência nas relações íntimas. Oito investigações recorreram ao *Conflict Tactic Scale* (Straus, 1979), ao *Revised Conflict Tactic Scale* (Straus, Hamby, Boney-McCoy & Sugarman, 1996) ou ao *Adult-Recall Version of the Revised Conflict Tactics Scale* (Straus, 2000). Ainda que em menor frequência, também foram utilizados o *Cuestionario Sobre Violencia Doméstica En Parejas de Hombres Gay Puertorriqueños* (Toro-Alfonso & Nieves-Rosa, 1997) (2 estudos), Inventário de Violência Conjugal (Matos, Machado, & Gonçalves, 2000) (utilizado por 1 estudo), Inventário de Violência Conjugal adaptado para as relações homossexuais (Costa & Machado, 2007) (1 estudo), *The Lesbian Partner Abuse Scale-*

Revised (McClennen, Summers, & Daley, 2002) (1 estudo), *Lifetime Experiences of Dating Violence* (Freedner, Freed, Yang, & Austin, 2002) (1 estudo), *Wave II Add Health Questionnaire* (1 estudo), *Abuse Assessment Screen* (McFarlane, Parker, Soeken, & Bullock, 1992) (1 estudo), *Multidimensional Measure of Emotional Abuse* (Murphy & Hoover, 1999) (1 estudo) e *Gay Abuse Screening Protocol* (Chan & Cavacuiti, 2008) (1 estudo).

Complementarmente, verificou-se a existência de um estudo que recorreu a uma medida de avaliação específica da violência sexual – *Sexual Relationships Power Scale* (Pulerwitz, Gortmaker, & DeJong, 2000).

Dos trinta e oito estudos analisados, apenas trinta e um tinham como objetivo norteador a descrição da prevalência da violência íntima entre indivíduos do mesmo sexo, sendo que sete dos restantes estudos não têm sequer como objetivo definido a caracterização da prevalência, embora, com vista a alcançar os seus propósitos, este seja um dos resultados obtidos. Neste sentido, constatou-se a utilização de outras medidas de avaliação específicas não direcionadas, de uma forma direta, para o fenómeno da violência íntima, essencialmente para a sua prevalência, mesmo que contribuam para a sua compreensão. Assim, verificou-se a presença de instrumentos voltados para a homossexualidade - *Outness Inventory* (Mohr & Fassinger, 2000) (4 estudos), *Lesbian Internalized Homophobia Scale* (Szymanski & Chung, 2001) (2 estudos), *Internalized Homophobia Scale* (Herek *et al.* 1998) (1 estudo), *Lesbian, Gay, and Bisexual Identity Scale* (Mohr & Fassinger, 2000) (1 estudo), *Gay Identity Scale* (Brady & Busse, 1994) (1 estudo), *Stigma-Consciousness Questionnaire* (Pinel, 1999) (1 estudo) e *Stigma Scale* (Martin & Dean, 1987) (1 estudo) -, dinâmicas e características relacionais - *Dyadic Adjustment Scale* (Spanier, 1976) (1 estudo), *Relationship Style Questionnaire* (Griffin and Bartholomew, 1994) (1 estudo), *Merger Disengagement Scale* (Colwell, 1988) (1 estudo), *The Experiences in Close Relationships Questionnaire* (Brennan, Clark & Shaver, 1998) (1 estudo), *Dominance/Accommodation Scale* (Hoskins, 1986,1990)

(1 estudo), *History of Attachments Interview* (Henderson, 1998) (1 estudo) e *Controlling Behavior Scale* (Frankland & Brown, 2014) (1 estudo) -, comportamentos aditivos - *Drug Abuse Screening Test* (Skinner, 1982) (1 estudo) e *Alcohol Use Disorders Identification Test* (Saunders et al. 1993) (1 estudo) -, questões de género - *Personal Attribute Questionnaire* (Spence, Helmreich, Holahan, 1979) (1 estudo), *Bem Sex Role Inventory Scale* (Bem, 1974) (1 estudo) -, história de abusos na família - *The Family of Origin Violence Scale* (Marshall & Rose, 1988) (1 estudo) e *Exposure to Abusive and Supporting Environments Parenting Inventory* (Nicholas & Bieber, 1997), sintomatologia - *Brief Symptom Inventory* (Derogatis & Melisaratos, 1983) – e de personalidade - *Self-esteem Scale* (Rosenberg, 1965) (1 estudo).

1.5. Taxas de prevalência do abuso íntimo

No que respeita aos indicadores globais de prevalência, podemos verificar alguma dispersão nos valores apurados nos diferentes estudos. Assim, e genericamente, as taxas de prevalência do abuso íntimo situam-se entre 7.6% (Finneran & Stephenson, 2013) e 89.9% (Blosnich & Bossarte, 2009), ambos os estudos desenvolvidos nos E.U.A..

Esta dispersão ao nível dos indicadores globais da prevalência e, conseqüentemente a heterogeneidade dos mesmos, promove uma análise microscópica dos indicadores de vitimação e perpetração da violência íntima, levando a que haja uma variação no volume de relatos por parte de participantes relativamente à experiénciação desta problemática. Portanto, os indicadores de perpetração presentes nos estudos oscilam entre 15.9% (Antunes & Machado, 2005) e 91.5% (McClennen et al.,2002), enquanto que os de vitimação variam entre 7.6% (Finneran & Stephenson, 2013) e 89.9% (Blosnich & Bossarte, 2009).

A análise dos indicadores de perpetração e vitimação das diferentes formas de abuso íntimo são igualmente dispersas. No entanto, verifica-se que, entre as formas de violência consideradas, a violência psicológica é a que assume taxas de prevalência mais altas. Deste modo, ao nível da vitimação psicológica verifica-se uma oscilação entre 24.5% (Finneran &

Stephenson, 2013) e 86.5% (Blosnich & Bossarte, 2009), tendo ambos os estudos sido realizados nos E.U.A.. Dos estudos que analisaram os indicadores da vitimação psicológica, 55.5% apresentam índices de prevalência acima dos 51% e abaixo dos 86.5%. Por sua vez, em termos de perpetração, constata-se que os índices de prevalência se situam entre 14.6% (Halpern, Young, Waller, Martin, & Kupper, 2004) e 91.5% (McClennen et al., 2002), sendo que 63.6% dos estudos apresentam índices de ocorrência entre os 50% e os 91.5%.

Relativamente aos indicadores de perpetração e vitimação da violência física, ainda que sejam inferiores aos observados no abuso psicológico, são igualmente inquietantes e dispersos. Desta forma, os padrões de perpetração de abuso físico situam-se entre 14.7%, estudo realizado no Canadá (Matte & Lafontaine, 2011), e 63.8%, estudo desenvolvido nos E.U.A., (McClennen et al., 2002). A maioria das taxas de prevalência (53.8%) encontradas situa-se entre os 33% e os 63.8%. No que concerne à vitimação, é possível constatar-se que os índices variam entre os 12% (Matte & Lafontaine, 2011) e os 89.9% (Blosnich & Bossarte, 2009), sendo que, na sua maioria (53.8%) a vitimação estimada encontra-se compreendida entre 7.9% e 19%.

No que se refere ao estudo da violência sexual, a proporção mínima da população que afirmou ter adotado comportamentos abusivos no(s) seu(s) relacionamento(s) é de 0.7%, num estudo realizado em Portugal (Costa, Machado, & Antunes, 2011) e a máxima de 59%, encontrada numa investigação levada a cabo nos E.U.A., ainda que 50% dos padrões se situem acima dos 27.5% (Turell, 2000). Por outro lado, os indicadores de vitimação oscilam entre 4.5% (Finneran & Stephenson, 2013) e 51.6% (Blosnich & Bossarte, 2009), ambos os estudos oriundos dos E.U.A., ainda que 55.5% das investigações tenham apurado prevalências de vitimação superiores a 31.4%.

Por fim, e no que se refere à análise dos indicadores da violência em função do género, sendo esta uma das questões mais controversas no movimento científico da violência em

relacionamentos de intimidade, verifica-se novamente alguma disparidade. Numa perspectiva geral, as taxas de prevalência no sexo feminino oscilam entre 22%, encontrada num estudo desenvolvido no Reino Unido (Henderson, 2003), e 57.7%, estudo oriundo dos nos E.U.A. (McClennen et al., 2002), enquanto que no sexo masculino se verifica uma variabilidade entre 8.3% (Winstead & Viggiano, 2011) e 54.2% (Pantalone, Schneider, Valentine, & Simoni, 2012). Desta feita, e considerando mais uma vez as diferentes dinâmicas abusivas, constata-se que, para o sexo feminino, a forma de violência com maior taxa de prevalência é a psicológica, com valores de vitimação compreendidos entre 26.3% (Halpern, Young, Waller, Martin, & Kupper, 2004) e 91.5 % (McClennen et al., 2002.), embora 50% dos estudos demonstrem uma prevalência superior a 70.2%, e de perpetração 76.2% (Matte & Lafontaine, 2011). Seguidamente, e quanto aos padrões de violência física, constata-se que na vitimação, os valores para o sexo feminino, oscilam entre 16.1% (Matte & Lafontaine, 2011) e 89.1% (Blosnich & Bossarte, 2009), sendo que 50% dos dados encontram-se compreendidos entre 28.6% e 39%, e de perpetração 14,7%, num estudo desenvolvido no Canadá (Matte & Lafontaine, 2011) e 35% nos E.U.A. (McKenry, Serovich, Mason, & Mosack, 2006). Ao analisar as taxas de violência sexual, é possível verificar-se que estas têm uma variação entre 17.2% (Eaton et al., 2008) e 59% (Turell, 2000) para a vitimação, na qual 75% dos estudos assumem valores superiores a 44%, enquanto que não se verificam valores estudados para perpetração no sexo feminino. Já no que respeita ao sexo masculino, é a violência física que se assume como a forma de abuso nas relações de intimidade com taxas de prevalência mais elevadas. Em termos de vitimação, estas oscilam entre 7.9% (Yu, Xiao & Liu, 2013) e 89.9% (Blosnich & Bossarte, 2009), sendo que 53.8% dos estudos apuraram índices de prevalência entre 7.9% e 30%. Em termos de perpetração, os índices variam entre os 22% e os 63.8%, tendo 57.1% dos estudos apresentado taxas de prevalência acima dos 39.2%.

Relativamente à violência psicológica, verifica-se que em termos de vitimação, os índices de prevalência assumem um valor mínimo de 14.6% (Halpern et al., 2004) e um valor máximo de 81.2% (Blosnich & Bossarte, 2009), sendo que 55.5% dos estudos apresentam taxas compreendidas entre 14.6% e 48%, enquanto que, para a perpetração verificam-se apenas dois estudos com taxas de 70.7% (Matte & Lafontaine, 2011) e 78.4% (Craft & Serovich, 2005). Embora a violência sexual seja, no sexo masculino, a forma de violência com menores taxas de prevalência, estas não deixam de ser alarmantes, assumindo, para a vitimação, valores entre 4.5% (Finneran & Stephenson, 2013) e 33.3% (Craft & Serovich, 2005), dos quais 71.4% assumem índices superiores a 10%. Para a perpetração, é possível verificar que as taxas variam entre 5% (Pollack, Canchola & Catania, 2002) e 42% (Turell, 2000), embora se verifique que em 60% dos estudos, estes valores são superiores a 31.4%.

Síntese e discussão dos estudos

A presente revisão da literatura evidencia um aumento dos estudos, principalmente a partir da entrada no século XXI. Ainda que, comparativamente aos estudos sobre a violência nas relações íntimas em casais heterossexuais, sejam escassos, a verdade é que este movimento de investigação permite comprovar que estamos perante um problema comum e presente nos mais diversos contextos estudados.

Quando nos debruçamos sobre esta revisão da literatura, torna-se possível constatar que a violência em relacionamentos de intimidade entre pessoas do mesmo sexo é um fenómeno difundido pelos mais diversos contextos geográficos, sendo possível encontrar assim, estudos em todos os continentes do Mundo, excetuando o continente Africano. Pese embora se verifique esta disseminação geográfica de investigação, o estudo deste fenómeno em relações de pessoas do mesmo sexo é escasso, não se verificando, a título exemplificativo, estudos em diferentes países Europeus ou em países Americanos que não se situem a norte do continente, com exceção do estudo intercontinental, no qual se integraram participantes venezuelanos.

Assim, o interesse científico por este objeto de estudo é díspar nas diferentes zonas geográficas analisadas. Desta forma, podemos verificar a existência de um maior investimento científico na América do Norte, em especial nos E.U.A., mas também em Porto Rico e no Canadá, e na Europa (Reino Unido e Portugal), seguidos da Ásia (China e Japão). Por conseguinte, verifica-se, não só a inexistência de estudos noutros países dos continentes referidos (e.g., países da América Central e do Sul, Europa Central e Oriental), como do Médio Oriente e de África. Esta ausência de investimento na investigação desta temática nos contextos geográficos e culturais indicados pode ter origem em diferentes razões: por um lado, a agitação de problemas de carácter social ditos “de primeira ordem” (e.g., fome, pobreza extrema, instabilidade política, fanatismo religioso, corrupção, elevados índices de criminalidade) e perante os quais, o fenómeno aqui debatido tende a ser desvalorizado no que diz respeito à sua “gravidade” dado que não é percecionado como um problema social (Rotimi, 2007). Por outro lado, a ausência de mudanças sociais e políticas que fomentem este movimento científico, nomeadamente, movimentos pelos direitos LGBT (e.g., legalização do casamento entre indivíduos do mesmo sexo, despenalização da homossexualidade). Não obstante, torna-se pertinente destacar que, pese embora, só tenha sido possível entrar em contacto com os estudos presentes na tabela 1, não é possível concluir a não existência de mais para além dos referenciados visto que, a pesquisa foi realizada apenas nas línguas português, inglês e espanhol, podendo assim, existir outras investigações, nomeadamente na Europa e no Canadá, que tenham sido publicadas na sua língua materna.

Tal como já foi referido, apesar da existência deste aglomerado de estudos sobre a prevalência da violência íntima entre indivíduos do mesmo sexo, mesmo que nem todas as investigações estudem estes índices de uma forma direta, verifica-se que estes têm produzido uma grande dispersão de taxas de prevalência que tem impacto na interpretação, não só dos

próprios estudos, como do fenômeno em si. Esta dispersão poderá ser provocada por problemas metodológicos inerentes aos próprios estudos.

A investigação científica na área da violência nas relações entre parceiros/as íntimos/as tem enfrentado diferentes problemas metodológicos (Donovan, Hester, Holmes, & Mccarry, 2006; Murray et al., 2006/2007), que se repercutem nos índices de prevalência apurados. Neste sentido, um dos primeiros problemas metodológicos comumente associados à investigação nesta área refere-se às amostras utilizadas, as quais tendem a ser de menor dimensão (Rohrbaugh, 2006; Tjaden & Thoennes, 2000), não representativas (Burke & Follingstad, 1999; Tjaden & Thoennes, 2000), não aleatórias (Rohrbaugh, 2006), não probabilísticas (Buller, Devries, Howard, & Bacchus, 2014) e por conveniência, inviabilizando assim, as generalizações (Buller et al., 2014). Uma outra lacuna amostral está relacionada com a não contemplação de díades (casais), mas apenas os indivíduos individualmente considerados (Burke & Follingstad, 1999). Ainda no que se refere às amostras, através desta revisão da literatura, foi possível verificar uma grande variabilidade relativamente à composição das mesmas, existindo assim estudos que integram nas suas amostras apenas elementos da comunidade LBGT, gays ou lésbicas, gays e lésbicas e, em alguns casos, bissexuais, transgêneros, heterossexuais e também indivíduos que, apesar de se considerarem heterossexuais, mantêm relacionamentos íntimos com indivíduos do mesmo sexo. Esta ausência de uniformização e limitação amostral gera, invariavelmente, grande variabilidade ao nível dos indicadores de prevalência.

Uma outra questão metodológica capaz de ter impacto na dispersão dos índices de prevalência é a natureza da medida utilizada. Por um lado, pelo tipo de abuso medido e própria definição do mesmo e, por outro, a grande variedade de instrumentos utilizados que, pela diversidade das escalas, fomenta a dispersão dos valores de prevalência. Ainda no que concerne aos instrumentos utilizados, foi possível constatar que são poucos os estudos que

recorrem a instrumentos validados que estudem a violência nas relações íntimas (Buller et al., 2014), verificando-se que praticamente metade dos estudos analisados neste artigo (47.3%) é suportada por um questionário de autorrelato sem especificação. Por outro lado, muitos dos instrumentos utilizados nesta área tendem a ser escalas validadas para amostras heterossexuais, o que necessariamente pode levar ao condicionamento dos relatos factuais dos/as participantes e à não mensuração real do fenómeno nas relações entre pessoas do mesmo sexo (Buller et al., 2014).

Outro dos problemas referidos ao nível da investigação nesta temática relaciona-se com a existência de estudos que apenas avaliam os indicadores de prevalência da violência nas relações de intimidade, não discriminando os dados de perpetração e de vitimação nem estabelecendo comparações, a título exemplificativo, em função do género (Lewis & Fremouw, 2001).

Em conclusão, os indicadores de prevalência disponíveis modificam-se em função dos critérios e métodos adotados em cada investigação, sendo por isso imperativa uma standardização metodológica e conceptual que permita proceder a generalizações mais seguras e contribuir de uma forma mais sustentada para aprofundar o conhecimento do fenómeno.

Portanto, os estudos analisados demonstram que a violência nos relacionamentos íntimos não é um fenómeno exclusivo das relações heterossexuais, sendo assim um fenómeno transversal geográfica e culturalmente.

A análise das diferentes formas de violência permitiu verificar que a psicológica é a que apresenta maiores índices de prevalência, seguindo-se o abuso físico e o sexual.

A violência nas relações de intimidade entre pessoas do mesmo sexo é um problema que afeta transversalmente quer indivíduos do sexo masculino, quer do sexo feminino. Uma análise genérica das taxas de prevalência parece sugerir uma ligeira elevação destas entre os

elementos do sexo feminino, podendo oscilar entre os 22% (Henderson, 2003) e os 57.7% (McClennen et al., 2002). Mais concretamente, e ao nível da violência psicológica, os indicadores de vitimação feminina mais comuns (em 55.5% dos estudos) apresentam índices de prevalência acima dos 51% e abaixo dos 86.5%, tendo uma variação máxima de 26.3% a 91.5%, enquanto que a masculina apresenta taxas compreendidas entre 14.6% e 48%, na maioria dos estudos (55.5%), apresentam-se elevados. O padrão da perpetração feminina em 63.3% dos estudos (50%-91.5%) mantém-se ligeiramente mais elevado ao da masculina (70.7% a 78.4%), embora neste assumam valores um pouco mais elevados.

Relativamente à violência física, verifica-se novamente uma ligeira elevação dos indicadores de vitimação feminina, constatando-se que, 50% dos dados encontram-se compreendidos entre 28.6% e 39% e os restantes índices entre 44% e 89%, enquanto que na vitimação masculina, 53.8% dos estudos apuraram índices de prevalência entre 7.9% e 30%, sendo a taxa máxima identificada de 89.9%. Em termos de perpetração, parece existir uma inversão de papéis, verificando-se alguma elevação dos indicadores de prevalência masculina que variam entre os 16.1% e 89%, com 57.1% dos estudos a apurarem prevalências compreendidas entre 39.2% e 63.8%, enquanto que, nos dois estudos que apuraram a perpetração da violência física em mulheres, os índices de prevalência são 14.7% (Matte & Lafontaine, 2011) e 35% (McKenry et al., 2006). Esta inversão de papéis tende a ir ao encontro do que tem sido recorrentemente encontrado na literatura sobre a violência nas relações de intimidade em geral, relativamente à maior tendência masculina no uso da agressividade física na resolução dos seus conflitos interpessoais (Antunes & Machado, 2005).

Quando se considera a violência sexual, parece existir uma maior vitimação feminina, na qual as taxas de prevalência assumem valores entre os 17.2% e os 59%, sendo que 75% dos estudos apresentam indicadores superiores a 44%, quando comparada à masculina visto que

71.4% dos estudos apuraram índices compreendidos entre os 10% e os 33%, tendo como valor mínimo 4.5%. Relativamente à perpetração, só indicadores do sexo masculino foram apurados (5% a 42%).

Por último, e tal como supracitado, esta variabilidade de índices de prevalência poderá decorrer de alguns problemas metodológicos, sendo por isso imperativo cautela na interpretação e explanação dos dados acima descritos.

Referências Bibliográficas

- Antunes, R. & Machado, C. (2005). Dupla invisibilidade: A violência nas relações homossexuais. *Psychologica*, 39, 167-187.
- Balsam, K. F. & Szymanski, D. M. (2005). Relationship Quality And Domestic Violence In Women's Same-Sex Relationships: The Role Of Minority Stress. *Psychology of Women Quarterly*, 29, 258–269.
- Banks, J. R., & Fedewa, A. L. (2012). Counselors' attitudes toward domestic violence in same-sex versus opposite-sex relationships. *Journal of Multicultural Counseling and Development*, 40, 194–205.
- Blosnich, J. R., & Bossarte, R. M. (2009). Comparisons of intimate partner violence among partners in same-sex and opposite-sex relationships in the United States. *American Journal of Public Health*, 99(12), 2182–2184.
- Burke, T. W., Jordan, M. L. & Owen, S. S. (2002). A Cross-National Comparison of Gay and Lesbian Domestic Violence. *Journal of Contemporary Criminal Justice*, 18(3), 231-257.
- Burke, L. K. & Follingstad, D. R. (1999). Violence in lesbian and gay relationships: theory, prevalence, and correlational factors. *Clinical Psychology Review*, 19(5), 487-512.
- Buller, A. M., Devries, K. M., Howard, L. M., & Bacchus, L. J. (2014). Associations between intimate partner violence and health among men who have sex with men: a systematic review and meta-analysis. *PLoS Medicine*, 11(3), 1-12.

- Carvalho, A. F., Lewis, R. J., Derlega, V. J., Winstead, B. A. & Viggiano, C. (2011). Internalized Sexual Minority Stressors and Same-Sex Intimate Partner Violence. *Journal of Family Violence*, 26, 501-509.
- Chan, E., & Cavacuiti, C. (2008). Gay abuse screening protocol (GASP): Screening for abuse in gay male relationships. *Journal of Homosexuality*, 54(4), 423–38.
- Costa, L. G., Machado, C. & Antunes, R. (2011). Violência nas relações homossexuais: A face oculta da agressão na intimidade. *Psychologica*, 1, 2-15.
- Craft, S. M., & Serovich, J. M. (2005). Family-of-origin factors and partner violence in the intimate relationships of gay men who are HIV positive. *Journal of Interpersonal Violence*, 20(7), 777–791.
- Donovan C, Hester M, Holmes J, McCarry M (2006) Comparing domestic abuse in same sex and heterosexual relationships. Retirado a 16 agosto de 2015, de <http://www.bris.ac.uk/sps/research/projects/completed/2006/rc1307/rc1307finalreport.pdf>.
- Distefano, A. S. (2009). 41 Intimate Partner Violence Among Sexual Minorities in Japan: Exploring Perceptions and Experiences. *Journal of Homosexuality*, 56, 121 – 146.
- Eaton, L., Kaufman, M., Fuhrel, A., Cain, D., Cherry, C., Pope, H. & Kalichman, S. C. (2008). Examining Factors Co-Existing with Interpersonal Violence in Lesbian Relationships. *Journal of Family Violence*, 23, 697–705.
- Edwards, K. M. & Sylaska, K. M. (2013). The Perpetration of Intimate Partner Violence among LGBTQ College Youth: The Role of Minority Stress. *Journal of Youth and Adolescence*, 42, 1721–1731.
- Finneran, C. & Stephenson, R. (2013). Gay and Bisexual Men’s Perceptions of Police Helpfulness in Response to Male-Male Intimate Partner Violence. *Western Journal of Emergency Medicine*, 14(4), 354-362.

- Frankland, A. & Brown, J. (2014). Coercive Control in Same-Sex Intimate Partner Violence. *Journal of Family Violence, 29*, 15-22.
- Freedner, N., Freed, L. H., Yang, Y. W. & Austin, S. B. (2002). Dating Violence Among Gay, Lesbian, and Bisexual Adolescents: Results From a Community Survey. *Journal Of Adolescent Health, 31*, 469–474.
- Greenwood, G. L., Relf, M. V., Huang, B., Pollack, L. M., Canchola, J. A. & Catania, J. A. (2002). Battering Victimization Among a Probability-Based Sample of Men Who Have Sex With Men. *American Journal of Public Health, 92(12)*, 1964-1969.
- Halpern, C. T., Young, M. L., Waller, M. W., Martin, S. L. & Kupper, L. L. (2004). Prevalence of Partner Violence in Same-Sex Romantic and Sexual Relationships in a National Sample of Adolescents. *Journal of Adolescent Health, 35*, 124–131.
- Henderson, L. (2003). Prevalence of domestic violence among lesbians and gay men: Dta report to Flame Tv. London: Sigma Research. Retirado a 30 de Agosto de 2015, de <http://www.sigmaresearch.org.uk/files/report2003.pdf>.
- Houston, E. & McKirnan, D. J. (2007). Intimate Partner Abuse among Gay and Bisexual Men: Risk Correlates and Health Outcomes. *Journal of Urban Health: Bulletin of the New York Academy of Medicine, 84(5)*, 682-690.
- Lewis, S. F. & Fremouw, W. (2001). Dating violence: A critical review of the literature. *Clinical Psychology Review, 21*, 105-127.
- Little, B. & Terrance, C. (2010). Perceptions of Domestic Violence in Lesbian Relationships: Stereotypes and Gender Role Expectations. *Journal of Homosexuality, 57*, 429–440.
- Madera, S. R. & Toro-Alfonso, J. (2005). Description of a Domestic Violence Measure for Puerto Rican Gay Males. *Journal of Homosexuality, 50(1)*, 155-173.

- Matte, M., & Lafontaine, M.-F. (2011). Validation of a measure of psychological aggression in same-sex couples: Descriptive data on perpetration and victimization and their association with physical violence. *Journal of GLBT Family Studies*, 7(3), 226–244.
- McClennen, J. C., Summers, A. B. & Daley, J. G. (2002). The Lesbian Partner Abuse Scale. *Research on Social Work Practice*, 12(2), 277-292.
- McKenry, P. C., Serovich, J. M., Mason, T. L., & Mosack, K. (2006). Perpetration of gay and lesbian partner violence: A disempowerment perspective. *Journal of Family Violence*, 21(4), 233–243.
- Mena, F. R., Rodríguez, J. R., & Malavé, S. (2005). Manifestaciones de la violencia doméstica en una muestra de hombres homosexuales y mujeres lesbianas puertorriqueñas. *Revista Interamericana de Psicología* 39(3), 449–456.
- Milletich, R. J., Gumienny, L. A., Kelley, M. L. & D’Lima, G. M. (2014). Predictive Factors for Intimate Partner Violence Against Women. *Journal of Family Violence*, 29(6), 653-664.
- Murray, C. E., Mobley, A. K., Buford, A. P., & Seaman-DeJohn, M. M. (2006/2007). Samesex intimate partner violence: Dynamics, social context, and counseling implications. *The Journal of LGBT Issues in Counseling*, 1(4), 7-30.
- National Coalition of Anti-Violence Programs Project. (2013). Lesbian, gay, bisexual, transgender, queer, and HIV-Affected intimate partner violence in 2012. A Report of the National Coalition of AntiViolence Programs. New York: NCAVP. Retirado a 14 agosto de 2015, de http://www.avp.org/storage/documents/ncavp_2012_ipvreport.final.pdf \n http://www.avp.org/storage/documents/ncavp_2012_hvreport_final.pdf.
- Owen, S. S., & Burke, T. W. (2004). An exploration of prevalence of domestic violence in same-sex relationships. *Psychological Reports*, 95(1), 129–132.

- Pantalone, D. W., Schneider, K. L., Valentine, S. E. & Simoni, J. M. (2012). Investigating Partner Abuse Among HIV-Positive Men Who have Sex with Men. *AIDS and Behavior*, *16*, 1031–1043.
- Ramachandran, S., Yonas, M. A, Silvestre, A. J., & Burke, J. G. (2010). Intimate partner violence among HIV-positive persons in an urban clinic. *AIDS Care*, *22*(12), 1536–1543.
- Richards, A., Noret, N., & Rivers, I. (2003). Violence and abuse in same-sex relationships: A review of literature. Leeds: University of Leeds, York St. John College. Retirado a 3 outubro de 2014, de http://mesmac.co.uk/uploads/cms/files/violence_and_abuse.pdf.
- Rotimi, A. (2007). Violence in the Family: A Preliminary Investigation and Overview of Wife Battering in Africa. *Journal of International Women's Studies*, *9*, 234-252.
- Rohrbaugh, J. B. (2006). Domestic violence in same-gender relationships. *Family Court Review*, *44*(2), 287–299.
- Stanley, J. L., Bartholomew, K., Taylor, T., Oram, D. & Landolt, M. (2006). Intimate Violence in Male Same-Sex Relationships. *Journal of Family Violence*, *21*(1), 31-41.
- Stephenson, R., Khosropour, C. & Sullivan, P. (2010). Reporting of Intimate Partner Violence among Men Who Have Sex with Men in an Online Survey. *Western Journal of Emergency Medicine*, *11*(3), 242–246.
- Scherzer, T. (1998). Domestic Violence in Lesbian Relationships. *Journal of Lesbian Studies*, *2*(1), 29-47.
- Telesco, G. A. (2003). Sex Role Identity and Jealousy as Correlates of Abusive Behavior in Lesbian Relationships. *Journal of Human Behavior in the Social Environment*, *8*(2-3), 153-169.
- Tjaden, P., & Thoennes, N. (2000). Extent, nature, and consequences of intimate partner violence. Retirado a 3 outubro de 2014, de <https://www.ncjrs.gov/pdffiles1/nij/181867.pdf>.

- Toro-Alfonso, J. (1999). Domestic Violence Among Same Sex Partners in Puerto Rico. *Journal of Gay & Lesbian Social Services, 9*(1), 69-78.
- Toro-Alfonso, J. & Rodríguez-Madera, S. (2004a). Domestic Violence in Puerto Rican Gay Male Couples Perceived Prevalence, Intergenerational Violence, Addictive Behaviors, and Conflict Resolution Skills. *Journal of Interpersonal Violence, 19*(6), 639-654.
- Toro-Alfonso, J. & Rodríguez-Madera, S. (2004b). Sexual Coercion in a Sample of Puerto Rican Gay Males. *Journal of Gay & Lesbian Social Services, 17*(1), 47-58.
- Turell, S. C. (2000). A Descriptive Analysis of Same-Sex Relationship Violence for a Diverse Sample. *Journal of Family Violence, 15*(3), 281-293.
- Turell, S. C. & Cornell-Swanson, L. V. (2005). Not All Alike. *Journal of Gay & Lesbian Social Services, 18*(1), 71-88.
- Yu, Y., Xiao, S. & Liu, K. Q. (2013). Dating Violence Among Gay Men in China. *Journal of Interpersonal Violence, 28*(12), 2491–2504.

Artigo 2

**Violência em relacionamentos íntimos em indivíduos do mesmo sexo:
estudo quantitativo**

Violência em relacionamentos íntimos em indivíduos do mesmo sexo: estudo quantitativo

Ana M. R. Santos, 21309@ufp.edu.pt

Universidade Fernando Pessoa

Resumo

O presente estudo teve como finalidade estudar a prevalência da violência nos relacionamentos íntimos entre parceiros/as do mesmo sexo através da análise das Escalas de Táticas de Conflito Revisadas (CTS-2). Para tal, foi recolhida uma amostra de 168 participantes, com idades compreendidas entre os 18 e os 35 anos ($M=22.50$; $DP=3.79$), sendo 76.2% mulheres e 23.8% homens. Os resultados demonstram elevados índices globais de abuso, na forma perpetrada (92.3%) e vitimada (91.7%). A agressão psicológica foi a forma de violência mais relatada pelos/as participantes. Os homens admitiram adotar mais comportamentos de coerção sexual, tanto na forma ligeira como severa, ainda que não se tenham encontrado diferenças de género estatisticamente significativas em relação à vitimação. O abuso físico, sem sequelas severo, com sequelas ligeiro e a agressão psicológica na forma vitimada apresentaram taxas mais elevadas (11.9%; 69.2%; 10.7%) em contextos relacionais de coabitação. O mesmo se verifica com a perpetração de abuso físico sem sequelas ligeiro, severo e a agressão psicológica ($[Z(U)=-2,063$; $p=0.032]$, $[Z(U)=-2.038$; $p=0.044]$ $[Z(U)=-2.927$; $p=0.002]$). Foi possível ainda apurar a existência de uma relação positiva e significativa entre a duração do relacionamento íntimo e a vitimação da agressão psicológica ligeira tal como a perpetração do abuso físico sem sequelas ligeiro. Estes resultados reforçam a necessidade de apostar no desenvolvimento de respostas de apoio específicas para os diferentes tipos de vítimas, bem como na elaboração e implementação de esforços preventivos mais ajustados às diferentes realidades.

Palavras-chave: Violência; Pessoas do mesmo Sexo; Relacionamentos Íntimos.

Abstract

This study aimed to examine the prevalence of intimate partner violence by same-sex relationships through the analysis of Revised Conflict Tactics Scale (CTS-2). To do this, a sample was collected from 168 participants, aged from 18 to 35 years ($M=22.50$; $DP=3.79$), 76.2% female and 23.8% male. The results demonstrate high overall rates of abuse, perpetrated (92.3%) and victimized (91.7%). The psychological abuse is the form of violence more reported by the participants. Men admitted adopt more behaviors of sexual coercion, both lightly as severe, although there are no significant differences compared to victimization. Physical abuse without severe consequences, with mild sequelae and psychological victimization tend to have higher prevalence values (11.9%; 69.2%; 10.7%) in relational contexts of cohabitation. This relationship is also verified in perpetration of physical abuse without light and severe sequelae and psychological abuse. The study also shows a positive and significant correlation between the duration of the close relationship and the victimization of slight psychological aggression as the perpetration of physical abuse without sequelae slight. These results reinforce the need to invest in the development of specific support responses to different types of victims, as well as the formulation and implementation of more adequate preventive efforts to the different realities.

Key-words: Violence; Same-sex partners; Close relationship.

Introdução

A violência nas relações íntimas assume-se como um sério problema, sendo até considerado um problema de saúde pública já que as investigações têm ilustrado que esta forma de violência nas relações, a longo prazo, tem um impacto negativo na saúde, nomeadamente, a uma maior propensão para o desenvolvimento da dor crónica, bem como de problemas psicológicos, como depressão e ansiedade (Carvalho, Lewis, Derlega, Winstead, & Viggiano, 2011; Little & Terrance, 2010). O movimento de investigação acerca deste

fenómeno teve início na década de 70 como consequência do reconhecimento social da violência nos relacionamentos íntimos, nomeadamente da violência contra as mulheres na família (Jasinski & Williams, 1998, citados por Costa, Machado, & Antunes, 2011). Tradicionalmente, a investigação nesta área incide essencialmente em relações de natureza heterossexual, na qual a mulher é tendencialmente vista como a vítima e o homem como o ofensor (Richards, Noret, & Rivers, 2003), verificando-se assim domínios por explorar, nomeadamente, no que concerne à violência na intimidade das relações entre parceiros do mesmo sexo (Santos, 2012). Sem embargo da existência de uma representação da violência entre parceiros íntimos em relacionamentos de carácter heterossexual, vários estudos vieram mostrar que esta é uma problemática também presente em relacionamentos homossexuais (Banks & Fedewa, 2012; National Coalition of Anti-Violence Programs Programs ([NCAVP], 2013), contrariando, desta forma, a caracterização generalizada destas como sendo igualitárias e, conseqüentemente, isentas de violência íntima (Antunes & Machado, 2005). Deste modo, os estudos que têm sido desenvolvidos acerca deste fenómeno nesta população tem revelado características comuns nas formas de violência presentes tanto em relações homossexuais como heterossexuais, integrando comportamentos abusivos físicos, psicológicos e sexuais (Antunes & Machado, 2005; Gelles, 1997, citado por Turell, 2000).

Um dos primeiros estudos publicados sobre a violência íntima, desenvolvido por Brand e Kidd (1986, citado por Antunes & Machado, 2005), desenvolvido nos E.U.A., que tinha como objetivo comparar a violência descrita por mulheres envolvidas em relações heterossexuais e mulheres em relações homossexuais, revelou diferenças mínimas na frequência de algumas formas de agressão (violência física e sexual) relatadas pelas duas amostras. Por outro lado, Burke e Follingstad (1999), destacam um estudo desenvolvido, também nos E.U.A., por Bologna, Waterman e Dawson (1987) com 174 mulheres lésbicas e no qual se verificou que 26.4% da amostra tinha sido sujeita a, pelo menos, um

comportamento de violência sexual, 59.8% foi vítima de violência física e 81% de violência emocional ou psicológica. De destacar ainda que, neste estudo, 68% das mulheres referiu que a violência era bilateral.

Num outro estudo desenvolvido numa comunidade de jovens GLB (*gays*, lésbicas e bissexuais) dos E.U.A., por Freedner, Freed, Yang e Austin (2002), no qual contaram com 521 participantes,) averiguaram que 41.5% dos gays e 37.1% das lésbicas relataram pelo menos um incidente de violência nos seus relacionamentos. No seguimento desta investigação, é possível verificar-se um estudo realizado, no mesmo país, com 117 adolescentes homossexuais, cujos resultados referem que 1/4 dos/as participantes já tinha experienciado algum tipo de violência por parte do/a seu/sua parceiro/a e, um em cada dez, relatou a existência de vitimação física, demonstrando, assim, que a violência íntima é um problema significativo para os/as adolescentes envolvidos/as em relações de intimidade com pessoas do mesmo sexo (Halpern, Young, Waller, Martin, & Kupper, 2004).

Craft e Serovich (2005), por sua vez, numa amostra de 51 homens seropositivos norte americanos, verificaram que 45.1% dos mesmos foram vítimas de abuso físico, 72.5% de abuso psicológico e 33.3% de abuso sexual por parte do seu parceiro, no último ano.

Numa investigação levada a cabo por Carvalho e seus colaboradores (2011), com uma amostra norte americana de 581 homossexuais de ambos os sexos, verificou-se que 24.2% dos/as participantes era vítima de violência nas suas relações íntimas. No que concerne à perpetração da violência, constatou-se que 8.3% dos/as participantes do referido estudo relatou a adoção de comportamentos violentos nas suas relações de intimidade.

Num outro estudo desenvolvido na China por Yu, Xiao e Liu (2013), foram recrutados 418 homens homossexuais e 330 homens heterossexuais e comparou-se a incidência de violência nas relações de intimidade entre estes dois grupos em cinco áreas: sentimento de controlo, abuso emocional, medo pela sua segurança, violência física e violência sexual.

Assim, 32.8% dos homens homossexuais e 8.8% dos heterossexuais revelaram que tinham experienciado, pelo menos, um dos cinco tipos de abuso. Oitenta e dois *gays* (9.6%) relataram que os seus parceiros tentaram controlar as suas atividades diárias, nomeadamente locais onde iam e com quem falavam, 11.2% dos participantes homossexuais referiu que haviam sido insultados e humilhados na presença de outras pessoas, 12.7% informou que temia pela sua segurança face a ameaças dirigidas pelos seus companheiros e 7.9% admitiu que havia sofrido de violência física. Dos indivíduos que relataram a existência de experiências abusivas, 83.9% dos homens homossexuais e 20.7 % dos homens heterossexuais afirmaram que nunca revelaram as mesmas a ninguém.

Edwards e Sylaska (2013) realizaram uma investigação com estudantes universitários norte-americanos que mantinham relações amorosas com parceiros do mesmo sexo. Assim, numa amostra de 391 indivíduos homossexuais, a violência física foi a mais comumente relatada (19.9%), seguida pelo abuso psicológico (12.5%) e sexual (10.5%) por parte do parceiro. Ainda nesta amostra, verificou-se que, cerca de 1/3 da mesma, relatou a prática de qualquer forma de violência nas suas relações e 22.3% afirmou que a violência era bilateral.

No que diz respeito à coerção sexual, isto é, submissão a um comportamento sexual não desejado, como resultado de pressão, manipulação ou uso da força física (Straus, Hamby, Boney-McCoy & Sugarman, 1996, citado por Paiva & Figueiredo, 2006), verificou-se a existência de um estudo desenvolvido pela equipa de investigadores de Waterman (1989, citado por Waldner-Haugrud, 1999), o qual contou com uma amostra composta por 36 lésbicas e 34 *gays*, e que refere que 31% das lésbicas e 12% dos sujeitos *gays* foram forçados pelo/a seu/sua parceiro/a a ter relações sexuais, enquanto que 8% dos indivíduos do sexo feminino e 6% do sexo masculino admitiram que forçaram os/as seus/suas parceiros/as a ter relações de foro sexual. No estudo anteriormente referido e desenvolvido por Yu e seus

colaboradores (2013), 9.6% dos indivíduos *gays* admitiu, com alguma relutância, que os seus parceiros os forçaram a ter relações sexuais.

Em Portugal, tal como em outros países, a investigação nesta matéria é escassa. Contudo, foi possível encontrar dois estudos desenvolvidos com vista a caracterizar a prevalência da violência nas relações de intimidade na comunidade homossexual. No estudo sobre violência entre parceiros/as do mesmo sexo, desenvolvido por Antunes e Machado (2005), verificou-se que, de uma amostra de 63 participantes homossexuais de ambos os sexos, 20.6% dos indivíduos admitiu ter sido vítima de violência na relação atual e 15.9% reconheceu a adoção de comportamentos violentos com os/as seus/suas companheiros/as. No que diz respeito a relações anteriores, 61.9% da amostra referiu comportamentos abusivos adotados pelo/a parceiro/a, enquanto 46% admitiu o recurso a violência contra o/a companheiro/a (Antunes & Machado, 2005). No mesmo sentido, Costa e seus colaboradores (2011), através de uma amostra de 151 participantes homossexuais, de ambos os sexos e com idades compreendidas entre os 15 e os 60 anos, e com referência ao ano anterior ao estudo, verificaram que 35.1% dos/as inquiridos/as relatou ter sido vítima de violência emocional, 24.5% admitiu ter sido alvo de violência física pelo/a parceiro/a e 3.3% revelou ter sofrido de violência sexual pelo/a companheiro/a. No que concerne à adoção de comportamentos abusivos, 30.5% da amostra revelou ter perpetrado pelo menos um ato de violência emocional sobre o/a seu/sua companheiro/a, sendo que 24.5% relatou ter sido fisicamente violento/a em relação ao/à seu/sua companheiro/a e 0.7% admitiu ter cometido pelo menos um ato de violência sexual contra o/a parceiro/a.

Assim, e embora se verifique que a investigação sobre a violência nas relações íntimas na população homossexual tem sido negligenciada, todos os dados alarmantes acima mencionados mostram que é um problema que não pode mais ser ignorado, principalmente, quando se constata a existência de um número indeterminado de pessoas homossexuais em

todo o mundo, na medida em que, a homossexualidade e respetivos relacionamentos ainda são mantidos num sistema fechado (Antunes & Machado, 2005), impedindo assim, conhecer com exatidão a proporção deste fenómeno (Little & Terrance, 2010; Yu et al., 2013), que poderá ter um alcance maior e afetar muito mais indivíduos do que o que estes estudos têm vindo a demonstrar.

O presente estudo quantitativo, ao incidir sobre a problemática da violência nas relações de intimidade entre sujeitos do mesmo sexo, nas suas diversas formas (psicológica, física e sexual) pretende contribuir para um aprofundar do estudo da violência ocorrida neste tipo de relacionamentos frequentemente negligenciados pelos estudos nesta área, sobretudo no que à realidade portuguesa diz respeito. Neste sentido, com a realização deste estudo, pretendeu-se recolher dados sobre a prevalência dos diferentes comportamentos abusivos ocorridos nos relacionamentos entre indivíduos do mesmo sexo, durante o último ano. De forma mais específica, pretendeu-se: determinar a prevalência da vitimação e perpetração das diferentes formas de violência íntima; identificar os fatores sócio-demográficos (e.g., sexo) relacionais e formativos (e.g., tipo de relacionamento íntimo; duração do relacionamento íntimo) associados aos diferentes tipos de abuso (em termos de vitimação e agressão).

1.Método

A presente investigação é de índole quantitativa e de cariz exploratória, descritiva e correlacional, recorrendo a medidas de autorrelato.

1.1. Amostra

Nesta investigação recorreu-se a uma amostra de tipo não probabilística por conveniência.

Para a realização deste estudo, foi necessária a definição de alguns critérios de inclusão na amostra. Desta forma, o estudo dirigiu-se a participantes com idades iguais ou superiores a 18 anos, com experiência em relacionamentos íntimos com parceiros/as do mesmo sexo, no último ano.

A amostra final é constituída por 168 participantes, dos quais 128 (76.2%) eram do sexo feminino e 40 (23.8%) do sexo masculino. A idade dos/as participantes está compreendida entre os 18 e os 35 anos ($M=22.50$; $DP=3.79$) (cf. Tabela 2).

Em relação às habilitações literárias, é possível constatar-se que 48.2% dos/as participantes situaram a sua escolaridade ao nível do 10º-12º ano e 7.1% ao nível do 7º-9º ano. A licenciatura foi referida por 30.4% dos indivíduos, mestrado por 13.7% e apenas 0.6% dos/as participantes se apresentou como sendo doutorado/a. Mais de metade dos/as participantes (56%), relativamente à situação profissional, indicou ser estudante, 26.2% encontra-se no ativo e 17.9% em situação de desemprego (cf. Tabela 2).

Uma reduzida parte da amostra (0.6%), embora tivesse referido a existência de relacionamentos íntimos de índole homossexual no último ano, atualmente encontrava-se em relações heterossexuais. Mais de metade da amostra (60.1%) encontra-se atualmente numa relação (cf. Tabela 3), sendo que, relativamente ao estado civil, 92.9% da amostra encontra-se solteira, 6.5% casada/união de facto e 0.6% divorciada/separada (cf. Tabela 2). No que se refere à última relação íntima entre parceiros/as do mesmo sexo, tendo esta ocorrido no último ano, verificou-se que 89.9% tinha uma componente sexual e 71.4% era sem coabitação. Considerando a duração do último relacionamento íntimo com sujeitos do mesmo sexo, para 31% teve uma duração igual ou superior a 2 anos, para 12.9% teve uma duração entre 1 a 2 anos, para 7.7% a duração da relação foi de aproximadamente 1 ano, para 10.7% a duração compreende entre 6 e 11 meses, para 14.3% a duração está compreendida entre 3 a 5 meses, 4.2% aproximadamente 2 meses e 1.8% da amostra reporta durações de aproximadamente 1 mês e menos de 1 mês (cf. Tabela 3).

Tabela 2

Caracterização sócio-demográfica dos participantes

		Frequência relativa (%)	Frequência absoluta (n)
Sexo	Feminino	76.2	40
	Masculino	23.8	128
Idade	18	11.9	20
	19	11.3	19
	20	14.9	25
	21	9.5	16
	22	10.1	17
	23	6.5	11
	24	12.5	21
	25	6.0	10
	26	3.6	6
	27	3.0	5
	28	2.4	4
	29	1.8	3
	30	2.4	4
	31	1.2	2
32	0.6	1	
34	1.2	2	
35	1.2	2	
Habilitações literárias	Do 7º ao 9º Ano	7.1	12
	Do 10º ao 12º Ano	48.2	81
	Licenciatura	30.4	51
	Mestrado	13.7	23
	Doutoramento	0.6	1
Situação Profissional	Desempregado/a	17.9	30
	Estudante	56	94
	No ativo	26.2	44
Estado Civil	Solteiro/a	92.9	156
	Casado/a / União de facto	6.5	11

Tabela 3

Caracterização do último relacionamento íntimo com parceiros do mesmo sexo

		Frequência relativa (%)	Frequência absoluta (n)
Estado Relacional atual	Atualmente, estou numa relação amorosa	60.1	101
	Atualmente, não tenho qualquer relação amorosa, mas já tive no passado	39.9	67
Duração da última relação homossexual	Menos de 1 mês	1.8	3
	Aproximadamente 1 mês	1.8	3
	Aproximadamente 2 meses	4.2	7
	3-5 meses	14.3	24
	6-11 meses	10.7	18
	Aproximadamente 1 ano	7.7	13
	Mais de 1 e menos de 2 anos	17.9	30
Tipo de relacionamento íntimo homossexual	2 anos ou mais	31.0	52
	Com coabitação	28.0	47
O relacionamento íntimo tem/ tinha uma componente sexual	Sem coabitação	71.4	120
	Sim	89.9	151
	Não	3.6	6

1.2. Instrumentos de avaliação

Nesta investigação recorreu-se ao método do inquérito, tendo este sido suportado pela técnica do questionário. Neste sentido, os instrumentos utilizados neste estudo são as Escalas de Táticas de Conflito Revisadas (CTS-2 – Strauss, 1979, traduzido e validado por Paiva & Figueiredo, 2006) (cf. Anexo A) e um questionário sócio-demográfico elaborado para o efeito.

O CTS-2 é um instrumento traduzido e validado para a população portuguesa que permite avaliar as diferentes táticas de resolução de conflitos adotadas e, mais particularmente, determinar a prevalência das diferentes formas de abuso (físico, psicológico e coerção sexual) e os seus níveis de severidade, no contexto familiar (ligeiro ou severo) (Straus, 1979). Esta é uma escala de auto-preenchimento, constituída por 39 itens que se encontram agrupados em pares de perguntas, destinados tanto ao/à inquirido/a como ao/à seu/sua companheiro/a. Neste sentido, o questionário supracitado encontra-se organizado num total de 78 questões e cujo tempo médio de administração se encontra nos 15 minutos. A escolha sobre o instrumento recaiu pelo facto de permitir obter dados acerca dos dois elementos do casal e determinar as táticas de resolução de conflitos adotadas por cada um, mesmo que o questionário seja respondido apenas por um dos elementos do casal, durante o último ano. A consistência interna para a versão portuguesa do CTS-2 assumiu os seguintes valores: abuso físico sem sequelas 0.88, abuso físico com sequelas 0.89, coerção sexual 0.82, negociação 0.88 e agressão psicológica 0.74 (Paiva & Figueiredo, 2006). Neste estudo encontraram-se valores de consistência interna, embora relativamente próximos do estudo original de adaptação para a versão portuguesa, um pouco mais baixos: abuso físico sem sequelas 0.85 (consistência interna boa), abuso físico com sequelas 0.73 (consistência interna razoável), coerção sexual 0.71 (consistência interna razoável), agressão psicológica 0.80 (consistência interna boa) e negociação 0.69 (consistência interna fraca).

1.3.Procedimentos

Numa fase inicial, realizaram-se os pedidos de autorização às autoras do instrumento (CTS-2) para o uso do mesmo no âmbito do presente estudo. Após este pedido, procedeu-se à elaboração do respetivo protocolo de investigação, no qual consta a descrição dos objetivos do estudo, o método utilizado (participantes, instrumento utilizado – CTS-2), bem como o consentimento informado (cf. Anexo B), a ser submetido à validação da Comissão de Ética

da Universidade Fernando Pessoa. Numa fase posterior, e após a obtenção das autorizações necessárias, o instrumento, o questionário de dados sócio-demográficos e respetivo consentimento informado aos/às participantes foram publicados em formato digital numa plataforma online – *Google Docs* – para que pudessem ser preenchidos *online*. Seguidamente, foi solicitada a colaboração a várias associações LGBT (Lésbicas, *Gays*, Bissexuais, Transgéneros) nomeadamente, “Associação ILGA Portugal - Intervenção Lésbica, *Gay*, Bissexual e Transgénero”, “Rede *Ex Aequo*- associação de jovens LGBTs”, “*Opus Gay* - Associação de defesa dos direitos dos LGBT” e *Pride Azores*, com vista à divulgação e sensibilização da sua população-alvo, isto é, a comunidade LGBT, na participação do presente estudo. Para além destas solicitações, pediu-se a colaboração na divulgação a associações/núcleos de estudantes, através das suas *mailing lists* e difundiu-se o estudo através de contactos de *e-mail* pessoal (técnica *snowball*), fóruns e redes sociais. A recolha de dados realizou-se entre maio e setembro de 2014, estando o questionário disponível *online* apenas durante este período. Na parte inicial do questionário, os/as participantes foram confrontados/as com uma secção informativa relativa aos objetivos do estudo, critérios de inclusão na amostra e garantias de confidencialidade e anonimato dos dados fornecidos, num registo de cumprimento de todos os procedimentos éticos e deontológicos. Foram disponibilizadas informações sobre a violência nos relacionamentos íntimos entre pessoas do mesmo sexo, tal como, a existência de entidades de apoio (e.g., informações sobre a APAV - Associação Portuguesa de Apoio à Vítima). Finda a recolha de dados, os mesmos foram transferidos para uma base de dados construída para o efeito com recurso ao programa informático *Statistical Package for Social Sciences* (IBM SPSS versão 22.0) para assim se dar início ao processamento estatístico dos dados e análise dos resultados.

Quanto às respostas obtidas, torna-se pertinente realçar que só foram considerados os questionários que cumpriram os critérios de inclusão, integrando assim a amostra final.

1.4. Análise de dados

Os dados recolhidos neste estudo foram sujeitos a análises estatísticas com recurso ao programa informático IBM SPSS versão 22.0.

Embora os testes específicos realizados sejam referidos posteriormente, aquando da apresentação de cada resultado, procede-se agora a uma apresentação sumária do percurso seguido na análise de dados. Numa primeira fase, foram realizadas análises descritivas para a caracterização da amostra e estimar a prevalência das diferentes formas de abuso íntimo medidos pelo CTS-2. Seguidamente, efetuaram-se análises inferenciais, com recurso a testes não paramétricos, entre alguns dados sócio-demográficos dos/as participantes e o CTS-2. A escolha recaiu sobre a utilização dos testes não paramétricos dado que, após a avaliação da normalidade das distribuições, se verificou que estas violam os pressupostos que conferem rigor estatístico aos testes paramétricos, sendo por isso, imperativa a adoção de testes não paramétricos na análise de diferenças estatisticamente significativas.

2. Resultados

2.1. Prevalência dos comportamentos abusivos perpetrados e sofridos

No conjunto dos/as participantes que revelaram ter experiência em relacionamentos íntimos entre parceiros/as do mesmo sexo (n=168), 92.3% (n=155) relatou a existência de pelo menos um comportamento violento no seu relacionamento íntimo, no decorrer do último ano. No que diz respeito à vitimação, 91.7% da amostra (n=154) relatou ter sido vítima de pelo menos um ato abusivo durante o último ano e 92.3% (n=155) admitiu a adoção deste tipo de conduta em relação ao/à seu/sua parceiro/a.

Relativamente aos diferentes tipos de violência analisados pelo CTS-2, é possível verificar-se que, em termos de vitimação, as agressões psicológicas se apresentaram como sendo as mais prevalentes, tendo a agressão psicológica ligeira um índice de prevalência 69.2% (n=117) e a severa de 30.4% (n=51), e a coerção sexual como a menos registada,

tendo a coerção sexual ligeira sido referida por 29.2% (n=49) da amostra enquanto que a coerção sexual severa por 3.6% (n=6). Ainda no que se refere à vitimação, constatou-se que os comportamentos fisicamente abusivos que não deixam sequelas se elevam ligeiramente face aos que deixam sequelas. Desta feita, o abuso físico sem sequelas ligeiro apresentou um índice de prevalência de 28.6% (n=48), o abuso físico sem sequelas severo foi indicado por 11.9% (n=20) da amostra enquanto que, nos abusos com sequelas, o abuso físico ligeiro foi reportado por 10.7% (n=18) dos/as participantes e o severo por 1.2% (n=2).

Quanto à perpetração, e tal como verificado na vitimação, observa-se uma elevação da agressão psicológica face ao abuso físico e à coerção sexual. Deste modo, 70.2% (n=118) dos casos referem-se à agressão psicológica ligeira e 29.8% (n=50) à agressão psicológica severa. Já no que concerne aos comportamentos fisicamente abusivos, e tal como acontecia com a vitimação, verificou-se uma ligeira elevação dos atos que não deixam sequelas relativamente aos que deixam. Assim, o abuso físico sem sequelas ligeiro foi reportado por 26.8% (n=45) da amostra, o abuso físico sem sequelas severo foi indicado por 9.5% (n=16), enquanto que nos atos que deixaram sequelas, verifica-se um índice de prevalência de 11.3% (n=19) para o abuso físico ligeiro e de 1.8% (n=3) para o abuso físico severo. Por sua vez, 28% (n=47) dos/as participantes admitiu a adoção de comportamentos que se enquadram na coerção sexual ligeira e 1.2% (n=2) na coerção sexual severa (cf. Tabela 4).

Por último, e atendendo aos índices elevados de vitimação e prevalência, foi possível verificar, através de uma análise de correlações de *Spearman*, a existência de correlações estatisticamente significativas entre tipos de abuso perpetrados e vitimados, nomeadamente, no que diz respeito à perpetração e vitimação globais ($\rho=0.961$; $p=0.000$) (cf. Anexo C).

Tabela 4

Vitimação e perpetração nos relacionamentos de intimidade no último ano

		Frequência relativa (%)	Frequência absoluta (n)	
Comportamentos Abusivos	Vitimação	Global	91.7	154
		Abuso físico sem sequelas ligeiro	28.6	48
		Abuso físico sem sequelas severo	11.9	20
		Abuso físico com sequelas ligeiro	10.7	18
		Abuso físico com sequelas severo	1.2	2
		Agressão psicológica ligeira	69.6	117
		Agressão psicológica severa	30.4	51
		Coerção sexual ligeira	29.2	49
		Coerção sexual severa	3.6	6
	Perpetração	Global	92.3	155
		Abuso físico sem sequelas ligeiro	26.8	45
		Abuso físico sem sequelas severo	9.5	16
		Abuso físico com sequelas ligeiro	11.3	19
		Abuso físico com sequelas severo	1.8	3
		Agressão psicológica ligeira	70.2	118
		Agressão psicológica severa	29.8	50
	Coerção sexual ligeira	28	47	
	Coerção sexual severa	1.2	2	

2.2. Comportamentos abusivos e género

Ao comparar, com recurso ao teste de *Mann-Whitney*, os comportamentos abusivos relativamente ao género dos/as participantes, de uma perspetiva geral, constatou-se a não existência de diferenças significativas. No entanto, em termos de vitimação, apenas na coerção sexual ligeira, foi possível constatar a existência de diferenças significativas [$Z(U) = -3.311$; $p=0.001$], evidenciando os homens valores de comportamentos abusivos mais altos (cf. Tabela 5).

À semelhança do que se verificou na vitimação da coerção sexual ligeira, também na perpetração desta tipologia abusiva, verificaram-se dissemelhanças de género [$Z(U) = -2.740$; $p=0.006$]. Assim, entre a perpetração de coerção sexual ligeira, encontraram-se mais participantes do género masculino do que de género feminino. Esta disparidade significativa

de género foi igualmente detetada na perpetração de abuso físico com sequelas severo [Z(U)=-3,117; $p=0.013$] (cf. Quadro 4).

Tabela 5

Comparação, por género, das prevalências de comportamentos abusivos

	Variável	Género		Z(U)	P			
		Masculino n	Feminino n					
Comportamentos Abusivos		Ordem média	Ordem média					
	Vitimação	Global	40	85.20	128	84.28	-0.218	0.563
		Abuso físico sem sequelas ligeiro	39	85.69	128	83.48	-0.318	0.447
		Abuso físico sem sequelas severo	40	82.90	128	85.00	-0.425	0.457
		Abuso físico com sequelas ligeiro	40	83.35	127	84.20	-0.182	0.560
		Abuso físico com sequelas severo	40	87.70	128	83.50	-2.537	0.056
		Agressão psicológica ligeira	38	76.29	124	83.10	-1.009	0.209
		Agressão psicológica severa	39	86.33	128	83.29	-0.431	0.402
		Coerção sexual ligeira	40	102.00	128	79.03	-3.311	0.001
		Coerção sexual severa	40	87.80	128	83.47	-1.529	0.147
	Perpetração	Global	40	84.70	128	84.44	-0.064	0.626
		Abuso físico sem sequelas ligeiro	40	85.10	128	84.31	-0.117	0.528
		Abuso físico sem sequelas severo	40	87.00	128	83.72	-0.732	0.322
		Abuso físico com sequelas ligeiro	39	83.06	128	84.25	-0,251	0.531
		Abuso físico com sequelas severo	40	89.30	128	83.00	-3,117	0.013
		Agressão psicológica ligeira	38	78.76	125	82.98	-0.623	0.333
		Agressão psicológica severa	40	84.70	128	84.44	-0.038	0.558
		Coerção sexual ligeira	40	98.80	128	80.03	-2.740	0.006
Coerção sexual severa		40	85.60	128	84.16	-0.872	0.421	

2.3. Comportamentos abusivos e tipo de relacionamento íntimo

No que respeita às diferenças entre tipo de relacionamento íntimo dos/as participantes, encontraram-se, através do teste de *Mann-Whitney*, diferenças estatisticamente significativas em relação à vitimação do abuso físico sem sequelas severo [Z(U)=-2.838; $p=0.007$], do abuso físico com sequelas ligeiro [Z(U)=-2.156; $p=0.033$] e da agressão psicológica ligeira

[Z(U)=-3.735; $p=0.000$], indicando um maior índice de prevalência destas formas de abuso em relacionamentos com coabitação quando comparados aos relacionamentos sem coabitação. Esta tendência relativa à prevalência mais elevada em contextos relacionais de coabitação relativamente aos sem coabitação, também se constatou na adoção de comportamentos abusivos, nomeadamente, no abuso físico sem sequelas ligeiro [Z(U)=-2,063; $p=0.032$], no abuso físico sem sequelas severo [Z(U)=-2.038; $p=0.044$] e na agressão psicológica ligeira [Z(U)=-2.927; $p=0.002$] (cf. Tabela 6).

Tabela 6

Comparação, por tipo de relacionamento íntimo, das prevalências de comportamentos abusivos

	Variável	Género		Z(U)	P			
		Com Coabitação	Sem Coabitação					
		n	Ordem média	n	Ordem média			
Comportamentos Abusivos	Vítimação	Global	47	88.72	120	82.15	-1.702	0.075
		Abuso físico sem sequelas ligeiro	47	91.29	119	80.42	-1.671	0.070
		Abuso físico sem sequelas severo	47	93.54	120	80.26	-2.838	0.007
		Abuso físico com sequelas ligeiro	47	90.39	119	80.78	-2.156	0.033
		Abuso físico com sequelas severo	47	83.00	120	84.39	-0.888	0.515
		Agressão psicológica ligeira	46	97.75	115	74.30	-3.735	0.000 **
		Agressão psicológica severa	47	86.26	119	82.41	-0.581	0.343
		Coerção sexual ligeira	47	86.15	120	83.16	-0.456	0.390
		Coerção sexual severa	47	82.78	120	84.48	-0.635	0.458
		Comportamentos Abusivos	Perpetração	Global	47	88.22	120	82.35
Abuso físico sem sequelas ligeiro	47			93.48	120	80.29	-2,063	0.032
Abuso físico sem sequelas severo	47			90.21	120	81.57	-2.038	0.044
Abuso físico com sequelas ligeiro	47			88.13	119	81.67	-1.414	0.127
Abuso físico com sequelas severo	47			84.28	120	83.89	-0.201	0.632
Agressão psicológica ligeira	46			94.70	116	76.27	-2.927	0.002
Agressão psicológica severa	47			83.87	120	84.05	-0.027	0.568

Coerção sexual ligeira	47	92.48	120	80.68	-1.821	0.053
Coerção sexual severa	47	83.00	120	84.39	-0.888	0.515

Legenda: ** $p < 0.001$

2.4. Comportamentos abusivos e duração do relacionamento

Para analisar a relação entre a duração do relacionamento e a prevalência dos comportamentos abusivos no mesmo, utilizou-se o coeficiente de correlação de *Spearman* (cf. Tabela 7). Desta feita, os resultados demonstraram que apenas a vitimação da agressão psicológica ligeira ($\rho=0.172$; $p=0.040$) e a perpetração do abuso físico sem sequelas ligeiro ($\rho=0.218$; $p=0.007$) se encontram significativa e positivamente relacionados com a duração do relacionamento, sugerindo que, quanto maior a duração da relação de intimidade, maior a probabilidade de ocorrer vitimação da agressão psicológica severa e/ou adotar comportamentos fisicamente abusivos e severos que deixam sequelas.

Tabela 7

Relação entre a duração do relacionamento íntimo e as prevalências de comportamentos abusivos

	Coeficiente de Correlação Spearman's ρ	P
Global	-0.016	0.848
Abuso físico sem sequelas ligeiro	0.118	0.152
Abuso físico sem sequelas severo	0.104	0.205
Abuso físico com sequelas ligeiro	0.076	0.359
Abuso físico com sequelas severo	-0.109	0.184
Agressão psicológica ligeira	0.172*	0.040
Agressão psicológica severa	0.006	0.943
Coerção sexual ligeira	0.024	0.773
Coerção sexual severa	-0.040	0.630
Global	0.013	0.871
Abuso físico sem sequelas ligeiro	0.218**	0.007
Abuso físico sem sequelas severo	0.046	0.578
Abuso físico com sequelas ligeiro	0.135	0.102

Abuso físico com sequelas severo	-0.058	0.483
Agressão psicológica ligeira	0.136	0.104
Agressão psicológica severa	-0.054	0.515
Coerção sexual ligeira	0.051	0.533
Coerção sexual severa	-0.008	0.926

* $p < 0.05$ ** $p < 0.01$

3. Discussão dos resultados

Este artigo apresenta um estudo destinado a verificar a prevalência de comportamentos abusivos em relacionamentos de intimidade entre pessoas do mesmo sexo e analisar a relação desta com as características sócio-demográficas dos indivíduos. Neste sentido, os dados apurados reforçam as conclusões de diversos estudos que se debruçam sobre esta temática, indicando que neste tipo de relações também se encontram comportamentos considerados abusivos (e.g., Antunes & Machado, 2005; Burke, Jordan, & Owen, 2002; Costa et al., 2011; Yu et al., 2013), levantando assim, questões acerca da prevalência de violência em relações entre sujeitos do mesmo sexo.

No que diz respeito à prevalência da violência, conclui-se que esta apresenta índices muito elevados, tanto em termos de perpetração (92.3%) como de vitimação (91.7%) de uma forma global. Ao nos debruçarmos sobre estes níveis de comportamentos abusivos apurados, verifica-se que os mesmos tendem a elevar-se perante os índices revelados por outros estudos, os quais se encontram compreendidos entre 7.6% e 57.7% (Finneran & Stephenson, 2013; Frankland & Brown, 2014; Milletich, Gumienny, Kelley, & D’Lima, 2014; Pantalone, Schneider, Valentine, & Simoni, 2012; Yu et al., 2013), muito embora, este estudo demonstre congruência com o estudo desenvolvido por Turell e Cornell-Swanson (2005), o qual apresenta uma taxa de 89%. Ainda neste sentido, verifica-se que, comparando com os estudos de prevalência deste fenómeno a nível nacional, os índices de comportamentos abusivos numa relação entre elementos do mesmo sexo são maiores que aqueles apurados por Antunes & Machado (2005) (20.6%) e por Costa e seus colaboradores (2011) (39.1%). Assim, os

índices de prevalência averiguados neste estudo apontam para níveis alarmantes de abuso, mais elevados que os que foram identificados até à data no nosso país. De facto, ao compararmos as taxas de prevalência encontrados no presente estudo – 92.3% da amostra admitiu a adoção de comportamentos abusivos e 91.7% relatou ter sido vítima de alguma forma de violência, no último ano – estes são claramente superiores aos índices de abuso encontrados no estudo de Antunes e Machado (2005), no qual 20.6% dos/as participantes referiu a vitimação de pelo menos um ato abusivo e 15.9% admitia a perpetração de algum comportamento violento, e, posteriormente, aos detetados por Costa et al. (2011), que revelou um índice de perpetração de violência íntima de 39.1% e 37,7% de vitimação. Por outro lado, a existência de correlações positiva e significativamente estatísticas entre perpetração e vitimação global na presente amostra, remete-nos para a bidirecionalidade da violência, comumente referida em estudos desta natureza (Costa et al., 2011). Todavia, torna-se imperativo realçar que, apesar de estes valores, tanto da prevalência global como das diferentes formas de violência mais específicas, serem preocupantes, a avaliação feita incidiu sobre a presença de diferentes atos abusivos, pelo menos uma vez durante o último ano. Assim, e considerando as limitações deste estudo, os resultados obtidos devem ser interpretados de forma cautelosa.

Os comportamentos abusivos mais comumente referidos pelos/as participantes são, sobretudo a agressão psicológica, tanto na forma ligeira como severa, quer ao nível da vitimação (69.6% vs 30.4%) e perpetração (70.2% vs 29.8%). Estes dados corroboram o que tem sido verificado em estudos nacionais e internacionais (Antunes & Machado, 2005; Costa et al., 2011; Finneran & Stephenson, 2013; Matte & Lafontaine, 2011; Pantalone et al., 2012; Turell, 2000; Yu et al., 2013), mas não indo ao encontro de estudos que demonstram que a violência física é a mais frequente (Blosnich & Bossarte, 2009; Edwards & Sylaska, 2013; Halpern et al., 2004; Ramachandran, Yonas, Silvestre, & Burke, 2010). Contudo, e

relativamente ao índice de prevalência desta forma de violência, esta assumiu valores mais elevados do que na maioria dos estudos desenvolvidos, revelando-se congruente com dois estudos levados a cabo com o mesmo instrumento (Craft & Serovich, 2005; Matte & Lafontaine, 2011) e três com um questionário de autorrelato não especificado (Blosnich & Bossarte, 2009; Donovan, Hester, Holmes, & McCarry, 2006; Turell, 2000). Estes resultados destacam-se essencialmente pelos elevados e alarmantes índices de agressão psicológica nos relacionamentos íntimos, não sendo apenas a manifestação mais frequente de violência nos mesmos. Assim, por um lado, surge a questão relativamente ao(s) próprio(s) instrumento(s) utilizado(s), se está mais sensível ao reconhecimento desta forma abusiva, maximizando a sua ocorrência ou se a violência psicológica tem sido adotada como sendo uma tática de resolução de conflitos nos relacionamentos amorosos de uma forma natural (Bolze, Crepaldi, & Vieira, 2013; Mosmann & Falcke, 2011). Por outro lado, e considerando que os episódios abusivos tendem a iniciar-se com comportamentos “menos violentos” assumindo, *à posteriori*, atos ditos “mais violentos”, a agressão psicológica constitui um preditor de outras formas de violência (Antunes & Machado, 2005), não devendo, por isso, esta preponderância, promover uma visão microscópica e fragmentada do fenómeno nem à sua desvalorização nestes contextos relacionais.

No presente estudo, a coerção sexual na forma ligeira, tanto perpetrada como vitimizada, assume-se como o tipo de abuso mais prevalente a seguir à agressão psicológica (28% vs 29.2%). Esta evidência foi também verificada noutros estudos, nos quais os valores se situam entre 9.6% e 40.5% (Donovan et al., 2006; Toro-Alfonso, 1999; Toro-Alfonso & Rodríguez-Madera, 2004b; Yu et al., 2013). Apesar de noutras investigações se verificar que a coerção sexual não é o segundo comportamento abusivo com maior índice de prevalência, mas sim o terceiro, é possível constatar valores relativamente similares apurados, estando estes compreendidos entre 27.5% e 33% (Blosnich & Bossarte, 2009; Craft & Serovich, 2005;

Ramachandran et al., 2010). Neste sentido, a prevalência mais significativa da agressão psicológica e da coerção sexual pode corresponder à realidade ou ser consequência de um enviesamento cultural, dado que estes tendem a ser mais socialmente aceites e, conseqüentemente, a sua admissão assume um carácter de culpabilização menor quando comparados à violência física que tende a ser mais estigmatizada do ponto de vista social (Paiva & Figueiredo, 2005).

No que diz respeito à prevalência do abuso físico apurada neste estudo, constata-se que aquele que não deixa sequelas assume uma taxa mais elevada que o com sequelas. Desta feita, 26.8% dos/as participantes admitiu a perpetração do abuso físico sem sequelas ligeiro, 9.5% desta forma de abuso na forma severa, enquanto que 11.3% referiu a adoção de comportamentos referentes ao abuso físico com sequelas ligeiro e 1.8% na forma severa. Por seu turno, e no que se refere à vitimação, 28.6% da amostra referiu a existência de abuso físico sem sequelas ligeiro, 11.9% de abuso físico sem sequelas severo, 10.7% de abuso físico com sequelas ligeiro e 1.2% de abuso físico com sequelas severo. Embora se constate que os estudos desenvolvidos não tendem a distinguir abuso físico com sequelas do abuso físico sem sequelas, é possível constatar semelhanças nas taxas de prevalência dos mesmos, os quais se encontram compreendidos entre os 7.9% e 31% (Antunes & Machado, 2005; Costa et al., 2009; Edwards & Sylaska, 2013; Finneran & Stephenson, 2013; Halper et al., 2004; Houston & McKirnan, 2007; Matte & Lafontaine, 2011; Pantalone et al., 2012; Ramachandran et al., 2010; Turell, 2000; Yu et al., 2013) e dissemelhanças ao nível da sua inferioridade face a outros estudos que apuraram índices entre os 45.1% e 89.9% (Blosnich & Bossarte, 2009; Craft e Serovich, 2005; Greenwood, Relf, Huang, Pollack, Canchola, & Catania, 2002). Mais uma vez, a estigmatização social desta forma de violência poderá contribuir para a compreensão do menor volume de relatos deste tipo de abuso por parte dos/as participantes (Paiva & Figueiredo, 2005). Não obstante, torna-se imperativo referir que a grande dispersão

nos índices de prevalência pelos diferentes estudos desenvolvidos acerca do abuso íntimo entre parceiros/as do mesmo sexo tem sido comumente associada a problemas metodológicos (Donovan et al., 2006; Murray, Mobley, Buford, & Seaman-DeJohn, 2006/2007), dos quais se destacam as características das amostras (Buller, Devries, Howard, & Bacchus, 2014; Burke & Follingstad, 1999; Rohrbaugh, 2006; Tjaden & Thoennes, 2000), a natureza da medida, o tipo de instrumentos, a definição de abuso íntimo (Buller et al., 2014), entre outros. Assim, os valores encontrados neste estudo parecem decorrer de especificidades inerentes à própria amostra.

No que concerne às diferenças de género, apenas se encontraram diferenças significativas na perpetração da coerção sexual, tanto ligeira como severa, sugerindo que elementos do sexo masculino assumem adotar mais este tipo de comportamentos quando comparados com elementos do sexo feminino, ainda que ambos admitam a perpetração e vitimação destes comportamentos. Embora não se verifiquem conclusões similares, nomeadamente no que diz respeito à coerção sexual, na investigação sobre a violência em relacionamentos íntimos entre indivíduos do mesmo sexo, é possível verificar que, de uma perspetiva geral, o homem tende a ser associado ao uso da agressividade física na resolução dos seus conflitos interpessoais (Antunes & Machado, 2005).

Relativamente às diferenças face ao tipo de relacionamento, apenas se verificaram diferenças significativas, ao nível da vitimação, no abuso físico sem sequelas severo, no abuso físico com sequelas ligeiro e na agressão psicológica, no abuso físico sem sequelas ligeiro, no abuso físico sem sequelas severo e na agressão psicológica, ao nível da perpetração, demonstrando uma maior prevalência em contextos relacionais de coabitação. A literatura revela que a ocorrência dos atos abusivos tende a ser mais provável em relações nas quais existe coabitação (Bolze et al., 2013; Mosmann & Falcke, 2011).

Quanto à duração do relacionamento, foi possível observar que esta se encontra positiva e significativamente correlacionada apenas com a vitimação da agressão psicológica ligeira e a perpetração do abuso físico sem sequelas ligeiro. Neste sentido, quanto maior a duração do relacionamento, maior probabilidade de ocorrerem estas formas de violência há. Efetivamente, a investigação sobre os relacionamentos íntimos tem demonstrado a existência de uma escalada da violência com o decorrer da relação (Antunes & Machado, 2005; Mahoney, Williams, & West, 2001), sendo por isso imperativo não menosprezar qualquer ato abusivo nos relacionamentos.

Por último, e apesar de todas as limitações inerentes ao presente estudo e das reservas na interpretação dos resultados do mesmo, não devemos ser negligentes na sua análise.

4. Conclusão

Este estudo contribui para o conhecimento de uma realidade que tem sido amplamente ignorada pela comunidade científica, a qual aborda maioritariamente a violência nos relacionamentos íntimos heterossexuais, demonstrando que esta é uma realidade que não pode ser mais negada nem escondida, sendo imperativa a não restrição do estudo do tema às relações ditas tradicionais (Antunes & Machado, 2015). Assim, os índices de prevalência apurados remetem-nos para a urgência em darmos visibilidade a este fenómeno que se caracteriza, socialmente, pela sua “dupla invisibilidade” (Antunes & Machado, 2005, p. 167), dado que, os casais de indivíduos do mesmo sexo ainda são confrontados com o medo adicional de discriminação que se manifesta, em grande parte, pela homofobia e condenação da homossexualidade, o que consequentemente fomenta o segredo a que as situações de violência são “impostas”. Por outro lado, esta necessidade imperativa no aprofundamento de conhecimento, permitir-nos-á, invariavelmente, dar resposta aos indivíduos envolvidos em relacionamentos abusivos, não só através do desenvolvimento de mecanismos (in)formais de apoio aos diferentes tipos de vítimas (e.g., criação de abrigos destinados a mulheres vítimas

de violência por um parceiro íntimo do mesmo sexo, evitando que haja um encontro ofensor-vítima, e também para próprios os homens), como também na ação da sua prevenção, através da elaboração e implementação de esforços preventivos mais ajustados à realidade em questão.

Não obstante, o estudo, caracterizado pelo seu caráter quantitativo, não permite compreender algumas questões relacionadas com as motivações subjacentes à experiência abusiva e à adoção destes comportamentos abusivos (e.g., auto-defesa), o contexto de instalação, a sequência interativa da experiência abusiva nem a significação atribuída ao abuso pelos seus intervenientes. Por outro lado, este estudo não atende à frequência dos atos abusivos, bastando que os mesmos ocorram uma vez para serem contabilizados, não se verificando por isso, a evolução dos mesmos (e.g., escalada da violência). É de referir que, devido à dificuldade de acesso à população que mantém relacionamentos íntimos homossexuais, a amostra deste estudo é pequena, maioritariamente composta por elementos do sexo feminino e, como a maioria dos estudos nesta área, é uma amostra por conveniência, não sendo, por isso, representativa, o que não permite extrair deste, generalizações para a população portuguesa. O instrumento utilizado tem escalas validadas para amostras heterossexuais, o que conseqüentemente pode levar ao condicionamento dos relatos factuais da amostra e à não mensuração real do fenómeno nas relações entre pessoas do mesmo sexo (Buller et al., 2014). Finalmente, a desejabilidade social inerente aos instrumentos de autorrelato e ausência de controlo sobre o contexto de preenchimento do instrumento poderá ter implicações nos relatos dos participantes. Neste sentido, assume-se como urgente o aprofundamento da investigação, não apenas de índole quantitativa, mas também qualitativa, sobre a violência nos relacionamentos íntimos entre indivíduos do mesmo sexo que contemplem, preferencialmente, amostras mais alargadas e representativas desta população nacional. Assim, é imperativa a determinação de índices de prevalência nesta população, no

sentido de diminuir as discrepâncias anteriormente referidas e a compreensão de significados, motivações, contextos e sequências interativas inerentes a este fenômeno, tanto numa perspectiva de perpetração como de vitimação.

Referências Bibliográficas

- Antunes, R. & Machado, C. (2005). Dupla invisibilidade: A violência nas relações homossexuais. *Psychologica*, 39, 167-187.
- Banks, J. R., & Fedewa, A. L. (2012). Counselors' attitudes toward domestic violence in same-sex versus opposite-sex relationships. *Journal of Multicultural Counseling and Development*, 40, 194–205.
- Blosnich, J. R., & Bossarte, R. M. (2009). Comparisons of intimate partner violence among partners in same-sex and opposite-sex relationships in the United States. *American Journal of Public Health*, 99(12), 2182–2184.
- Bolze, S.D.A., Schmidt, B., Crepaldi, M.A. & Vieira, M.L. (2013). Relacionamento conjugal e táticas de resolução de conflito entre casais. *Actualidades en Psicología*, 27(114),71-85.
- Buller, A. M., Devries, K. M., Howard, L. M., & Bacchus, L. J. (2014). Associations between intimate partner violence and health among men who have sex with men: a systematic review and meta-analysis. *PLoS Medicine*, 11(3), 1-12.
- Burke, L. K. & Follingstad, D. R. (1999). Violence in lesbian and gay relationships: theory, prevalence, and correlational factors. *Clinical Psychology Review*, 19(5), 487-512.
- Burke, T. W., Jordan, M. L. & Owen, S. S. (2002). A Cross-National Comparison of Gay and Lesbian Domestic Violence. *Journal of Contemporary Criminal Justice*, 18(3), 231-257.
- Carvalho, A. F., Lewis, R. J., Derlega, V. J., Winstead, B. A. & Viggiano, C. (2011). Internalized Sexual Minority Stressors and Same-Sex Intimate Partner Violence. *Journal of Family Violence*, 26, 501–509.

- Costa, L. G., Machado, C. & Antunes, R. (2011). Violência nas relações homossexuais: A face oculta da agressão na intimidade. *Psychologica, 1*, 2-15.
- Craft, S. M., & Serovich, J. M. (2005). Family-of-origin factors and partner violence in the intimate relationships of gay men who are HIV positive. *Journal of Interpersonal Violence, 20*(7), 777–791.
- Donovan C, Hester M, Holmes J, McCarry, M. (2006). Comparing domestic abuse in same sex and heterosexual relationships. Retirado a 16 de agosto de 2015, de <http://www.bris.ac.uk/sps/research/projects/completed/2006/rc1307/rc1307finalreport.pdf>.
- Edwards, K. M. & Sylaska, K. M. (2013). The Perpetration of Intimate Partner Violence among LGBTQ College Youth: The Role of Minority Stress. *Journal of Youth and Adolescence, 42*, 1721–1731.
- Frankland, A. & Brown, J. (2014). Coercive Control in Same-Sex Intimate Partner Violence. *Journal of Family Violence, 29*, 15-22.
- Finneran, C. & Stephenson, R. (2013). Gay and Bisexual Men’s Perceptions of Police Helpfulness in Response to Male-Male Intimate Partner Violence. *Western Journal of Emergency Medicine, 14*(4), 354-362.
- Freedner, N., Freed, L. H., Yang, Y. W. & Austin, S. B. (2002). Dating Violence Among Gay, Lesbian, and Bisexual Adolescents: Results From a Community Survey. *Journal Of Adolescent Health, 31*, 469–474.
- Greenwood, G. L., Relf, M. V., Huang, B., Pollack, L. M., Canchola, J. A. & Catania, J. A. (2002). Battering Victimization Among a Probability-Based Sample of Men Who Have Sex With Men. *American Journal of Public Health, 92*(12), 1964-1969.
- Halpern, C. T., Young, M. L., Waller, M. W., Martin, S. L. & Kupper, L. L. (2004). Prevalence of Partner Violence in Same-Sex Romantic and Sexual Relationships in a National Sample of Adolescents. *Journal Of Adolescent Health, 35*, 124–131.

- Houston, E. & McKirnan, D. J. (2007). Intimate Partner Abuse among Gay and Bisexual Men: Risk Correlates and Health Outcomes. *Journal of Urban Health: Bulletin of the New York Academy of Medicine*, 84(5), 682-690.
- Little, B. & Terrance, C. (2010). Perceptions of Domestic Violence in Lesbian Relationships: Stereotypes and Gender Role Expectations. *Journal of Homosexuality*, 57, 429–440.
- Mahoney, P., Williams, L. M. & West, C. M. (2001). Violence against women by intimate relationships partners. In C. M. Renzetti, J. L. Edleson, & R. K. Bergen (Eds.), *Sourcebook on violence against women* (143-178). Thousand Oaks: Sage Publications.
- Matte, M., & Lafontaine, M.-F. (2011). Validation of a measure of psychological aggression in same-sex couples: Descriptive data on perpetration and victimization and their association with physical violence. *Journal of GLBT Family Studies*, 7(3), 226–244.
- Milletich, R. J., Gumienny, L. A., Kelley, M. L. & D’Lima, G. M. (2014). Predictive Factors for Intimate Partner Violence Against Women. *Journal of Family Violence*, 29(6), 653-664.
- Mosmann, C. & Falcke, D. (2011). Conflitos conjugais: motivos e frequência. *Revista SPAGESP*, 12(2), 5-16.
- Murray, C. E., Mobley, A. K., Buford, A. P., & Seaman-DeJohn, M. M. (2006/2007). Samesex intimate partner violence: Dynamics, social context, and counseling implications. *The Journal of LGBT Issues in Counseling*, 1(4), 7-30.
- National Coalition of Anti-Violence Programs Project. (2013). Lesbian, gay, bisexual, transgender, queer, and HIV-Affected intimate partner violence in 2012. A Report of the National Coalition of AntiViolence Programs. New York: NCAVP. Retirado a 14 de agosto de 2015, de http://www.avp.org/storage/documents/ncavp_2012_ipvreport.final.pdf e http://www.avp.org/storage/documents/ncavp_2012_hvreport_final.pdf.

- Paiva, C. & Figueiredo, B. (2005). Abuso no relacionamento íntimo e estado de saúde em jovens adultos portugueses. *International Journal of Clinical and Health Psychology*, 5, 243-272.
- Paiva, C. & Figueiredo, B. (2006). Versão portuguesa das “Escala de Táticas de Conflito Revisadas”: estudo de validação. *Psicologia: Teoria e Prática*, 8(2),14-39.
- Pantalone, D. W., Schneider, K. L., Valentine, S. E. & Simoni, J. M. (2012). Investigating Partner Abuse Among HIV-Positive Men Who have Sex with Men. *AIDS and Behavior*, 16, 1031–1043.
- Ramachandran, S., Yonas, M. A, Silvestre, A. J., & Burke, J. G. (2010). Intimate partner violence among HIV-positive persons in an urban clinic. *AIDS Care*, 22(12), 1536–1543.
- Richards, A., Noret, N., & Rivers, I. (2003). Violence and abuse in same-sex relationships: A review of literature. Leeds: University of Leeds, York St. John College. Retirado a 3 de outubro de 2014, de http://mesmac.co.uk/uploads/cms/files/violence_and_abuse.pdf.
- Rohrbaugh, J. B. (2006). Domestic violence in same-gender relationships. *Family Court Review*, 44(2), 287–299.
- Santos, A. C. (2012). Entre duas mulheres isso não acontece – Um estudo exploratório sobre violência conjugal lésbica. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 98, 3-24.
- Tjaden, P., & Thoennes, N. (2000). Extent, nature, and consequences of intimate partner violence. Retirado a 3 de outubro de 2014, de <https://www.ncjrs.gov/pdffiles1/nij/181867.pdf>.
- Toro-Alfonso, J. (1999). Domestic Violence Among Same Sex Partners in Puerto Rico. *Journal of Gay & Lesbian Social Services*, 9(1), 69-78.
- Toro-Alfonso, J. & Rodríguez-Madera, S. (2004). Sexual Coercion in a Sample of Puerto Rican Gay Males. *Journal of Gay & Lesbian Social Services*, 17(1), 47-58.

- Turell, S. C. (2000). A Descriptive Analysis of Same-Sex Relationship Violence for a Diverse Sample. *Journal of Family Violence, 15*(3), 281-293.
- Turell, S. C. & Cornell-Swanson, L. V. (2005). Not All Alike. *Journal of Gay & Lesbian Social Services, 18*(1), 71-88.
- Waldner-Haugrud, L. K. (1999). Sexual coercion in lesbian and gay relationships: a review and critique. *Aggression and Violent Behavior, 4*(2), 139-149.
- Yu, Y., Xiao, S. & Liu, K. Q. (2013). Dating Violence Among Gay Men in China. *Journal of Interpersonal Violence, 28*(12), 2491-2504.

Artigo 3

A experiência abusiva em relacionamentos íntimos do mesmo sexo: uma abordagem qualitativa

A experiência abusiva em relacionamentos íntimos do mesmo sexo: uma abordagem qualitativa

Ana M. R. Santos, 21309@ufp.edu.pt

Universidade Fernando Pessoa

Resumo

A violência nos relacionamentos íntimos é considerada um sério problema presente em relações de caráter heterossexual e homossexual. Deste modo, através da realização de entrevistas a 8 participantes (2 do sexo masculino e 6 do sexo feminino), com idades compreendidas entre os 19 e os 30 anos, procurou-se compreender as dinâmicas, os significados e sentimentos vivenciados associados a esta problemática. Através da análise de conteúdo, constatou-se a existência de semelhanças nas dinâmicas inerentes a este fenómeno comparativamente ao que ocorre em relacionamentos heterossexuais, e de especificidades associadas à homofobia e ao heterossexismo alicerçados na sociedade atual, que levam a um maior isolamento e silêncio por parte das vítimas. Foram ainda dadas pistas para posteriores investigações e para a necessidade emergente de desenvolver ações de prevenção e sensibilização para este fenómeno em específico.

Palavras-chave: Violência; Intimidade entre pessoas do mesmo sexo; Dinâmicas; Significados; Sentimentos

Abstract

Intimate partner violence is a serious problem in same-sex and heterosexual relationships. In this study, we tried to understand the dynamics, meanings and feelings experienced in these problematic relationships. To do this, we interviewed 2 males and 6 females, with ages between 19 and 30 years. In the results, we observed similarities in this phenomenon that occurs in heterosexual and same-sex relationships, and unique characteristics associated to

heterosexism and homophobia present in society, which is promoting a increase of isolation and silence for victims. Finally, the study has given clues to further investigations and the emerging need to develop prevention actions and social awareness.

Key-words: Violence; Same-sex intimacy; Dynamics; Meanings; Feelings

Introdução

Desde a década de 70 que o problema da violência nas relações de intimidade tem tido a atenção social, a qual promoveu um amplo movimento de investigação sobre esta problemática (Jasinski & Williams, 1998, citado por Costa, Machado, & Antunes, 2011). Embora a incidência destes estudos seja maioritariamente sobre as relações de teor heterossexual, tem sido possível verificar-se a presença de fatores especificamente associados à condição de um relacionamento de índole homossexual (Santos, 2012). Neste sentido, a investigação tem vindo a demonstrar que *gays* e *lésbicas* experimentam *stressores* únicos inerentes à sua condição de minoria sexual (Carvalho, Lewis, Derlega, Winstead, & Viggiano, 2011). Apesar de a homossexualidade ser cada vez mais assumida e, de alguma forma, mais aceite na sociedade, é inegável que muitas pessoas mantêm uma atitude negativa em relação à mesma (Yu, Xiao, & Liu, 2013). Assim, muitas vezes, o medo de expôr a sua orientação sexual aos membros da família, aos empregadores ou até mesmo à polícia leva a que os indivíduos que mantêm relacionamentos íntimos com elementos do mesmo sexo sofram em silêncio (Yu et al., 2013). Por outro lado, constata-se o medo de que os relatos de violência não sejam levados a sério, a existência de represálias por parte da comunidade homossexual ou que as vítimas possam ser alvo de atitudes homofóbicas, criando, deste modo, um isolamento entre as vítimas de abuso em relações homossexuais e, levando a que os atos violentos possam ser perpetrados impunemente (Klostermann, Kelley, Milletich, & Mignone, 2011). Tendo como base estas especificidades, Gelles (1997, citado por Antunes &

Machado, 2005) destacou um aspecto distinto no abuso emocional, exclusivo das relações homossexuais, que é o “outing” – “revelar ou ameaçar revelar a orientação sexual do parceiro” (Antunes & Machado, 2005, p. 168), usado como arma ou ferramenta do ofensor, sendo a homofobia da sociedade uma estratégia adotada pelo mesmo para levar a cabo a violência contra o parceiro. Elliot (1996, citado por Duke & Davidson, 2009) observou que o medo inerente a esta “chantagem” pode isolar vítimas LGB (Lésbicas, *Gays* e Bissexuais) para um grau ainda maior do que vítimas em relações heterossexuais, que podem, de alguma forma, recorrer a serviços de suporte mais livremente. Assim, o contexto heterossexista, heteronormativo e homofóbico dominante assume-se como promotor de condições favoráveis a uma situação de particular vulnerabilidade, não só pelo estatuto “invisível” da relação entre pessoas do mesmo sexo, como da violência inerente, propiciando fatores de opressão diversos (o isolamento, a falta de redes sociais formais e/ou informais de apoio, a homofobia internalizada, a falta de formação de agentes institucionais e as ameaças de *outing* em contexto familiar e profissional) (Elliot, 1996, citado por Santos, 2012). Num estudo desenvolvido por Santos acerca da violência em relacionamentos íntimos lésbicos (2012), constatou-se que as razões subjacentes à invisibilidade deste fenómeno apontadas se referem, por um lado, ao “duplo armário”, não só por serem mulheres batidas e vistas como o “elo mais fraco” de um sistema de género binário e patriarcal, mas também, por serem lésbicas numa sociedade heteronormativa, promovendo um silêncio sobre esta problemática. Por outro lado, refere-se a ausência de redes sociais de apoio, tendo a amostra descrito situações de isolamento e razões de natureza socioeconómica, nomeadamente, a dependência. Ainda neste âmbito, Santos (2012) realça que estes fatores instituídos na nossa sociedade promovem situações de homofobia internalizada e baixa autoestima.

Não obstante, existem diversos estudos que visam compreender o fenómeno da violência nos relacionamentos íntimos *per si*, independentemente do sexo e do teor do relacionamento

– heterossexual ou homossexual –, cujos resultados têm demonstrado que as vítimas desta forma de abuso tendem a manter-se nesses relacionamentos abusivos por motivos, na sua grande maioria, semelhantes: sentimento nutrido pelo/a ofensor/a, dependência financeira e emocional, esperança de mudança no/a parceiro/a e medo de represálias (Cruz, 2003). Uma outra semelhança da violência das relações íntimas entre parceiros/as do mesmo sexo e de sexos diferentes refere-se à relação entre *stress*, violência e consumo de substâncias, no qual, Craft, Serovich, McKenry e Lim (2008, citados por Carvalho et al., 2011) verificaram que a relação entre o *stress* percebido (*stress* familiar, financeiro, profissional e na relação) e a prática de violência nas relações de intimidade entre pessoas do mesmo sexo são, tal como nas heterossexuais, mediadas por um tipo de vinculação insegura. Relativamente aos/às ofensores/as, tanto num tipo de relação como no outro, estes fazem uso da violência, intimidação e do abuso emocional para exercer poder e controlo sobre os/as seus/suas parceiros/as (Hequembourg, Parks, & Vetter, 2008, citados por Carvalho et al., 2011). Desta forma, o abuso nas relações íntimas entre pessoas do mesmo sexo tende a assumir a mesma tipologia, padrão, frequência, severidade, impacto e motivações que a que ocorre em casais heterossexuais (Blosnich & Bossarte, 2009). Ainda no que se refere às semelhanças, Renzetti (1992, citado por Costa et al., 2011) constatou a existência de uma escalada de violência, não sendo por isso, tendencialmente, incidentes isolados.

Por fim, é imperativo realçar que diversos estudos de prevalência têm demonstrado a existência de violência nos relacionamentos íntimos entre pessoas do mesmo sexo, com taxas de prevalência compreendidas entre 7.6% (Finneran & Stephenson, 2013) e 89.9% (Blosnich & Bossarte, 2009).

O presente estudo qualitativo debruçou-se sobre a problemática da violência nas relações de intimidade entre pessoas do mesmo sexo, nas suas variadas formas e contextos, tendo como objetivos: i) identificar os motivos que lhes são atribuídos, ii) analisar a sequência

interativa dos atos abusivos; iii) analisar o impacto e a significação atribuída ao abuso pelos seus intervenientes e iv) conhecer as perceções relativamente às entidades formais disponíveis para o apoio face a este fenómeno.

1.Método

A presente investigação é de índole qualitativa, na qual se deu primazia à experiência subjetiva enquanto fonte de informação, o estudo do fenómeno a partir do olhar do outro e dos seus marcos de referência, tal como conhecer a forma como os indivíduos experienciam e interpretam o mundo social que constroem (Almeida & Freire, 1997).

1.1.Participantes

Foram entrevistados sujeitos com idades compreendidas entre os 19 e os 30 anos, tendo a média de idades de 25.12 anos, de ambos os géneros (2 do sexo masculino e 6 do sexo feminino). Todos os participantes já haviam estado, no passado, numa relação íntima abusiva com pessoas do mesmo sexo (cf. Tabela 8). Das relações abordadas, verificou-se que 5 destas eram consideradas relações à distância, o que levava os/as participantes a estarem fisicamente com os/as seus/suas parceiros/as de uma forma limitada (e.g., fins de semana). Deste modo e, atendendo ao contexto empírico e metodológico adotado, trata-se de uma amostra de conveniência.

Tabela 8

Caracterização sócio-demográfica dos participantes

Amostra	Idade	Género	Escolaridade	Situação Profissional	DR	Há quanto tempo foi a relação
E1	26	M	Mestrado	Estudante	2 anos	Cerca de 1 ano
E2	23	F	Licenciatura	Estudante	1 ano	Cerca de 6 anos
E3	30	F	9º ano	No ativo	9 meses	Cerca de 3 anos
E4	27	F	12º ano	Estudante	Mais de 2 anos	Menos de 1 ano
E5	19	F	12º ano	Estudante	Mais de 3 anos	Cerca de 1 ano
E6	20	F	12º ano	Estudante	2 anos	Mais de 1 ano
E7	30	M	12º ano	No ativo	6 meses	Menos de 1 ano
E8	26	F	9º ano	Desempregada	1ano e 6 meses	Menos de 1 ano

Legenda: M= Masculino; F=Feminino; DR= Duração da Relação.

1.2.Instrumentos de avaliação

Nesta investigação recorreu-se ao método do inquérito, tendo este sido suportado pela técnica da entrevista. Neste sentido, o instrumento utilizado foi uma entrevista semi-estruturada desenvolvida para o efeito, a qual encerrava um conjunto de questões inerentes à experiência de vitimação em relacionamentos íntimos (cf. Anexo D), nomeadamente, relativas à história da experiência abusiva, tipologia, severidade e frequência dos comportamentos abusivos, contextos de instalação e sequência interativa da experiência abusiva, motivações subjacentes à experiência abusiva, impacto e suas significações, reações, revelações e pedido de ajuda. Apesar de existir uma estrutura prévia, as entrevistas foram conduzidas com vista a que existisse uma fluidez no discurso a partir do interesse dos/as próprios/as participantes.

1.3.Procedimentos

Para levar a cabo este estudo, foi necessária, primeiramente, a construção do guião de entrevista utilizado, tendo como ponto de partida os objetivos traçados. Após a elaboração do

mesmo, construiu-se o respetivo protocolo de investigação, que comporta a descrição dos objetivos do estudo, o método utilizado (participantes, instrumento utilizado – guião de entrevista), bem como o consentimento informado (cf. Anexo C), tendo sido submetido à validação da Comissão de Ética da Universidade Fernando Pessoa. Posteriormente, e após a obtenção da autorização necessária, solicitou-se a colaboração a várias associações LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgéneros), nomeadamente, “Associação ILGA Portugal - Intervenção Lésbica, Gay, Bissexual e Transgénero”, “Rede *Ex Aequo*- associação de jovens LGBTs”, “*Opus Gay* - Associação de defesa dos direitos dos LGBT” e *Pride Azores*, visando divulgação e sensibilização da sua população-alvo, isto é, a comunidade LGBT, na participação do presente estudo. Para além destas solicitações, pediu-se a colaboração na divulgação a associações/núcleos de estudantes, através das suas *mailing lists* e difundiu-se o estudo através de contactos de *e-mail* pessoal (técnica *snowball*), fóruns e redes sociais. Considerando a dificuldade em aceder à população-alvo, decidiu-se, através do estudo quantitativo “Violência em relacionamentos íntimos em indivíduos do mesmo sexo: estudo quantitativo”, cuja recolha de dados foi realizada numa plataforma *online* – *Google Docs* -, incluir uma questão adicional no final do questionário utilizado, na qual se procurou saber a disponibilidade do/a inquirido/a para a realização de uma entrevista em profundidade acerca da sua experiência abusiva, caso tenha estado envolvido/a num relacionamento íntimo com uma pessoa do mesmo sexo, tendo-lhe sido pedido/a ainda uma forma de contacto. Após a recolha dos contactos, foi marcado um primeiro encontro com os/as participantes no sentido de ser fornecida toda a informação referente ao estudo (objetivos, critérios de inclusão, necessidade de gravação em formato áudio da entrevista) e aos fins a dar aos dados recolhidos. Foram ainda assegurados os princípios chave norteadores à investigação (confidencialidade, privacidade e anonimato), tendo sido acordado previamente com os inquiridos a utilização de um nome fictício pelo qual foram, posteriormente, tratados e a

destruição posterior das gravações. As entrevistas foram realizadas entre os meses de junho e novembro de 2014, em contextos que reuniam as condições necessárias de segurança, iluminação, ausência de ruído e outros potenciais fatores distratores, tendo tido uma duração média de 1h. É de realçar que, duas entrevistas foram realizadas à distância, com recurso a um *software* que possibilita comunicações de voz e vídeo via *Internet – Skype* –, por não se reunirem as condições necessárias à realização da entrevista num contexto físico partilhado, que poderá ter implicações na própria produção de resposta e, conseqüentemente, na riqueza das mesmas. No que respeita à forma como decorreram as entrevistas, foi possível verificar a presença de reações emocionais distintas, que oscilaram entre a hesitação, dado que era a primeira vez que tinham a oportunidade de partilhar as suas experiências de uma forma tão profunda, o receio inerente não só à confidencialidade e anonimato, como ao próprio impacto que a recordação destes eventos teria e/ou desencadearia, e desejo pela própria partilha e a sua importância. Considerando a possibilidade de serem abordadas experiências potencialmente perturbadoras, os/as participantes foram alertados/as para os efeitos suscitados pela entrevista, tendo sido ainda disponibilizado apoio posterior (e.g., informações sobre a APAV - Associação Portuguesa de Apoio à Vítima, Clínica pedagógica de psicologia da Universidade Fernando Pessoa, entre outras) para o caso de necessitarem de recorrer a ajuda. As entrevistas foram gravadas em registo áudio e, posteriormente, transcritas, tendo sido destruídas as gravações. Com o intuito de garantir a confidencialidade e anonimato das entrevistas, foram eliminadas quaisquer referências suscetíveis a identificar pessoas e contextos nas transcrições.

Finda a recolha de dados, deu-se início à sua análise, através da análise de conteúdo.

1.4. Análise de dados

O material empírico foi sujeito a uma análise qualitativa – análise de conteúdo –, constituindo-se assim, de forma indutiva, o procedimento de codificação para critérios temáticos de categorização (cf. Anexo E) que apresentaram maior representatividade, isto é,

maior índice de frequência. Segundo Bardin (2009, p. 7), “enquanto esforço de interpretação, a análise de conteúdo oscila entre os dois pólos do rigor da objectividade e da fecundidade da subjectividade.”, sendo imperativo dar sentido aos dados, do particular para o geral, estabelecendo ligações e deduções válidas que traduzam e expressem o sentido dos fenómenos, reduzindo a distância entre indicador e indicado, entre contexto e ação (Maanen, 1979a, citado por Neves, 1996). A codificação procurou ser o mais inclusiva possível, para evitar a perda de informação potencialmente importante para o presente estudo. Com vista a assegurar a confiança e credibilidade dos resultados apurados, foi necessário proceder-se à validação dos mesmos. Neste sentido, a densidade descritiva dos dados, assumiu-se como principal critério de validade.

2. Resultados

Ao nos debruçarmos sobre os dados recolhidos através das entrevistas e, atendendo às áreas, categorias e subcategorias com maior representatividade, isto é, que mais emergiram, é possível verificar que todos/as os/as participantes/as assumiram de um modo categórico a experiência de episódios de violência num relacionamento de intimidade passado, tendo por isso, produzido relatos pormenorizados sobre os incidentes violentos de que foram alvo. Destas descrições emergiu a história da experiência abusiva, a qual comporta, como subcategorias, o primeiro episódio abusivo, a evolução, tipos, direção e frequência da violência. No que diz respeito ao primeiro episódio abusivo, é possível constatar que mais de metade da amostra (n=5) indicou que esta se iniciou já numa fase posterior do relacionamento, enquanto 2 entrevistados referiram que, apesar de não ter sido esta a sua interpretação inicial, os atos abusivos iniciaram-se simultaneamente à relação (E1: “Desde sempre que havia um certo controlo e alguns ciúmes...”; E2: “Ela logo de início foi sempre “tu és um bem adquirido meu por isso não quero saber, tu és minha não olhas para mais ninguém”). Em todas as entrevistas, verificou-se uma evolução em escalada da violência, quer em termos de frequência (n=2), em termos de severidade (2) e ambas (n=4) (E6: “..Eu

acho que fosse quase como uma pirâmide e o psicológico fosse tipo a base para que as coisas evoluíssem e a agressão física acontecesse”; E5: “...começou a haver discussões graves e depois isso foi tudo em espiral” E2: “...No início era tipo brincadeira de crianças “eu não gosto que mandes mensagens a fulano, eu não gosto que fales com cicrano... vejo-me de repente a andar de fato treino todos os dias e de fita no cabelo, coisa que não acontece nunca.”; E8: “Foi de discussões onde não sei quê e chamar nomes até ter facas apontadas, de ficar trancada...”). No que se refere à tipologia da violência, todos os entrevistados admitiram a experienciação de violência psicológica, sendo esta seguida pela violência sexual (n=5) (E1: “. Se eu não quisesse ter relações, seja porque estava cansado ou só porque não me apetecia (...) Pronto, se eu não quisesse ter relações, era outra discussão que tínhamos porque para eu recusar sexo, sendo homem, é porque já não queria nada com ele, já não o amava e porque o tinha traído e aí o escrutínio continuava outra vez...durante horas.” “ter sexo sem vontade e apenas para que ele parasse as cenas, várias, mas várias vezes.” “eu senti-me que nem um prostituto porque fazia sexo com ele apenas para não discutirmos ou para ele não contar às pessoas o que sabia...”; E3: “...ela entrou no quarto e começou a beijar-me à força, a tocar-me de forma a... “coiso”... eu disse que não queria e ela disse que se eu não queria era porque a tinha traído...eu disse-lhe que estava cansada e me doía a cabeça por estarmos horas a discutir e ela deu-me um murro, puxou-me os cabelos e disse “se foste para a cama com X, agora tens que ir comigo!” e pronto...”) e violência física (n=4). No que diz respeito à violência psicológica, importa destacar uma estratégia abusiva característica – ameaças de *outing* – referidas por 2 participantes (E3: “A homossexualidade é uma prisão e isso dá muito poder ao outro...a minha ex não tinha família cá, eles estavam emigrados, por isso...e ela estava na faculdade, nem daqui era... ela não tinha o medo que eu tinha de que descobrissem.”; E1: “Começou a dizer que tinha provas... e acabou por me enviar *prints* que fez de mensagens privadas que eu troquei com ele e outros rapazes no *facebook* e pronto...era

ou ele ou toda a gente, principalmente, ela iriam saber que eu tive relacionamentos homossexuais...”). Relativamente à direção, 5 entrevistados referiram que a violência no seu todo e/ou nalgumas formas de abuso tendem a ser unidirecionais e 3 participantes referiram a bidirecionalidade dos mesmos. Quanto à frequência dos abusos, todos os participantes indicaram ser reiterada (E5: “aquela inconsistência de em 5 minutos estava tudo bem e passados 5 minutos era chamar tudo quanto pudesse...”; E3: “Começar a discutir de madrugada, aos altos berros, sem olhar a horas nem aos vizinhos e acordar-me assim...eu dava pulos da cama...”).

Quanto às motivações subjacentes à experiência abusiva, nomeadamente no que se refere às características de personalidade do/a ofensor/a, todos os entrevistados evocaram traços individuais do/a ofensor/a, destacando-se a perturbação psiquiátrica/ psicológica (E1: “...tive o azar de me envolver com um doente mental... eu acho mesmo que ele tem alguma perturbação mental...ele deve ter algum traço de psicopata. Ninguém faz o que ele fez, se não for perturbado...”) e os ciúmes (E4: “...ela era demais...era obcessiva...ciúmes de amigos, amigas, hetero, homos...até de professores. Se eu dissesse que tinha um professor... um professor, gostando eu de mulheres!, muito interessante ou lhe elogiava qualquer coisa...pronto, gritaria certa... porque eu já estava a pensar em traí-la, porque eu era uma puta, uma oferecida, isto ou aquilo... porque o prof nunca iria querer nada comigo a não ser usar-me, que eu era uma burra e me queria vender pelas notas... enfim...”; E1: “Ciúmes. Sempre ciúmes!”; E3: “tinha ciúmes...de tudo...”) e traços de natureza familiar (n=2), nomeadamente a conflituosidade (E5: “e depois, também sei dos problemas que ela tinha em casa com a família...sim, isso se calhar torna-a uma pessoa mais frágil... não sei... e acho que, de certa forma, ela tentava fazer sempre asneira e não sei... tentava sempre sobrepôr-se a mim.”; E6: “Ela estava também com problemas familiares... Por exemplo, o pai dela traía a mãe e ela tinha medo que isso acontecesse...”). Emergiram também motivações inerentes às

características da relação, como a dependência económica (n=1) (E3: “eu acho que ela aproveitou-se um bocado de eu estar desempregada, sem dinheiro e a viver em casa dela...ela sabia que sem ela, eu não tinha nada.... eu na altura estava a morar com a minha namorada e a única solução era aguentar”), a dependência emocional (n=3) (E2: “só vivia em função dela... só precisava dela.”) e o facto de ser um relacionamento à distância (n=2) (E5: “...não estar habitualmente com ela e depois...sei lá...as saudades e assim”).

O impacto da experienciação de violência nos relacionamentos íntimos dos/as entrevistados/as deu-se a diferentes níveis. No funcionamento emocional, o processo de internalização foi o mais comumente relatado (n=7), destacando-se sentimentos como baixa autoestima (E6: “...achava que era a pior pessoa do mundo porque aquela pessoa que amava dizia que eu não prestava, que eu tinha algum defeito fisicamente, algum defeito psicologicamente...”; E5: “...perdi muita autoestima porque a culpa era sempre minha, porque eu era merda e pronto...”; E2: “ela conseguiu mexer comigo da forma mais profunda, que foi mexer com a minha autoestima. Fazer-me duvidar da minha pessoa enquanto ser vivo, enquanto mulher... Acreditava que se calhar não era assim tão bonita, tão inteligente, tão culta e se calhar foi essa dúvida que me levou a destruir a minha autoestima”), isolamento (E3: “Isolei-me de toda a gente...”), tristeza (E2: “Eu estava em casa, olhei-me ao espelho...não sei, eu não estava naquele corpo, naquela cabeça...eu não existia.”; E3: “...estava constantemente triste, só me apetecia ficar em casa ver televisão e comer o mais que pudesse...”), desânimo face ao futuro (E3: “Passei a sobreviver em vez de viver...”), ideação suicida (E2: “...tive uma tentativa de suicídio, ingeri comprimidos, foi uma ingestão medicamentosa...”; E3: “só me queria atirar da ponte...”) e homicida (E1: “Na parte final da nossa relação, eu chegava a casa e pensava em formas de o matar...eu só queria encontrar uma forma de o matar, de acabar com aquilo e que não acabasse com a minha vida...”). No funcionamento comportamental, destacaram-se consequências ao nível do desempenho

profissional e/ou acadêmico (n=5), nomeadamente a pouca produtividade e/ou baixo aproveitamento (E5: “não me sentia motivada para nada e não conseguia fazer nada...” E4: “...já teria acabado o curso...” E1: “As minhas notas desceram exponencialmente... deixei muitas cadeiras para trás...”) e na interação social (E3: “Não quero conhecer pessoas novas nem sei como fazê-lo já...”; E2: “para mim conhecer pessoas novas é difícil. Eu tenho muita dificuldade em ir ter com alguém e falar com essa pessoa e antigamente eu não era assim.”). Os/as entrevistados/as referiram também que a experiência abusiva teve impacto no seu funcionamento físico. Assim, verificaram-se em 3 entrevistados, alterações drásticas de peso, tanto ao nível do emagrecimento (E1: “Eu até peso perdi, quase 10kg. Eu estava magríssimo.”; E2: “(...) naquela altura eu emagreci muito. Perdi 10 quilos, nos primeiros meses que andei com ela...”), como do seu aumento exponencial (E3: “vinguei-me na comida... engordei 30kg... só comia para curar o vazio”), em 2 entrevistados dores físicas (E1: “...doía-me a cabeça... doía-me tudo.”), crises de ansiedade (n=2) (E1: “Nessa viagem, eu pingava... estava com a roupa molhada...completamente acelerado... doía-me o peito e custava-me a respirar. Passei a noite quase toda assim...enquanto discutimos. tive um ataque de pânico. O meu primeiro. No dia seguinte, acabei por ir ao hospital e foi quando soube que tinha sido um ataque de pânico.”; E8: “tenho crises de ansiedade...”) e problemas no aparelho digestivo (E2: “Chegou a uma altura em que eu tinha o sistema nervoso tão alterado que eu vomitava, não conseguia sequer segurar comida no estômago...”) relatado por um entrevistado. Contudo, todos os participantes (n=8), encontram-se capazes de atribuir um significado positivo relativamente à experiência abusiva, principalmente ao nível do autoconhecimento, de si próprio, dos seus limites e ambições (E6: “acaba por nos dar outras estratégias para lidar com as situações, pronto. É uma aprendizagem que é importante fazer...”; E2: “isto foi tipo a maior experiência da minha vida, a maior coisa da minha vida. Mas por outro lado, estou mesmo feliz...é das coisas que mais me orgulho porque ao fim de

23 anos, eu consegui levantar-me, lutar por mim... esta é a história que faz de mim aquilo que eu sou, que me define como (E2), a pessoa no ano 2014. É isto tudo que me faz estar aqui. Isto mudou-me. Não olho da mesma forma para as pessoas porque eu quero coisas diferentes... foi graças a ela que defini objetivos de vida, quero casar, ter filhos, ser bem sucedida profissionalmente, construí-me como pessoa, sei quem sou e sei o que quero... Isto foi das coisas mais positivas que ela me trouxe... eu vejo que ela me destruiu tanto para eu me reconstruir.) e dois entrevistados consideraram estar mais consciencializados para estas situações (E8: “Agora também já sei como lidar e como parar... como parar e quando dizer chega e não vou passar mais por isto...”; E2: “Hoje em dia, se andasse com alguém tão mais velho, não deixava que me tratassem assim. Respeito acima de tudo. E se calhar, se calhar não. Eu permiti coisas que não sabia que não poderia permitir. Eu não sabia que havia limites daí ter sido tão permissiva.”).

Quanto às estratégias para lidar com a situação abusiva, mais concretamente ao *coping* de resolução de problemas, verificou-se que estes eram variados, consoante os episódios, a evolução da relação e respetiva violência. Contudo, todos os participantes, em determinada fase, adotavam uma estratégia de passividade, assumindo a culpa (E5: “Eu dava-lhe a razão. Eu achava que ela não tinha assim tanta razão, mas eu dava-lhe e ela ficava toda contente e ficava tudo bem...”; E2: “Era sempre eu a pedir desculpa, sempre. Eu acho que ela nunca me pediu desculpa... E eu liguei-lhe a pedir-lhe desculpa por não ter ido ter com ela porque tive um acidente como se o acidente fosse algo preparado.”; E1: “...pedia desculpa e tínhamos relações”), não reagindo (E1: “Passei a calar-me. Encolhia-me no sofá e pronto. Esperava que se acalmasse...”) ou saindo da situação (E8: “saía de perto dela”; E3: “eu saía de casa”). Dois entrevistados admitiram a adoção, a determinado momento da relação, de estratégias ativas como ripostar (n=1) (E5: “...comecei a ripostar mais...”; E8: “comecei a levantar a mão também... comecei a responder também... comecei a chamar nomes também...”). Ainda no

que se refere às estratégias para lidar com a situação abusiva de caráter ativo, nomeadamente no que toca aos pedidos de ajuda, constatou-se que nenhum participante pediu ajuda, não considerando, por isso, a necessidade de apoio de entidades formais (instituições autoridades), dado que a situação não era percebida como abusiva (“E1: “...não era violência propriamente dita, não era algo físico que deixasse marca”; E2: “ Não senti que era abusada”) e pela necessidade de manter o relacionamento e, conseqüentemente, tudo o que ocorre no seio relacional, escondido pelo receio de estigmatização, discriminação e desvalorização da problemática (E1: “Porque implicava que tinha que admitir que namorava com um homem. Era um preço demasiado alto.”; E3: “essa ideia nunca me passou pela cabeça... isso queria dizer que tinha de me assumir perante pessoas desconhecidas e isso assustava-me e estava e está fora de questão... Nós temos o medo... o medo da pessoa e o medo que se saiba... não o que se passa, mas que somos homossexuais... basta isto, para que se tolere tudo e mais alguma coisa... Não sei... talvez eu ir à polícia não fosse... sei lá... eu não iria... para ser mal tratada, já me chegava a minha ex”).

Discussão dos resultados

Este estudo pretendeu contribuir para a compreensão do fenómeno da violência nas relações de intimidade entre pessoas do mesmo sexo, demonstrando, a partir da análise de conteúdo, alguns dos aspetos presentes no mesmo.

Tendo como base os dados apurados através das entrevistas realizadas e a literatura existente sobre a presente problemática, é possível retirar algumas ilações face às temáticas dominantes.

Relativamente às características inerentes à violência encontradas pelos/as entrevistados/as, verifica-se que esta tende a manifestar-se na forma psicológica, física e sexual, sendo a violência psicológica a mais comumente referida (Antunes & Machado, 2005; Costa et al., 2011). Destaca-se ainda a evolução em termos de severidade e frequência dos comportamentos abusivos, demonstrando assim a existência de uma escalada do abuso

com o decorrer da relação (Antunes & Machado, 2005; Mahoney, Williams, & West, 2001), na qual, a agressão psicológica tende a constituir um preditor de outras formas de violência (Antunes & Machado, 2005). Ainda neste âmbito, verifica-se a referência a comportamentos abusivos de ambas as partes, sendo este um dos aspetos para o qual alguns estudos nos sensibilizam, nomeadamente Costa e seus colaboradores (2011), que revelam que os/as perpetradores/as de abuso, em algum momento, terão sido vítimas, sugerindo também, possíveis comportamentos de autodefesa, remetendo para a bidirecionalidade da violência.

Um aspeto curioso emergente de duas entrevistas de forma direta, é a ameaça de *outing*, uma característica exclusiva entre indivíduos do mesmo sexo. Esta é uma forma de abuso psicológico específico que se assume como uma estratégia de controlo e intimidação utilizada geralmente para impedir o/a companheiro/a de abandonar a relação (Wilson, 1997, citado por Costa et al., 2011). Esta característica específica inerente a este tipo de relacionamento tende a ser fomentada pela homofobia social a que estes indivíduos são sujeitos, podendo ter implicações nas mais variadas áreas da vida da vítima (profissional, familiar, entre outras) (Curran & Renzetti, 1992, citados por Costa et al., 2011), sendo esta considerada uma forma bastante eficaz de domínio e subjugação do/a parceiro/a (Antunes & Machado, 2005).

Ainda como resultado da homofobia e do heterossexismo enraizados na sociedade, as comunidades LGBT (Lésbicas, *Gays*, Bissexuais e Transgéneros) não consideram o pedido de ajuda a entidades (in)formais uma estratégia a adotar, por um lado, porque não encaram a relação abusiva como um problema e, em parte, porque consideram que serão alvo de discriminação (Donovan, Hester, Holmes, & McCarry, 2006). Por estes motivos, as vítimas tendem a considerar o/a companheiro/a como o/a seu/sua único/a sistema de suporte (Costa et al., 2011). Assim, todas estas variáveis contribuem para uma “dupla invisibilidade” (Antunes & Machado, 2005, p. 167) da qual parece ser quase impossível as vítimas saírem (Costa et al., 2011).

No que se refere ao impacto da violência nos relacionamentos íntimos entre indivíduos do mesmo sexo, é possível constatar-se a presença de implicações nas mais variadas áreas da vida dos/as entrevistados/as. Randle e Graham (2011) realçam a presença de sintomas depressivos, ideação suicida e de *stress* pós-traumático decorrente da violência entre parceiros/as íntimos/as. No que diz respeito à culpabilização, a vítima tende a considerar que a conduta violenta é, de alguma forma, culpa sua e, como tal, deveria e deve ser evitada por si (Walsh, 1996). Por outro lado, Nunan (2004, citado por Costa et al., 2011) refere que esta culpabilização advém do preconceito sexual relativamente a si próprio, no qual o indivíduo considera que a violência surge como “penalização” em relação à sua orientação sexual considerada “doentia” e “perversa”. Não obstante, para Walsh (1996), a vítima sente-se isolada e encontra-se num estado de vulnerabilidade e dependente da relação, tendo por isso a necessidade de desvalorizar as situações de violência.

Por fim, e ainda no campo do impacto da violência nos relacionamentos íntimos, emergem duas subcategorias, aparentemente ausentes na literatura revista, relativas ao desenvolvimento de competências pessoais: o autoconhecimento e a consciencialização do problema, considerando assim que os episódios abusivos acarretam consequências, numa perspectiva de resiliência, algo enriquecedoras a longo prazo, existindo vítimas que conseguem enfrentar estas experiências adversas através de estratégias de *coping* reguladoras do bem-estar que lhes permitem retirar alguma aprendizagem das mesmas para o futuro.

5. Limitações e Potencialidades

O presente estudo permite suprir algumas das importantes lacunas da investigação neste âmbito: a compreensão do fenómeno da violência nos relacionamentos íntimos entre parceiros/as do mesmo sexo, no seu todo, através do olhar dos envolvidos, permitindo-nos ter acesso a representações, significados e sentimentos vivenciados. Neste sentido, verifica-se que o fenómeno estudado ocorre também em relacionamentos entre parceiros/as do mesmo

sexo, não podendo por isso, ser negligenciado nem associado meramente aos relacionamentos ditos tradicionais. Concomitantemente, este estudo permitiu verificar dinâmicas de violência caracterizadas como sendo específicas aos relacionamentos entre pessoas do mesmo sexo, tendo como base, a discriminação existente na sociedade face à homossexualidade. Os dados apurados por este estudo fornecem pistas, não só para futuras investigações nos estudos de violência entre parceiros/as íntimos/as, nomeadamente acerca do papel da distância como promotora e/ou desculpabilizadora da ocorrência da violência, da homofobia internalizada nos envolvidos e o grau de isolamento, não só de uma perspetiva geral, mas também da ausência de redes de apoio informais (e.g., familiares, pares), como para uma intervenção mais adequada às características da população-alvo, dado que as estratégias de intervenção dependem diretamente de análises mais criteriosas das causas, perspetivas, interações e características particulares observadas. Por outro lado, importa destacar as perceções menos positivas face às entidades formais de apoio, resultantes do heterossexismo e homofobia instalados na nossa dinâmica social, que de alguma forma, promovem uma “dupla invisibilidade” (Antunes & Machado, 2005, p. 167) do fenómeno e um profundo silêncio e isolamento das vítimas, sendo por isso imperativa, a compreensão e a desmistificação de mitos associados à homossexualidade e à violência nas relações de intimidade. Assim, devem ser desenvolvidos esforços com vista a eliminar a negação do abuso nas relações entre pessoas do mesmo sexo e, conseqüentemente, o seu silêncio, através de uma maior sensibilização da comunidade em geral para a violência nos relacionamentos íntimos, quer de índole heterossexual, quer homossexual, através da consciencialização e educação para a igualdade, e das entidades formais (e.g., órgãos de polícia criminal).

No entanto, este estudo apresenta algumas limitações, das quais se destacam a subjetividade dos resultados apurados. Neste sentido, e apesar de terem sido realizadas análises aprofundadas de todos os segmentos em cada categoria com vista ao estabelecimento

de padrões, interpretações e inferências, o estabelecimento de ligação entre os dados é necessariamente subjetivo, não sendo por isso possível elaborar generalizações. Por outro lado, este tipo de investigação tem sido alvo de discussão e avaliação quanto ao rigor e controlo metodológico, face à idiosincrasia associada a cada estudo (Santos, 1985), mas atendendo ao objetivo preliminar do mesmo – conhecer um pouco mais, do ponto de vista dos/as envolvidos/as, o fenómeno – considerou-se o método adequado. Ainda no que se refere às limitações, parece pertinente realçar a pouca homogeneidade da amostra, destacando a presença maioritariamente de elementos do sexo feminino, o que pode ter implicações nos resultados obtidos. Por último, constata-se a existência de aspetos não explorados no presente estudo, nomeadamente, questões ligadas ao contexto em que as condutas abusivas ocorrem, as quais deveriam ser exploradas em estudos posteriores.

Em suma, este é um fenómeno que não pode ser mais negligenciado e para o qual, a sociedade (in)diretamente tem contribuído, sendo por isso, imperativa a criação de ações de prevenção e o alargamento das investigações nesta temática, abarcando, cada vez mais, amostras maiores e mais inclusivas de pessoas com experiência em relacionamentos íntimos do mesmo sexo.

Referências Bibliográficas

- Almeida, L. A. & Freire, T. (1997). *Metodologia da Investigação em Psicologia e Educação*. Coimbra: APPORT.
- Antunes, R. & Machado, C. (2005). Dupla invisibilidade: A violência nas relações homossexuais. *Psychologica*, 39, 167-187.
- Bardin, L. (2009). *Análise de Conteúdo*. Coimbra: Edições 70.
- Blosnich, J. R., & Bossarte, R. M. (2009). Comparisons of intimate partner violence among partners in same-sex and opposite-sex relationships in the United States. *American Journal of Public Health*, 99(12), 2182–2184.

- Carvalho, A. F., Lewis, R. J., Derlega, V. J., Winstead, B. A. & Viggiano, C. (2011). Internalized Sexual Minority Stressors and Same-Sex Intimate Partner Violence. *Journal of Family Violence, 26*, 501-509.
- Costa, L. G., Machado, C. & Antunes, R. (2011). Violência nas relações homossexuais: A face oculta da agressão na intimidade. *Psychologica, 1*, 2-15.
- Cruz, J. M. (2003). “Why doesn’t he just leave?”: Gay male domestic violence and the reasons victims stay. *Journal of Men’s Studies, 11*, 309–323.
- Donovan, C. Hester, M. Holmes, J. McCarry, M. (2006). Comparing domestic abuse in same sex and heterosexual relationships. Retirado a 16 de agosto de 2015, de <http://www.bris.ac.uk/sps/research/projects/completed/2006/rc1307/rc1307finalreport.pdf>.
- Duke, A. & Davidson, M. M. (2009). Same-Sex Intimate Partner Violence: Lesbian, Gay, and Bisexual Affirmative Outreach and Advocacy. *Journal of Aggression, Maltreatment & Trauma, 18*, 795–816.
- Finneran, C. & Stephenson, R. (2013). Gay and Bisexual Men’s Perceptions of Police Helpfulness in Response to Male-Male Intimate Partner Violence. *Western Journal of Emergency Medicine, 14*(4), 354-362.
- Klostermann, K., Kelley, M. L., Milletich, R.J. & Mignone, T. (2011). Alcoholism and partner aggression among gay and lesbian couples. *Aggression and Violent Behavior, 16*, 115–119.
- Mahoney, P., Williams, L. M. & West, C. M. (2001). Violence against women by intimate relationships partners. In C. M. Renzetti, J. L. Edleson, & R. K. Bergen (Eds.), *Sourcebook on violence against women* (143-178). Thousand Oaks: Sage Publications.
- Randle, A. A. & Graham, C. A. (2011). A Review of the Evidence on the Effects of Intimate Partner Violence on Men. *Psychology of Men & Masculinity, 12*(2), 97-111.

- Santos, A. C. (2012). Entre duas mulheres isso não acontece – Um estudo exploratório sobre violência conjugal lésbica. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 98, 3-24.
- Santos, B. S. (1985). *Um discurso sobre as Ciências*. Coimbra: Almedina.
- Walsh, F. (1996). Partner abuse. In D. Davies, & C. Neal (Eds.), *Pink therapy: A guide for counsellors and therapists working with lesbian, gay and bisexual clients* (pp. 188-198). Buckingham: Open University Press.
- Yu, Y., Xiao, S. & Liu, K. Q. (2013). Dating Violence Among Gay Men in China. *Journal of Interpersonal Violence*, 28(12), 2491–2504.

Conclusão Geral

O fenómeno da violência nos relacionamentos entre pessoas do mesmo sexo tem vindo a ganhar alguma visibilidade, ainda que escassa, na comunidade científica. Deste modo, e apesar do forte movimento desde a década de 70 que visou o estudo deste fenómeno em relacionamentos heterossexuais, muito aliado ao movimento feminino emergente e característico da época (Jasinski & Williams, 1998, citados por Costa, Machado, & Antunes, 2011), verifica-se que esta forma de violência não é exclusiva a relacionamentos de teor heterossexual, demonstrando-se transversal a géneros, religiões, contextos geográficos (Rohrbaugh, 2006) ou até mesmo a classes sociais (Costa, Vieira, Santos, & Santos, s/data). Apesar desta constatação corroborada pelos diversos estudos desenvolvidos com populações que tiveram relacionamentos íntimos com pessoas do mesmo sexo aliada, por um lado, às diversas implicações que acarretam a vários níveis (e.g., individual, social e familiar) (Costa et al., s/d; Madera & Toro-Alfonso, 2005), e, por outro, à criminalização da violência perpetrada contra pessoas do mesmo sexo em contexto de conjugalidade prevista pelo Código Penal Português, verificam-se diversos fatores na nossa sociedade que criam algumas resistências para um conhecimento mais aprofundado deste fenómeno e, conseqüentemente, a uma maior capacidade para prevenir e/ou dar resposta a situações concretas. Foi então neste âmbito, que surgiu o interesse pelo estudo deste fenómeno, pretendendo compreendê-lo de uma forma mais ampla.

Através da conjugação de metodologias adotada, esta investigação permitiu desvendar, ainda que parcialmente, a realidade da violência nos relacionamentos de intimidade entre indivíduos do mesmo sexo, sensibilizando para a necessidade deste tipo de violência não ser negligenciada e, desmistificando, de alguma forma, o mito patente na sociedade vigente da violência como sendo exclusiva a relacionamentos de teor heterossexual. De facto, a

violência nos relacionamentos heterossexuais assume uma maior visibilidade social, mas os dados apurados demonstram a existência desta problemática nos relacionamentos de índole homossexual, revelando níveis de prevalência preocupantes. Por sua vez, a vertente qualitativa desta investigação permitiu a compreensão do contexto interpretativo à maioria dos casos relatados, nomeadamente à desvalorização das formas de violência que não sejam “visíveis” (e.g., psicológicas), à culpabilização da vítima pela ocorrência dos mesmos e, conseqüente, desculpabilização dos agentes perpetradores e à própria invisibilidade tão comumente associada a esta problemática em relacionamentos íntimos entre pessoas do mesmo sexo.

De uma forma um pouco mais pormenorizada, pretendeu-se analisar a forma como ambos os estudos empíricos se integram e complementam. Assim, e de uma forma macroscópica, o estudo de índole quantitativa permitiu mensurar de uma forma manifesta a violência (92.3% em termos de perpetração e 91.7% de vitimação), tendo a agressão psicológica se assumido como a principal forma de violência (70.2% refere-se à perpetração e 69.6% à vitimação). Embora no estudo qualitativo se tenha verificado não só a presença dos três tipos de violência apurados no estudo quantitativo e a presença, no total da amostra, da agressão psicológica, a verdade é que a informação apurada não assume um caráter palpável. Por outro lado, embora se verifique, no estudo quantitativo, uma correlação significativa entre vitimação e perpetração, sugerindo a bidirecionalidade da violência, não é possível compreender algumas das questões subjacentes à adoção destes comportamentos. Esta lacuna acaba por ser suprida pelo estudo qualitativo, o qual, através dos relatos dos entrevistados, nos remete para o uso da violência por parte da amostra como uma estratégia de resposta imediata à situação de *stress*, nomeadamente de autodefesa, corroborando ainda, a bidirecionalidade do abuso verificada no estudo quantitativo. Ainda na complementaridade do estudo qualitativo aos dados apurados pelo quantitativo, verifica-se a caracterização da violência quanto à sua dinâmica e a sua

evolução durante a relação, levando-nos a compreender que a mesma é maioritariamente reiterada e em escalada, o que nos remete para a evidência empírica que tende a considerar o abuso psicológico como preditor de outras formas de violência (Antunes & Machado, 2005). Através deste estudo, constataram-se ainda percepções dos entrevistados relativamente às motivações subjacentes à violência por parte do seu (ex) parceiro/a, à própria violência da qual foram alvo, considerada como uma “não violência”, “normalizando” assim a experiência abusiva, e às entidades (in)formais de apoio, as quais se mostram, na maioria, associadas ao não pedido de ajuda. Neste âmbito emergiu um dos fatores de *stress* idiossincrático da violência nos relacionamentos entre indivíduos do mesmo sexo – *outing* – que leva à invisibilidade do fenómeno estudado. Desta forma, o silêncio sobre a relação seguida da omissão da violência presente na mesma, fomentado pela homofobia, heterossexismo e crenças erróneas (e.g., a violência pertence à esfera privada do casal), leva, necessariamente, à “dupla invisibilidade” da problemática (Antunes & Machado, 2005, p. 167), à manutenção e perpetuação da violência (Santos, 2012; Vickers, 1996), e coloca os indivíduos envolvidos em relacionamentos de índole homossexual em situação de maior vulnerabilidade. Ainda através deste estudo, foi possível verificar diversas áreas e formas de impacto que este fenómeno tem nos seus atores e as respetivas significações. Assim, e de uma forma concomitante, os indivíduos que experimentam violência nos seus relacionamentos íntimos tendem a viver em torno de um dilema complexo: a revelação e a ocultação do abuso, as quais acarretam inevitavelmente consequências inestimáveis e diferentes para as suas vidas (Costa et al., s/d).

A realização do estudo quantitativo permitiu ainda identificar fatores sócio-demográficos (e.g., género) relacionais e formativos (e.g., tipo de relacionamento íntimo; duração do relacionamento íntimo) associados aos diferentes tipos de abuso (em termos de vitimação e perpetração) os quais não são identificados nem relacionados em estudos qualitativos.

Através das conjecturas referidas, conclui-se que a ausência de um maior número de investigação sobre este fenómeno acarreta consequências ao nível das políticas e dos serviços disponíveis para os atores envolvidos em relacionamentos íntimos abusivos entre pessoas do mesmo sexo (Santos, 2012). Assim, os resultados apurados pelos diferentes estudos presentes nesta dissertação, apesar das limitações referidas (cf. Artigo 2 e Artigo 3), devem ser analisados cautelosamente e criteriosamente, dando-nos assim, pistas para investigações futuras, nomeadamente, no que se refere ao impacto da vitimação (e.g., sintomatologia associada; variáveis psicológicas: depressão, ansiedade), ideação suicida e homicida. Nesta perspetiva, urge ainda o desenvolvimento de estudos de carácter longitudinal que permitam aprofundar a compreensão do impacto que este fenómeno tem no funcionamento psicológico, físico e social dos envolvidos. Por outro lado, esta dissertação e a necessidade emergente relativa ao aprofundamento do conhecimento, contribuirão para dar resposta de uma forma mais adequada aos indivíduos envolvidos em relacionamentos abusivos. A intervenção deverá assentar numa perspetiva tripartida, isto é, a nível individual, cultural e institucional (Girshick, 2002), com vista à eliminação do contexto social preconceituoso e desmistificação de crenças erróneas (e.g., a violência nos relacionamentos íntimos é uma violência de género) (Topa, 2010), tendo como propósito a anulação dos obstáculos existentes e inerentes a estes relacionamentos em específico (e.g., homofobia e heterossexismo sociais como promotores da invisibilidade). Considerando que o maior desafio relativamente à violência nos relacionamentos íntimos entre pessoas do mesmo sexo é a invisibilidade social, a qual resulta de fatores estigmatizantes e discriminatórios da própria sociedade (Antunes & Machado, 2005; Santos, 2010; Topa, 2010), a prevenção através de estratégias de sensibilização e consciencialização da problemática, assume-se como fulcral. Neste sentido, seria relevante um maior investimento político por parte do Estado, movimentos sociais e restantes instituições no desenvolvimento de respostas públicas efetivas e eficazes para a prevenção

deste fenómeno (Santos, 2012). Não obstante, a investigação desta problemática pode contribuir ainda para o aumento do número de serviços disponíveis tanto para vítimas quanto para ofensores, tendo com base as especificidades deste fenómeno nos relacionamentos deste teor, ou para o alargamento e adequação nos serviços já existentes (Antunes & Machado, 2005). Rodrigues, Oliveira e Nogueira (2011) realçam que será apenas através da prevenção e intervenção adequadas e direcionadas também para indivíduos envolvidos em relacionamentos abusivos com pessoas do mesmo sexo, que se construirá efetivamente uma sociedade inclusiva.

Referências Bibliográficas

- Antunes, R. & Machado, C. (2005). Dupla invisibilidade: A violência nas relações homossexuais. *Psychologica*, 39, 167-187.
- Costa, E., Vieira, I., Santos, J. & Santos, M. (s/data). *Violência doméstica contra homossexuais: máscaras e mitos: a mídia como instrumento de (in)visibilidade da violência contra homossexuais no âmbito familiar*. Apresentado no VI Congresso internacional de estudos sobre a diversidade sexual e de gênero da ABEH.
- Costa, L. G., Machado, C. & Antunes, R. (2011). Violência nas relações homossexuais: A face oculta da agressão na intimidade. *Psychologica*, 1, 2-15.
- Girshick, L. B. (2002). No sugar, no spice: Reflections on research on woman-to-woman sexual violence. *Violence Against Women*, 8(12), 1500–1520.
- Madera, S. R. & Toro-Alfonso, J. (2005). Description of a Domestic Violence Measure for Puerto Rican Gay Males. *Journal of Homosexuality*, 50(1), 155-173.
- Milletich, R. J., Gumienny, L. A., Kelley, M. L. & D’Lima, G. M. (2014). Predictive Factors for Intimate Partner Violence Against Women. *Journal of Family Violence*, 29(6), 653-664.
- Murray, C. E., Mobley, A. K., Buford, A. P., & Seaman-DeJohn, M. M. (2006/2007). Samesex intimate partner violence: Dynamics, social context, and counseling implications. *The Journal of LGBT Issues in Counseling*, 1(4), 7-30.
- Rodrigues, L., Oliveira, J. M. & Nogueira, C. (2011). A resposta institucional à violência entre casais LGB: um estudo exploratório. In A. I. Sani (Coord.) *Temas de Vitimologia*. (pp. 307-326). Coimbra: Almedina.
- Rohrbaugh, J. B. (2006). Domestic violence in same-gender relationships. *Family Court Review*, 44(2), 287–299.

- Santos, A. C. (2012). Entre duas mulheres isso não acontece – Um estudo exploratório sobre violência conjugal lésbica. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 98, 3-24.
- Topa, H. (2010). No arco-íris também há roxo: Violência conjugal nas relações lésbicas. *LES online*, 2 (1), 13-21.
- Vickers, L. (1996). The second closet: Domestic violence in lesbian and gay relationships: A western australian perspective. *Family Violence Law and Legislation*, 3(4). Retirado a 16 de agosto de 2015, de <http://www.murdoch.edu.au/elaw/issues/v3n4/vickers.html>.
- Ministério da Administração Interna. (2014). Violência Doméstica – 2013: Relatório anual de monitorização. Retirado a 26 de setembro de 2015, de http://www.dgai.mai.gov.pt/files/conteudos/Rel%20VD%202013_%20v14ago2014.pdf.

Anexos

Anexo A

Escalas de Tácticas de Conflicto Revisadas (CTS-2)

Anexo B

Protocolo de Investigação

Anexo C

Correlações entre tipos de abuso perpetrados e vitimados

Anexo D

Guião da Entrevista

Anexo E

Cr terios tem ticos de categoriza o

